

# *Pós-escrito*

ISSN 1808-0154  
v. 11, n. 1 | 2026

*Exegeses do  
Antigo  
Testamento*



Faculdade Batista  
do Rio de Janeiro  
Seminário do Sul



## **Direção Geral**

Pr. Fernando Brandão  
Pr. Pedro Veiga

## **Direção Acadêmica**

Prof. Dr. Valtair Afonso Miranda

# **REVISTA PÓS-ESCRITO**

Revista Pós-Escrito  
(ISBN 1808-0154)

Copyright© by Seminário Teológico Batista do Sul  
do Brasil/Faculdade Batista do Rio de Janeiro

## **Editor responsável**

Prof. Me. Anderson Silva de Araujo

## **Editores**

Dr. Valtair Afonso Miranda  
Prof. Me. Anderson Silva de Araujo

## **Comitê de apoio técnico**

Vitor Emanuel Correa de Mesquita

## **Revisão**

Vitor Emanuel Correa de Mesquita

Túlio Silveira Andrade

Paulo Sergio Domingues Moreira

Daniel Lira de Andrade

Douglas Soares de Oliveira

Nathália Gouveia Nascimento Gomes

Gabriel Mulins Duarte

## **Arte de capa**

Túlio Andrade

## **Diagramação**

Vitor Emanuel Correa de Mesquita

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da Instituição e seu Conselho Editorial.

**Endereço para correspondência**

**Revista Brasileira de Teologia**

Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil

Rua José Higino, 416 - Tijuca

20510-412 - Rio de Janeiro, RJ

Central de Atendimento: 0800 580 3597

[seminariodosul.com.br](http://seminariodosul.com.br)

## O sermão do Templo em Jeremias 7:1-7

### Uma Análise Exegética

Flávio Henrique Massacessi Sanches Porto<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise exegética de Jeremias 7:1-7, texto que introduz o chamado “Sermão do Templo”. A perícopes evidencia a denúncia profética contra a falsa confiança religiosa do povo de Judá, que depositava sua segurança na existência do templo de Jerusalém, enquanto mantinha práticas de injustiça social, idolatria e hipocrisia espiritual. A pesquisa parte da tradução literal do texto hebraico e desenvolve etapas clássicas da metodologia exegética, incluindo delimitação da perícopes, crítica textual, análise da coesão interna, estrutura literária, contexto histórico-cultural e materialidade arqueológica. A investigação demonstra que a mensagem de Jeremias confronta a dissociação entre culto e vida ética, enfatizando que a permanência na terra prometida estava condicionada à prática da justiça, ao cuidado com os vulneráveis e à fidelidade à aliança com Deus. O estudo também evidencia que o discurso profético apresenta características típicas de um oráculo de advertência, estruturado em chamado ao arrependimento, denúncia da falsa religiosidade e promessa condicional. Conclui-se que Jeremias 7:1-7 constitui um forte apelo à coerência entre fé e prática, revelando que a verdadeira adoração exige transformação de vida e compromisso com a justiça.

**Palavras-chave:** Jeremias; sermão do templo; exegese do Antigo Testamento; profetismo bíblico; justiça social.

#### ABSTRACT

This article presents an exegetical analysis of Jeremiah 7:1–7, a passage that introduces the well-known “Temple Sermon.” The pericope exposes the prophetic denunciation of the false religious confidence of the people of Judah, who trusted in the existence of the temple in Jerusalem while maintaining practices of social injustice, idolatry, and spiritual hypocrisy. The study begins with a literal translation of the Hebrew text and follows the classical steps of exegetical methodology, including the delimitation of the pericope, textual criticism, analysis of internal cohesion, literary structure, and historical-cultural context, as well as material and archaeological considerations. The analysis demonstrates that Jeremiah’s message confronts the separation between religious worship and ethical life, emphasizing that remaining in the promised land was conditioned upon the practice of justice, care for the vulnerable, and fidelity to the covenant with God. Furthermore, the study highlights that the prophetic discourse fits within the literary genre of a warning oracle, structured around a call to repentance, a denunciation of false religiosity, and a conditional promise. The article concludes that Jeremiah 7:1–7 presents a powerful call to coherence between faith and practice, affirming that true worship requires ethical transformation and commitment to justice.

**Keywords:** Jeremiah. Temple Sermon. Old Testament Exegesis. Biblical Prophecy. Social

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia e pós-graduando em Novo Testamento pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro. Atua como professor de Escola Bíblica Dominical em sua igreja local e desenvolve interesse nas áreas de exegese bíblica e teologia bíblica. Também trabalha na área administrativa como analista de compras na Junta de Missões Nacionais.

Justice.

## 1 INTRODUÇÃO

A perícopé de Jeremias 7.1-7 marca o início de uma das mensagens mais contundentes do profeta, tradicionalmente conhecida como o “Sermão do Templo”. O texto inicia-se com a clássica fórmula de introdução profética: “Palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor”, indicando que a mensagem tem origem direta na revelação divina. Em seguida, Jeremias recebe a ordem de posicionar-se à porta do templo de Jerusalém para proclamar uma mensagem ao povo que se dirigia ao local para adorar. O cenário da proclamação possui grande relevância teológica e simbólica. O templo representava o centro da vida religiosa de Judá e era considerado o principal sinal da presença de Deus entre o povo. É justamente nesse ambiente de culto que o profeta confronta a falsa segurança religiosa dos israelitas. A mensagem denuncia que a prática religiosa ali realizada havia se tornado meramente formal, uma vez que o povo continuava a viver marcado por injustiças sociais, idolatria e incoerência espiritual.

Essa perícopé é fundamental para a compreensão da teologia do livro de Jeremias, pois evidencia a tensão entre culto e ética. O povo de Judá havia desenvolvido a convicção de que apenas a presença do templo em Jerusalém garantiria proteção contra o juízo divino. Entretanto, por meio da palavra profética, Deus afirma que sua presença não pode ser tratada como um amuleto ou garantia automática de segurança. O Senhor não se agrada de rituais vazios, mas exige transformação de vida e fidelidade à aliança. Dessa forma, Jeremias convoca o povo ao arrependimento e à mudança de conduta, enfatizando que apenas uma prática de vida marcada pela justiça e pela obediência poderia assegurar a permanência na terra prometida. Embora breve, a perícopé apresenta grande densidade teológica, funcionando como uma introdução ao desenvolvimento do Sermão do Templo e como um forte alerta contra uma religiosidade desvinculada do compromisso ético diante de Deus.

## 2 TRADUÇÃO LITERAL<sup>2</sup>

v.1:

A palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor, dizendo:

v.2:

Põe-te de pé na porta da casa do Senhor e proclama ali esta palavra e dize: Ouvi a palavra do Senhor, todos vocês, de Judá, que entram por estas portas para adorar ao Senhor.

v.3:

Assim disse o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Melhorem os seus caminhos e as suas ações, e então farei vocês habitarem neste lugar.

v.4:

Não confiem em palavras enganosas, dizendo: "Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este."

v.5:

Pois, se de fato melhorarem os seus caminhos e as suas ações, se de fato praticarem a justiça entre o homem e o seu próximo,

v.6:

não oprimirem o estrangeiro, o órfão e a viúva, e não derramarem sangue inocente neste lugar, e não seguirem após outros deuses para o próprio mal de vocês,

v.7:

então farei vocês habitarem neste lugar, na terra que dei a seus pais, desde sempre e para sempre.

## 3 DELIMITAÇÃO

A perícope apresenta limites literários relativamente claros dentro da estrutura do livro. O início da unidade textual é marcado pela fórmula profética típica: “Palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor” (v.1), expressão recorrente na literatura profética que introduz uma nova seção de revelação divina. Essa fórmula funciona como um indicador literário que delimita o começo de um novo discurso profético. No versículo 2, o texto

---

<sup>2</sup> A tradução literal, assim como as citações bíblicas presentes ao longo do artigo, foi elaborada pelo autor.

descreve o contexto da proclamação, quando Jeremias recebe a ordem de posicionar-se à porta do templo de Jerusalém para anunciar a mensagem ao povo que ali se dirigia para adorar. A localização da mensagem é significativa, pois indica que o discurso tem caráter público e é direcionado a toda a comunidade de Judá que participava do culto no templo.

Os versículos 3 a 6 desenvolvem o corpo da exortação profética. Neles, o profeta transmite a palavra do Senhor conclamando o povo a mudar seus caminhos e suas ações, abandonando práticas de injustiça, violência e idolatria. Ao mesmo tempo, o texto denuncia a falsa confiança depositada na existência do templo, representada pela repetição enfática da expressão “Templo do Senhor” no versículo 4, que evidencia a ilusão religiosa do povo. A unidade textual encontra sua conclusão no versículo 7, que apresenta uma promessa condicional. Deus declara que permitirá ao povo permanecer na terra concedida aos seus antepassados caso haja uma mudança genuína de comportamento. Essa promessa funciona como o fechamento lógico da exortação, estabelecendo a relação entre obediência à aliança e permanência na terra.

No que diz respeito ao contexto literário mais amplo, o capítulo 6 encerra uma série de anúncios de juízo contra Judá e Jerusalém, não apresentando conexão direta com o discurso do templo. Já a partir do versículo 8 do capítulo 7, o sermão continua, mas com um desenvolvimento mais detalhado das acusações contra o povo. Assim, Jeremias 7:1-7 pode ser compreendido como a introdução do chamado “Sermão do Templo”, apresentando de forma condensada os principais temas que serão ampliados nos versículos seguintes. Dessa forma, a delimitação de Jeremias 7:1-7 como uma unidade literária é justificada pela presença de uma fórmula introdutória profética, pelo desenvolvimento coerente de uma exortação central e pela conclusão com uma promessa condicional, elementos que configuram uma perícopa autônoma dentro do discurso profético.

#### **4 CRÍTICA TEXTUAL**

O texto da Bíblia Hebraica foi transmitido ao longo de muitos séculos por meio de diferentes tradições manuscritas. Antes mesmo do primeiro século da era cristã, já existiam algumas variações textuais resultantes do processo de transmissão e preservação das Escrituras. Entre as principais testemunhas textuais do Antigo Testamento destacam-

se o Texto Massorético, a tradução grega da Septuaginta (LXX) e o Pentateuco Samaritano (Pisano, 2000, p. 39). Considerando que nenhuma dessas tradições pode ser entendida isoladamente como o texto bíblico original em sua forma primitiva, o estudo exegético requer a análise comparativa entre essas diferentes testemunhas textuais. Conforme observa Tov (2001, p. 2), a investigação das variações entre os manuscritos é uma etapa essencial para uma compreensão mais precisa do texto bíblico.

Nesse sentido, a crítica textual busca examinar o processo de transmissão do texto hebraico e das antigas traduções, procurando identificar possíveis alterações ocorridas ao longo da história da tradição manuscrita. O objetivo desse método é aproximar-se, na medida do possível, da forma mais provável do texto original (Steck, 1998, p. 40). Esse trabalho envolve duas direções principais de análise. A primeira é a crítica externa, que observa e compara os diferentes manuscritos e tradições textuais disponíveis. A segunda é a crítica interna, que considera aspectos como a coerência do texto, o uso do vocabulário, o estilo literário e a teologia presente na passagem analisada (Silva, 2000, p. 45).

#### 4.1 APARATO CRÍTICO

##### v.1:

O texto está bem preservado na tradição massorética. A construção “הַדְּבָר אֲשֶׁר הָיָה” “אֶל-יְרֵמְיָהוּ” é uma fórmula típica de introdução profética, também presente em outras partes do livro. Não há variantes significativas neste versículo. As versões antigas (como a Septuaginta) mantêm a mesma estrutura básica do texto, não apresentando variantes significativas.

##### v.2:

A expressão “עָמַד בְּשַׁעַר בַּיִת-יְהוָה” chama atenção por sua localização geográfica importante: a porta do templo (destaca a ordem para que Jeremias se posicione). Segundo o Comentário Histórico-Cultural, isso demonstra que a mensagem tinha o povo como alvo direto, exatamente no local de maior fluxo de fiéis. Textualmente, o versículo é estável. A ordem dos verbos e as expressões de chamada ao povo (“שָׁמְעוּ דְבַר-יְהוָה”) não apresentam variantes.

**v.3:**

Neste verso, a expressão “הִיטִיבוּ דַרְכֵיכֶם” é um chamado direto à mudança de comportamento. Os manuscritos antigos apresentam o texto de forma unânime. Não há variantes registradas nas principais testemunhas textuais. O termo “וַאֲשַׁכְנֶנָּה” (farei habitar) está corretamente transmitido, com sentido claro de uma promessa condicional.

**v.4:**

Aqui aparece uma repetição tripla: “הִיכַל יְהוָה, הִיכַל יְהוָה, הִיכַל יְהוָה”. Essa repetição é intencional e usada como recurso retórico para ironizar a confiança cega do povo nas estruturas físicas do templo. A forma tripla está presente tanto no Texto Massorético quanto na Septuaginta. Não há variantes significativas.

**v.5:**

As expressões “הִיטִיב תִּיטִיבוּ” (se verdadeiramente melhorardes) e “תַּעֲשׂוּ מִשְׁפָּט” (praticardes justiça) aparecem com força enfática. A repetição do verbo indica urgência e seriedade no apelo divino. O texto hebraico não apresenta variantes textuais relevantes neste versículo.

**v.6:**

O vocabulário referente aos grupos vulneráveis (“גֵּר יְתוֹם וְאַלְמָנָה”) segue o padrão da legislação social do Antigo Testamento. Não há registros de variantes textuais que alterem o sentido. A negação dupla presente nos verbos (“לֹא תַעֲשׂוּקוֹ”, “אֲלֵ-תִשְׁפְּכוּ”, “לֹא”) é consistente com outras passagens proféticas.

**v.7:**

O verbo “וַאֲשַׁכְנֶנָּה” (então farei habitar) mantém a mesma forma em todas as principais tradições textuais. A expressão final “לְמִן-עוֹלָם וְעַד-עוֹלָם” (desde sempre e para sempre) aparece sem alterações, tanto no Texto Massorético quanto na Septuaginta. São

Jerônimo, no comentário, destaca o tom de promessa solene nesta construção.

#### **4.1.1 Aplicação da crítica textual indiciária**

A análise das principais testemunhas textuais indica que Jeremias 7:1-7 é um texto relativamente bem preservado dentro da tradição manuscrita do Antigo Testamento. As diferenças entre o Texto Massorético e a Septuaginta não apresentam alterações significativas que comprometam o sentido geral da passagem. Um elemento que merece destaque é a repetição tripla da expressão “Templo do Senhor” no versículo 4. Essa repetição parece ser intencional e funciona como um recurso retórico utilizado para enfatizar a falsa confiança do povo na estrutura física do templo.

A crítica textual não indica que essa repetição seja resultado de interpolação posterior, mas parte integrante da forma original do discurso profético. Outro ponto relevante aparece no verbo “וְאַשְׁכְּנָה”, no versículo 3. A forma verbal sugere a intenção de Deus de permitir que o povo permanecesse na terra, desde que houvesse mudança de comportamento. Dessa forma, a promessa apresentada no texto está diretamente ligada à condição de arrependimento e transformação de vida. De maneira geral, a análise textual mostra que a força da passagem não está em variações entre manuscritos, mas na clareza do conteúdo teológico transmitido pelo texto. A mensagem profética enfatiza o chamado ao arrependimento e à prática da justiça como condições para a permanência do povo na terra.

### **5 COESÃO INTERNA DA PERÍCOPE**

A perícope de Jeremias 7:1-7 apresenta uma estrutura interna bem definida, construída por meio de conexões linguísticas e temáticas que contribuem para a unidade do texto. O trecho inicia-se com a fórmula profética tradicional “A palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor” (v.1), expressão que marca o começo de uma nova mensagem e estabelece a autoridade divina do discurso. Nos versículos seguintes, especialmente no versículo 2, aparece a ordem para que o profeta se coloque à porta do templo e proclame a mensagem ao povo que se dirigia ao local para adorar. Essa introdução não apenas situa o leitor no contexto da proclamação, mas também indica o

caráter público da mensagem.

Um elemento importante para a coesão do texto é o uso de verbos no imperativo, como “Põe-te de pé”, “Clama” e “Ouvi”. Esses verbos dão ao discurso um tom de urgência e mostram que a mensagem não é apenas informativa, mas também um chamado direto à atenção e à resposta do povo. A partir do versículo 3, o texto desenvolve o conteúdo principal da exortação profética. O Senhor convoca o povo a melhorar seus caminhos e suas ações, estabelecendo uma relação direta entre comportamento e permanência na terra. Esse chamado ao arrependimento é reforçado por meio de construções condicionais que aparecem nos versículos seguintes.

Outro elemento que contribui para a unidade do texto é a repetição da expressão “Templo do Senhor” no versículo 4. Essa repetição possui uma função retórica importante, pois evidencia a falsa confiança do povo na existência do templo como garantia automática de proteção divina. O texto apresenta uma sequência de advertências expressas por meio de negações, como “Não confieis”, “Não oprimeis”, “Não derrameis sangue inocente” e “Não andeis após outros deuses”. Essas expressões reforçam o caráter exortativo da mensagem e destacam os comportamentos que deveriam ser abandonados.

A perícopese encaminha para sua conclusão no versículo 7, onde aparece uma promessa condicional relacionada à permanência do povo na terra. Essa promessa funciona como o fechamento lógico do discurso, retomando o chamado à mudança de conduta apresentado anteriormente. Dessa forma, a coesão interna da perícopese é construída por meio da combinação de elementos como fórmulas proféticas, imperativos, repetições retóricas, advertências negativas e estruturas condicionais. Esses recursos contribuem para a unidade do texto e reforçam a força da mensagem profética apresentada por Jeremias.

## 5.1 ESTRUTURA

### **Chamado ao Arrependimento no Templo**

#### 1) Introdução da Palavra Profética (v.1)

Aqui temos a abertura clássica de uma nova mensagem profética, com a indicação clara de que a mensagem vem diretamente de Deus para o povo.

## 2) Local e Destinatários da Mensagem (v.2)

O ambiente é público e religioso, o que dá ainda mais peso ao conteúdo da mensagem. Todos os que estavam indo adorar no templo se tornaram alvo do discurso de Jeremias.

## 3) Chamado ao Arrependimento e Mudança de Conduta (v.3)

Este é o coração da mensagem: um convite claro para arrependimento e transformação de vida, mostrando que a permanência na terra depende de obediência.

## 4) Advertência contra a Falsa Confiança no Templo (v.4)

O povo repetia a expressão “Templo do Senhor” como se apenas o prédio fosse suficiente para garantir proteção, ignorando a necessidade de obediência.

## 5) Exigência de Justiça Social e Abandono do Pecado (vv.5–6)

O texto dá exemplos práticos de mudança: justiça social, cuidado com os vulneráveis e rejeição da violência e da idolatria.

## 6) Promessa Condicional de Permanência na Terra (v.7)

O versículo fecha a perícopes com uma proposta de bênção condicional, reafirmando a aliança, mas exigindo arrependimento real.

# 6 ANÁLISES

## 6.1 ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

A perícopes se passa num momento muito delicado da história de Judá. O povo vivia os anos finais antes da destruição de Jerusalém, por volta de 609 a 586 a.C., sob ameaças constantes da Babilônia. A confiança do povo estava no templo, localizado no

Monte Sião, em Jerusalém. Eles acreditavam que a presença do templo ali, por si, garantiria proteção contra qualquer inimigo, independentemente de como estavam vivendo. Essa ideia vinha da teologia popular da época, que via o templo como símbolo absoluto da presença de Deus, ignorando que a fidelidade à aliança também era condição para essa proteção. Jeremias, como profeta, foi enviado justamente para confrontar essa falsa segurança. O cenário social também era crítico. Havia injustiças constantes contra os grupos mais vulneráveis da sociedade: órfãos, viúvas e estrangeiros. Práticas idólatras eram comuns, com muitos judeus adorando outros deuses, o que contrariava totalmente os mandamentos da aliança. A pregação de Jeremias foi feita de maneira pública, bem na porta do templo, o que mostra a intenção de atingir o maior número de pessoas possível, principalmente os que vinham para os rituais religiosos. Esse não foi um ataque ao templo em si, mas ao comportamento hipócrita do povo. Eles realizavam rituais externos de adoração, mas no cotidiano continuavam cometendo injustiças, violências e idolatria. Jeremias foi a voz que desafiou essa espiritualidade de fachada, chamando o povo ao arrependimento verdadeiro.

## 6.2 ANÁLISE DA MATERIALIDADE

Está diretamente ligada ao templo de Jerusalém, que na época era o centro religioso, político e social de Judá. As escavações arqueológicas em Jerusalém, especialmente na área conhecida como Cidade de Davi e nos arredores do Monte do Templo, trazem algumas informações importantes que ajudam a entender o cenário desse sermão. As portas do templo eram o lugar de maior movimentação de pessoas, principalmente em dias de festa ou de culto. Estar ali era garantir que a mensagem alcançasse todos os tipos de pessoas: desde os líderes até os peregrinos e comerciantes que passavam pelo local. Estudos arqueológicos mostram que nessa época Jerusalém já estava sob forte pressão militar, com marcas de destruições anteriores nas áreas periféricas da cidade. Os arqueólogos também identificaram restos de casas de elite com muitos ídolos domésticos, o que reforça a denúncia de Jeremias sobre a idolatria interna, mesmo entre os frequentadores do templo. Práticas idólatras não eram só feitas em templos pagãos, mas até dentro de Jerusalém, o que ajuda a entender o tom duro da pregação de Jeremias na porta do próprio templo do Senhor. Esses dados arqueológicos, combinados com os relatos históricos, reforçam a gravidade da situação que Jeremias

enfrentava e ajudam a visualizar o ambiente físico e espiritual da época.

## **7 GÊNERO LITERÁRIO**

Enquadra-se no gênero “oráculo de advertência” ou “discurso profético de exortação”, segundo a classificação mais comum nos comentários bíblicos. Esse tipo de texto tem como principal característica o tom de chamado ao arrependimento, misturado com promessa condicional. O profeta Jeremias usa uma linguagem direta, com muitos imperativos, expressando urgência na mudança de vida do povo. O texto contém elementos de denúncia, onde os pecados do povo são apontados claramente, como injustiça social, idolatria e hipocrisia religiosa. Essa passagem é uma introdução ao que ficou conhecido como o “Sermão do Templo”, que segue nos versículos seguintes. A estrutura de apelo-condição-consequência é típica dos discursos proféticos, onde Deus apresenta o problema, exige mudança e oferece uma bênção caso o povo obedeça. O objetivo final é provocar arrependimento genuíno e transformação de comportamento.

## **8 COMENTÁRIO EXEGÉTICO**

### **8.1 INTRODUÇÃO DA PALAVRA PROFÉTICA E LOCAL DA MENSAGEM (v.1-2).**

O início da perícopa deixa claro que a mensagem vem diretamente de Deus, usando a fórmula tradicional dos profetas: “A palavra que veio a Jeremias...”. Essa expressão já aponta a seriedade do que será dito. O detalhe de que Jeremias deveria ficar de pé na porta do templo mostra que o público-alvo eram justamente as pessoas que frequentavam o lugar para adorar. Destaca-se o contraste entre o ambiente de culto e o conteúdo duro da mensagem. Jeremias está num local sagrado, mas a fala dele é de denúncia. O uso dos verbos no imperativo, como “Põe-te de pé”, “Clama” e “Ouvi”, reforça o tom de urgência. O povo precisava parar e prestar atenção. O fato de a mensagem ser pública, num lugar de grande movimento, mostra a gravidade da situação e o desejo de Deus de alcançar o maior número de pessoas possível antes do juízo.

## 8.2 CHAMADO AO ARREPENDIMENTO, DENÚNCIA E PROMESSA CONDICIONAL (v.3-7)

A partir do versículo 3, Deus começa o apelo direto pela mudança de comportamento. O texto mistura verbos no imperativo e expressões de promessa condicional, deixando claro que o futuro do povo dependia da obediência à aliança. A repetição da frase “*Templo do Senhor*” no verso 4 não é para reforçar a santidade do lugar, mas para ironizar a falsa confiança do povo em rituais vazios. Jeremias denuncia que eles estavam iludidos, achando que apenas o prédio físico os protegeria, sem perceber que Deus exige justiça no dia a dia. Nos versículos seguintes, a ênfase recai sobre questões sociais: justiça entre o povo, cuidado com os vulneráveis e rejeição da idolatria. O verso 7 fecha com uma promessa de permanência na terra, mas condicionada à mudança real de vida. Isso mostra que Deus ainda estava dando uma última chance ao povo antes do juízo definitivo.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente que o profeta estava lidando com um problema sério de hipocrisia religiosa. O povo frequentava o templo com uma confiança cega na proteção divina, mas, ao mesmo tempo, vivia uma vida de injustiça, idolatria e desobediência. A mensagem de Jeremias, conforme descrito, é um alerta direto contra essa religiosidade de fachada. Deus não estava interessado apenas em rituais ou presença física no templo, mas em transformação de vida e obediência verdadeira à Sua palavra. O ambiente religioso, que deveria ser lugar de arrependimento, estava servindo apenas como esconderijo para o pecado. A estrutura do texto deixa claro que a promessa de Deus sempre foi condicional. Ele não desejava a destruição de Judá, mas esperava que o povo se voltasse para Ele de coração. A repetição de expressões como “melhorem seus caminhos” e “não confiem em palavras de mentira” reforça o tom pastoral e, ao mesmo tempo, profético da mensagem. Jeremias age como uma voz solitária, chamando o povo de volta ao verdadeiro compromisso com Deus.

O contraste entre a severidade da advertência e a possibilidade de restauração mostra que Deus ainda estava disposto a perdoar, caso houvesse arrependimento genuíno. O contexto histórico e a situação social de Judá naquela época ajudam a entender a força da denúncia de Jeremias. A tensão política, a ameaça militar da Babilônia e as injustiças

internas formavam um cenário de crise em todos os sentidos. Mesmo assim, o povo preferia confiar em slogans religiosos a encarar seus erros. A perícope encerra essa primeira parte do sermão deixando uma escolha aberta: ou o povo mudaria suas atitudes e receberia a bênção de permanecer na terra, ou continuaria na desobediência e enfrentaria as consequências. Essa mensagem, apesar de ter sido dada há tantos séculos, ainda carrega um ensinamento atual e necessário.

Desta forma, o presente artigo procurou analisar exegeticamente Jeremias 7:1-7, passagem que introduz o chamado Sermão do Templo. A partir da tradução do texto hebraico e das etapas metodológicas da exegese bíblica, foi possível observar que a principal denúncia do profeta está relacionada à falsa confiança religiosa do povo de Judá. Muitos depositavam sua segurança na existência do templo de Jerusalém, sem considerar a necessidade de fidelidade à aliança com Deus.

### 9.1 APLICAÇÃO DA PERÍCOPE

O texto traz uma lição muito prática para os cristãos de hoje. Muitas vezes, podemos cair no mesmo erro do povo de Judá: confiar em práticas religiosas externas, como frequência aos cultos, participação em atividades da igreja ou até o uso de frases de efeito, mas esquecer da obediência diária e do cuidado com o próximo. A denúncia de Jeremias continua ecoando para os nossos dias, nos chamando a olhar para dentro de nós mesmos e avaliar se nossa vida tem sido coerente com o que professamos na fé. Deus continua esperando de cada um de nós uma vida marcada por justiça, misericórdia e fidelidade. A perícope nos ensina que a mudança precisa começar antes de esperar bênçãos. O povo de Judá queria a proteção de Deus, mas não estava disposto a mudar suas atitudes. Isso nos faz refletir sobre a importância de um arrependimento genuíno. Deus é gracioso e paciente, mas Ele também é justo. Nossa caminhada com Deus precisa ser baseada em compromisso sincero, e não em rituais ou formalidades vazias. Se vivermos com responsabilidade diante de Deus e do próximo, podemos experimentar a bênção de Sua presença constante nas nossas vidas, assim como a promessa de uma relação verdadeira com Ele.

## **REFERÊNCIAS**

BEACON HILL. **Comentário Bíblico Beacon - Jeremias e Lamentações**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

KIDNER, Derek. **Jeremias - Introdução e Comentário**. Série Cultura Cristã. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.

MACKAY, John. **Comentários do Antigo Testamento – Jeremias**. Vol. 2 / John J. Mackay, traduzido por Vagner Barbosa, São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

SÃO JERÔNIMO, Euzébio de Matos (org.). **Comentário Bíblico São Jerônimo - Jeremias**. São Paulo: Paulus, 2002.

WALVOORD, John F.; ZUCK, Roy B. **Comentário Bíblico do Professor da Bíblia: Antigo Testamento - Jeremias**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

## **A palavra de Yahweh e o chamado à submissão diante da invasão Babilônica**

Uma análise exegética da profecia de Jeremias 27:16-22 em confronto com os falsos profetas de Judá.

Enzo Tepedino Lima Bomfim Leal<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo visa analisar a palavra profética de Yahweh Tsevaote (Senhor dos Exércitos), transmitida por meio de seu profeta Jeremias, durante o reinado de Zedequias, o último rei a governar antes da destruição de Jerusalém, ocorrida no ano de 586 a.C. Abordando os aspectos literários, crítico-textuais, históricos e materiais para compreender a mensagem transmitida ao povo e conseqüentemente extrair os princípios aplicáveis para a atualidade.

**Palavras-chaves:** Jeremias; Babilônia; Zedequias; Jerusalém; *YHWH*; Utensílios.

### **ABSTRACT**

This article aims to analyze the prophetic word of Yahweh Tsevaot (Lord of Hosts), transmitted through the prophet Jeremiah during the reign of Zedekiah, the last king to rule Judah before the destruction of Jerusalem in 586 B.C. The study addresses literary, text-critical, historical, and material aspects in order to understand the message conveyed to the people and, consequently, to extract principles applicable to the present day.

**Keywords:** Jeremiah; Babylon; Zedekiah; Jerusalem; *YHWH*; utensils.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia – FABAT. Bacharel em Administração pela IBMR.

## 1 INTRODUÇÃO

A perícopé analisada neste artigo apresenta a palavra profética de *Yahweh Tsevaote* (Senhor dos Exércitos), transmitida por meio de seu profeta Jeremias, durante o reinado de Zedequias, o último rei a governar antes da destruição de Jerusalém, ocorrida no ano de 586 a.C. De acordo com o texto, o profeta Jeremias exorta os sacerdotes remanescentes a não darem ouvidos aos falsos profetas que se levantavam contra a palavra do Senhor. Esses falsos profetas anunciavam que Judá e Jerusalém não seriam conquistadas pelo rei Nabucodonosor, da Babilônia, e que, ao contrário do que Jeremias dizia, os utensílios e bens levados para a Babilônia seriam em breve restaurados ao rei de Judá.

Nos versículos subsequentes, o profeta de *Yahweh* proclama o veredito do Senhor: o povo de Judá seria, de fato, levado cativo para a Babilônia, onde deveria servir ao rei Nabucodonosor. Somente por meio dessa submissão o povo teria a chance de sobreviver. Após esse anúncio, a palavra do Senhor volta-se diretamente contra os falsos profetas, exortando-os a se voltarem para *Yahweh* e a orarem para que o restante do povo e dos bens ainda presentes em Judá e Jerusalém não fossem também levados ao exílio.

Diante desse contexto, surge a seguinte questão de pesquisa: qual é a função da mensagem de Jeremias em Jeremias 27:16-22 no confronto entre a palavra profética autêntica e as falsas profecias que prometiam a rápida restauração dos utensílios do templo?

Assim, este estudo busca demonstrar que a perícopé apresenta não apenas uma advertência contra os falsos profetas, mas também uma reafirmação da soberania de YHWH sobre os acontecimentos históricos, inclusive sobre o domínio babilônico.

## 2 METODOLOGIA

O presente artigo utiliza o método histórico-gramatical de interpretação bíblica, buscando compreender o texto dentro de seu contexto literário, histórico e teológico original. A análise inicia-se com uma tradução interlinear literal do texto hebraico, seguida da delimitação da perícopé e da aplicação da crítica textual, com base na comparação entre o Texto

Massorético e as variantes presentes na Septuaginta e em outros manuscritos. Em seguida, procede-se à análise da coesão interna da perícopes, identificando sua estrutura literária e temática. Posteriormente, são consideradas as dimensões histórico-culturais e materiais que ajudam a contextualizar o texto, utilizando evidências arqueológicas e fontes históricas do período. Por fim, desenvolve-se um comentário exegético do texto, buscando evidenciar sua mensagem teológica dentro do contexto do livro de Jeremias.

### **3 TRADUÇÃO LITERAL<sup>2</sup>**

v.16: E aos sacerdotes e a todo povo, a estes falei dizendo: Assim diz o Senhor, não escutem as palavras destes anunciadores que anunciam a vós dizendo: Eis que os utensílios da casa do Senhor serão retomados rapidamente da Babilônia. Pois é falso o que eles anunciam.

v.17: Não escutem eles, servi o rei da Babilônia e viverão. Por que esta cidade se tornaria ruínas?

v.18: E se os anunciadores possuem a palavra do Senhor, peçam que eles intercedam agora ao Senhor do Exércitos para que os utensílios que restaram na casa do Senhor, na casa do rei de Judá e em Jerusalém não vão para a Babilônia.

v.19: Porque assim diz o Senhor dos Exércitos referente aos pilares, ao mar, aos suportes e ao restante dos utensílios que ficaram nesta cidade,

v.20: os quais Nabucodonosor, rei da Babilônia, não pegou quando levou para seu exílio Jeconias, filho de Jeoaquim, rei de Judá, de Jerusalém para a Babilônia e também todos os nobres de Judá e de Jerusalém.

v.21: Porque assim diz o Senhor dos Exércitos, rei de Israel, a respeito dos utensílios que restaram na casa do Senhor, na casa do rei de Judá e em Jerusalém:

v.22: Serão levados para Babilônia e ali ficarão até o dia em que me preocupar com eles, declara o Senhor. Então os farei retornar e os farei subir de volta neste lugar.

---

<sup>2</sup> A tradução literal, assim como as citações bíblicas presentes ao longo do artigo, foi elaborada pelo autor.

#### 4 DELIMITAÇÃO

O versículo 16 marca uma resposta específica do profeta Jeremias, agora dirigida diretamente aos sacerdotes de Judá. Esses líderes religiosos estavam sendo seduzidos pelos discursos falsamente esperançosos de que a Babilônia cairia em breve e que todos os utensílios e bens levados ao exílio seriam rapidamente restaurados ao templo em Jerusalém.

Diante dessa expectativa ilusória, a perícopes em análise revela-se como uma unidade temática coesa, especialmente a partir da mudança clara que ocorre no versículo 16. Essa mudança pode ser observada em dois aspectos principais:

##### **a) Mudança de público-alvo:**

Desde o início do capítulo (Jeremias 27:1), a palavra do Senhor é revelada diretamente ao profeta Jeremias, que por sua vez transmite a mensagem ao rei Zedequias (cf. Jr 27:12). A cadeia da revelação até esse ponto pode ser descrita da seguinte forma:

Deus → Jeremias → Zedequias

Contudo, a partir do versículo 16, observa-se uma mudança significativa no público-alvo. A mensagem de *Yahweh*, ainda por intermédio de Jeremias, não é mais dirigida ao rei, mas sim aos sacerdote e também ao povo de Judá:

Deus → Jeremias → Sacerdotes e povo de Judá

##### **b) Mudança de conteúdo temático:**

Nos versículos 1 a 15, a mensagem de *Yahweh*, entregue por Jeremias, tem como foco central o veredito divino sobre a submissão a Nabucodonosor, rei da Babilônia. Deus ordena que os povos, inclusive Judá, se submetam ao domínio babilônico como um juízo inevitável. Nesse contexto, há também advertências diretas contra os falsos profetas, que contradiziam essa palavra profética com mensagens de falsa esperança.

A partir do versículo 16 até o versículo 22, ainda que a crítica aos falsos profetas

continue, o conteúdo da mensagem se desloca: o foco agora está nos utensílios do templo — tanto aqueles que já haviam sido levados para a Babilônia quanto os que ainda permaneciam em Jerusalém. Jeremias denuncia os falsos profetas que anunciavam a pronta devolução desses utensílios e alerta que, ao contrário, o restante ainda seria levado. Já no capítulo seguinte há uma forte mudança temporal, de personagens e de conteúdo.

## 5 CRÍTICA TEXTUAL

O texto manuscrito da Bíblia hebraica foi transmitido ao longo de muitos séculos. Além disso, ele foi objeto, antes do séc. I de nossa era, de mudanças e acréscimos que espelhavam diversas tradições. O resultado é que existem diversas formas dos textos, que se evidenciam, por exemplo, no texto massorético, na tradução grega dos LXX e no Pentateuco Samaritano (Pisano, 2000, p. 39). Visto que nenhuma fonte textual contém o que poderia ser chamado de "o" texto bíblico, um envolvimento sério nos estudos bíblicos requer claramente a análise de todas as fontes, incluindo as diferenças entre elas (Tov, 2001, p. 2). Nesse aspecto, cabe à crítica textual, por meio do exame crítico da transmissão do texto hebraico, bem como das traduções antigas, localizar as inexactidões que surgiram ao longo da história (Steck, 1998, p. 40). Reconstruir a (provável) redação original a partir dos manuscritos atualmente conhecidos supõe realizar um trabalho crítico em duas direções: crítica externa e interna. Onde a última observa a articulação das ideias, uso das palavras, estilo, teologia (Silva, 2000, p. 45).

### 5.1 APARATO CRÍTICO

#### v. 16.

1. A LXX original do grego coloca antes a palavra *ἡμῖν* (nós).
2. A LXX original do grego omitiu *עַתָּה מְהֵרָה* (agora, apressadamente).
3. A LXX adiciona *οὐκ ἀπέσειλα αὐτούς*

#### v. 17

4. a está omitido *לֹא* (não) na LXX original do grego, adicionaram?

5. Poucos manuscritos hebraicos medievais tem a expressão קְרָבָה (ruína).

#### v.18

6. צְבָאוֹת בְּיְהוָה (a YHWH tsevaote) na LXX original do grego μοι (a mim) = בּ:

7. לְבִלְתִּי -בָאוּ הַכֵּלִים | הַנּוֹתָרִים בְּבֵית- יְהוָה וּבֵית מֶלֶךְ יְהוֹנָדָה וּבִירוּשָׁלַם בְּבִלְתָּהּ. (para que os utensílios que restaram na casa do Senhor, na casa do rei de Judá e em Jerusalém não vão para a Babilônia.) está omitido na LXX original do grego.

8. בָּאוּ (irem) ou com poucos manuscritos hebraicos medievais בא (irem).

#### v.19

9. צְבָאוֹת אֶל- הַעֲמֻלִים וְעַל- הַיָּם וְעַל- הַמְּכֻנּוֹת. (dos Exércitos referente aos pilares, ao mar, aos suportes) está omitido na LXX original do grego, adicionado conforme 52,17.

10. Lacuna no texto provavelmente על (e).

11. A letra ו (waw) está apagada.

12. בְּעִיר הַזֹּאת: הַנּוֹתָרִים (que ficaram nesta cidade) está omitido na LXX original do grego.

#### v. 20

13. נְבוּכַדְנֶצַּר (Nabucodonosor) está omitido na LXX original do grego.

14. Um manuscrito hebraico medieval possui o יְכוּנְיָהּ (Jeconias)

15. בֶּן- יְהוֹנָקִים מֶלֶךְ- יְהוּדָה. (filho de Jeoaquim, rei de Judá) está omitido na LXX original do grego.

16. Abreviação de começo da palavra וְאֵת (e) está omitida na LXX original do grego.

#### v. 21

17. Muitos manuscritos hebraicos medievais, tradição do texto grego da LXX, versão síria Peshitta, códice manuscrito do Targum, vulgata בְּבֵית- (na casa de)

#### v. 22

18. וְיָשְׁמָה יְהִי עַד יוֹם פְּקֻדֵי אֲתָם. (ali ficarão até o dia em que me preocupar com eles) está omitido na LXX original do grego. Adição.

19. וְהָעֲלִיתִים וְהָשִׁיבְתִים אֶל- הַמָּקוֹם הַזֶּה. (então os farei retornar e os farei subir de volta neste lugar) está omitido na LXX original do grego. Adição.

### 5.1.1 Aplicação da crítica textual indiciária

De acordo com o aparato crítico, o texto de Jeremias 27:16-22, se mostra um pouco

menor na LXX. Além disso, o texto revela que suas variantes são de momentos distintos e abarcam o interesse de seus ouvintes.

Sob uma ótica geral, as prováveis inserções após a LXX original do grego, sugerem que os ouvintes tinham certo tipo de conhecimento acerca da primeira deportação e do embate que estava ocorrendo em relação aos anti-babilônicos e aos pró-babilônicos, porém não tinham ciência dos detalhes que envolviam esses momentos e embates. Podemos observar nas notas 2, 4, 7, 9, 12, 13, 15, 16, 18, 19.

Em conclusão, as notas nos trazem uma maior compreensão sobre os ouvintes posteriores, respondendo a questões históricas, como o nome do rei da babilônia (13), aos detalhes dos objetos sagrados do templo (7,9), o teor da mensagem dos falsos profetas (2) e a esperança dada pelo Senhor dos Exércitos (18, 19) que é confirmada em Jeremias 25.

## **6 COESÃO INTERNA DA SUA PERÍCOPE**

### **6.1 ESTRUTURA**

A maioria dos comentários bíblicos não propõem uma estrutura para essa perícopa. *O novo comentário bíblico AT* detalha na seguinte estrutura:

#### **O terceiro discurso de Jeremias (v.16-22)**

##### **a) Não dei ouvidos (v.16-17)**

##### **b) Jeremias propõe um teste (v.18-20)**

##### **c) A mensagem do Senhor vinda em detalhes (v.21-22)**

Baseando-se na análise exegética e a coesão do texto, a seguinte estrutura harmoniza mais com o conteúdo e coesão textual:

#### **A mensagem do Senhor dos Exércitos aos sacerdotes e a todo o povo**

##### **a) Exortação aos falsos profetas (v.16-18)**

- Falsa profecia acerca do retorno dos utensílios do templo (v.16)

- Ordem de *YHWH* para sujeição a Babilônia (v.17)
- *YHWH* coloca os falsos profetas a prova (v.18)

**b) Palavra de *YHWH* acerca dos utensílios do templo que foram levados (v.19-20)**

- *YHWH* disserta acerca da invasão do rei da Babilônia (v.19-20)

**c) Palavra de *YHWH* acerca dos utensílios que foram deixados em Judá e Jerusalém (v.21-22)**

- *YHWH* exorta o povo e traz esperança (v.21-22).

## 7 ANÁLISES

### 7.1 ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

Diferente dos opressores que subjugarão o reino do norte, isto é, os assírios, que produziam uma cultura de homogeneização, os babilônios acolhiam os conhecimentos distintos das culturas subjugadas.

O período em que se situa a perícopes analisada ocorre pouco tempo depois do reinado de Jeoaquim. Nessa ocasião, o reino da Babilônia já havia sitiado e invadido o reino do sul e levado cativo consigo muitas pessoas e bens de Judá e Jerusalém. Após a morte de Jeoaquim, inicia-se o reinado de Zedequias, o último rei de Judá, posto pelo próprio rei da Babilônia, e que governou do ano 597 a.C. até 586 a.C. É nos primeiros anos de seu reinado que o profeta Jeremias transmite as palavras do Senhor dos Exércitos (cf.1).

A perícopes que antecede revela que a cidade de Jerusalém estava agitada, cheia de diplomatas de Edom, Moabe, Amon, Tiro e Sidom. Esta era uma reunião de cúpula, pois negociavam para formar uma coalizão militar e expulsar o jugo da opressão babilônica. No período em que foi escrito, por volta de 594 a.C., Nabucodonosor parecia vulnerável. As Crônicas da Babilônia registram que, durante esse período, ele teve de repelir um ataque inimigo, acalmar uma rebelião entre seu próprio povo e lançar uma campanha militar contra os sírios. Assim, o rei Zedequias, aproveitando o momento de fraqueza do império e se subvertendo ao domínio babilônico, liderou as nações oprimidas do Oriente Médio, reunindo-

se em Jerusalém para organizar a resistência armada.

É diante desse contexto de aparente instabilidade babilônica e subversão por parte do rei de Judá e dos líderes das nações do Oriente Médio que a perícopes está localizada.

## 7.2 ANÁLISE DA MATERIALIDADE

**As Crônicas Babilônicas:** Uma série de tábuas de argila escritas em cuneiforme, registram eventos históricos do Império Babilônico. Uma dessas crônicas descreve a campanha militar de Nabucodonosor II contra Judá no sétimo ano de seu reinado, que corresponde a 597 a.C. A crônica menciona que Nabucodonosor sitiou Jerusalém e levou o rei Jeconias (Joaquim) para a Babilônia. Esse relato confirma o cerco e a deportação mencionados em Jeremias 27.

**As Cartas de Lacin:** São uma série de ostracas (fragmentos de cerâmica com inscrições) encontradas na antiga cidade de Lacin (ou Laquis), ao sul de Jerusalém. Essas cartas, datadas do período que antecede a destruição de Jerusalém, contêm correspondências militares entre oficiais judaicos e confirmam a presença de uma ameaça babilônica iminente. As cartas mostram a deterioração das condições no reino de Judá e corroboram os relatos bíblicos sobre a resistência judaica.

**Vestígios de Destruição em Jerusalém:** Escavações arqueológicas em Jerusalém revelaram camadas de destruição que datam do cerco de Nabucodonosor em 586 a.C. Os arqueólogos encontraram evidências de incêndios e destruição em grande escala, além de artefatos que confirmam a data do evento. Estes vestígios coincidem com a narrativa bíblica de que a cidade foi devastada pelos babilônios.

## 8 GÊNERO LITERÁRIO

A perícopes de Jeremias 27:16-22 pode ser classificada como um oráculo profético de advertência, no qual o profeta confronta diretamente as falsas profecias que circulavam em Judá. O texto combina elementos de julgamento, ao anunciar a continuidade do domínio babilônico e a futura deportação dos utensílios do templo, com um elemento de esperança escatológica, ao afirmar que esses utensílios seriam restaurados no tempo determinado por YHWH. Esse tipo de discurso é característico da literatura profética, na qual a denúncia do

pecado e do engano, visando a preservação da aliança com YHWH é frequentemente acompanhada por promessas futuras de restauração.

## 9 COMENTÁRIO EXEGÉTICO

### **A mensagem do Senhor dos Exércitos aos sacerdotes e a todo o povo (v.16-22)**

<sup>16</sup>E aos sacerdotes e a todo o povo, a estes falei dizendo: Assim diz o Senhor, não escutem as palavras destes anunciadores que anunciam a vós dizendo: Eis que os utensílios da casa do Senhor serão retomados rapidamente da Babilônia. Pois é falso o que eles anunciam. <sup>17</sup>Não escutem eles, servi o rei da Babilônia e viverão. Por que esta cidade se tornaria ruínas? <sup>18</sup>E se os anunciadores possuem a palavra do Senhor, peçam que eles intercedam agora ao Senhor do Exércitos para que os utensílios que restaram na casa do Senhor, na casa do rei de Judá e em Jerusalém não vão para a Babilônia. <sup>19</sup>Porque assim diz o Senhor dos Exércitos referente aos pilares, ao mar, aos suportes e ao restante dos utensílios que ficaram nesta cidade, <sup>20</sup>os quais Nabucodonosor, rei da Babilônia, não pegou quando levou para seu exílio Jeconias, filho de Jeoaquim, rei de Judá, de Jerusalém para a Babilônia e também todos os nobres de Judá e de Jerusalém. <sup>21</sup>Porque assim diz o Senhor dos Exércitos, rei de Israel, a respeito dos utensílios que restaram na casa do Senhor, na casa do rei de Judá e em Jerusalém: <sup>22</sup>Serão levados para Babilônia e ali ficarão até o dia em que me preocupar com eles, declara o Senhor. Então os farei retornar e os farei subir de volta neste lugar.

A palavra do Senhor dos Exércitos altera, a partir do versículo 16, o seu público-alvo. A exortação que estava direcionada ao rei Zedequias (cf.12), passa então a ser direcionada aos sacerdotes e a todo o povo (cf.16).

De acordo com *o novo comentário Bíblico AT*, os versos 16 a 22 contém o terceiro discurso de Jeremias, advertindo os falsos profetas e o povo.

O autor John Mackay segue a mesma linha exegética concordando que o profeta Jeremias está advertindo o povo acerca dos falsos profetas e suas mensagens enganosas. Direcionando os sacerdotes e o povo a recuarem quanto aos planos de rebelião contra o império babilônico e se sujeitarem ao rei Nabucodonosor.

#### a) Exortação aos falsos profetas (v.16-18)

De acordo com o Mackay os versículos 16 a 18 indicam a exortação de *YHWH* por meio do profeta Jeremias aos falsos profetas que profetizavam acerca da restauração de Judá e o retorno dos utensílios sagrados do templo. Também relatam que Jeremias lança um desafio

irônico aos falsos profetas que evidencia as suas palavras mentirosas.

b) Palavra de *YHWH* acerca dos utensílios do templo que foram levados (v.19-20)

John Mackay detalha que

Os pilares eram Jaquim e Boaz, que Salomão tinha feito para o templo (1Rs.7.15-22; 2Cr.3.15-17). O "mar" era uma grande bacia de bronze que era usada pelos sacerdotes para lavagens (1Rs.7.23-26; 2Cr.4.4-5). Os "suportes" eram os dez suportes de bronze sobre rodas que eram usados como apoio para as bacias em que os sacrifícios eram lavados (1Rs.7.27-37; 2Cr.4.6). Esses e outros utensílios mais volumosos ou menos valiosos tinham sido deixados no templo em 597 a.C (Mackay, 2018, p. 155).

c) Palavra de *YHWH* acerca dos utensílios que foram deixados em Judá e Jerusalém (v.21-22)

Na parte final da perícopes Mackay (2018) expõe que novamente a palavra do Senhor contradiz fortemente todas as falsas profecias. A profecia de Jeremias se cumpre no ano 586 a.c. quando Jerusalém é totalmente tomada e os utensílios restantes foram levados.

Porém, apesar da devastação, o Senhor anuncia que haverá um tempo de restauração. *YHWH* não havia se esquecido de seu povo, o Senhor soberano irá trazer de volta a Jerusalém tudo que foi levado. Isso se cumpre no ano de 536.a.c. sobre o reinado de Ciro.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de Jeremias, de gênero profético, combina oráculos, atos simbólicos e lamentos pessoais, apresentando uma profunda interação entre a mensagem divina e o sofrimento do profeta em meio à crise nacional. A perícopes de Jeremias 27:16-22 apresenta a palavra profética de *Yahweh Tsevaote* (Senhor dos Exércitos) durante o reinado de Zedequias, último rei de Judá antes da destruição de Jerusalém em 586 a.C. Nesse contexto, o profeta Jeremias exorta os sacerdotes a não ouvirem os falsos profetas que prometiam a rápida devolução dos utensílios do templo levados para a Babilônia e a preservação de Jerusalém.

Historicamente, a perícopes se insere em meio à tensão geopolítica do Oriente Médio. Jerusalém recebia diplomatas de Edom, Moabe, Amon, Tiro e Sidom que buscavam formar uma coalizão militar contra a Babilônia, aproveitando a aparente fraqueza do império, que

enfrentava rebeliões internas e conflitos externos. Zedequias liderava essa tentativa de resistência, desafiando o domínio babilônico. Nesse cenário, a mensagem de Jeremias contrasta com o entusiasmo político e militar, chamando o povo à submissão a Nabucodonosor como parte do juízo de Deus.

O aparato crítico revela que o texto da LXX é mais curto e que certas inserções posteriores refletem preocupações históricas específicas de seus ouvintes. As variantes demonstram que os ouvintes tinham conhecimento parcial da deportação e dos conflitos entre facções pró e anti-babilônicas.

Fontes arqueológicas e históricas corroboram o relato bíblico. As Crônicas Babilônicas confirmam o cerco de Jerusalém em 597 a.C. e a deportação de Jeoaquim. As Cartas de Laquis registram a deterioração militar e social de Judá diante da ameaça babilônica, enquanto escavações em Jerusalém revelam camadas de destruição compatíveis com o cerco de 586 a.C.

Por fim, a perícopes revela um importante princípio teológico presente no livro de Jeremias: a história das nações está sob o governo soberano de YHWH. A submissão a Babilônia, longe de representar apenas um evento político, é apresentada como instrumento do próprio juízo divino sobre Judá.

### 10.1 APLICAÇÃO DA PERÍCOPE

Diante do que foi pesquisado e extraído, esse texto nos revela verdades inegociáveis acerca de YHWH, do seu povo, das relações e da cosmovisão humano.

#### **1. YHWH**

O texto revela que o Senhor é soberano sobre toda a criação. Não há nada que esteja fora do seu controle e seus planos nunca podem ser frustrados. Nesse caso, o Senhor dos Exércitos transforma a maldade humana (tanto a tirania do império babilônico quanto a dureza de coração dos judeus) em um bem maior. Em seu infinito conhecimento, YHWH decretou que seu povo seria levado cativo. Para o povo, aquilo parecia o pior dos castigos, se sentiriam abandonados pelo seu Deus; porém, Deus transforma o exílio (mal) no lugar onde seu povo seria forjado, ensinado e fortalecido na correta compreensão de quem Ele era e na esperança do

messias (bem). Assim é conosco, nosso coração por vezes é duro, teimoso, mas podemos ter a confiança de que o Deus soberano cuida de nós, mesmo em meio às nossas rebeldias.

## 2. O povo (cosmovisão)

O texto nos mostra um povo de coração duro que rejeita o cuidado do Senhor através das profecias do profeta Jeremias. A realidade era que eles buscavam um caminho que parecia bom aos seus olhos, um caminho sem sofrimento, o caminho da vitória sobre o inimigo, e se apegavam firmemente às falsas palavras de esperança. A visão do Senhor vai muito além da nossa. O que parece bom para nós pode ser o pior mal que poderíamos receber, enquanto aquilo que Deus diz que é bom, mesmo que pareça mal aos nossos olhos, devemos obedecer. O povo tentou fugir do caminho do sofrimento, mas, como diz o autor de Hebreus, o próprio Cristo aprendeu por meio do sofrimento, e o povo de YHWH é chamado para participar dos sofrimentos Dele, junto com Ele.

## REFERÊNCIAS

FEE, Gordon D. **Entendes o que lê**s: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica / Gordon D. Fee, Douglas Stuart ; tradução de Gordon Chown, Jonas Madureira – 4. Ed. Ver. – São Paulo : Vida Nova 2022.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Manual da Bíblia hebraica**: introdução ao texto massorético : guia introdutório para a *Bíblia hebraica Stuttgartensia* – 3 ed. Revisada e ampliada – São Paulo : Vida Nova, 2008.

HINDSON, Edward E.; Yates, Gary. **A essência do antigo testamento**. Rio de Janeiro, 2014.

MACKAY, John L. **Comentários do Antigo Testamento – Jeremias**. vol.2 – São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p.155.

PEDROSA, Douglas de Souza. **As deportações de judá para a babilônia sob novas perspectivas**: uma exegese de Jr 29,1-15 à luz dos tabletas de Âl-Yâhudu / Douglas de Souza Pedrosa – São Bernardo do Campo, 2022.

REINKE, André Daniel. **Atlas ilustrado da Bíblia** / André Daniel Reinke; 1 ed. – Rio de Janeiro : Thomas Nelson Brasil, 2023.

WAERZEGGERS, Caroline. “The Babylonian Chronicles: Classification and Provenance.”  
*Journal of Near Eastern Studies* 71, no. 2 (2012): 285–98. <https://doi.org/10.1086/666831>.

## O Juízo sobre Jerusalém na Carta aos Exilados

### Estudo Exegético Jeremias 29.16-20

Elisama de Moura Rodrigues Leite<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este estudo apresenta uma análise exegética de Jeremias 29.16–20, perícopo inserida na carta enviada pelo profeta Jeremias aos exilados na Babilônia após a primeira deportação de Judá em 597 a.C. O trabalho examina o texto a partir da tradução do hebraico, da delimitação literária, da crítica textual e da análise de sua coesão interna. A investigação também considera o contexto histórico do período babilônico, marcado por instabilidade política, deslocamento populacional e crise religiosa. Observa-se que o oráculo se dirige especificamente aos habitantes que permaneceram em Jerusalém após a deportação inicial, denunciando a falsa segurança religiosa que os levava a rejeitar a palavra profética. A repetição da tríade de juízo — espada, fome e peste — evidencia o caráter de julgamento anunciado por YHWH contra aqueles que recusaram ouvir os profetas enviados. A análise textual demonstra ainda a presença de variantes nas tradições manuscritas, especialmente na Septuaginta, que omite essa seção do capítulo. Do ponto de vista literário e teológico, a perícopo destaca a autoridade da palavra profética e a responsabilidade do povo diante da revelação divina. O texto revela que a permanência em Jerusalém não representava privilégio espiritual, mas expunha a persistência da desobediência e da resistência à voz de Deus. Assim, Jeremias 29.16–20 reforça o contraste entre o juízo destinado aos que permaneceram na cidade e a esperança oferecida aos exilados que se submetiam ao propósito divino no contexto do exílio.

**Palavras-chave:** Jeremias; exílio babilônico; juízo divino; profetismo.

#### ABSTRACT

This study presents an exegetical analysis of Jeremiah 29.16–20, a passage contained in the letter sent by the prophet Jeremiah to the Judean exiles in Babylon after the first deportation in 597 B.C. The research examines the text through a literal translation of the Hebrew, literary delimitation, textual criticism, and analysis of its internal coherence. The study also considers the historical context of the Babylonian period, marked by political instability, population displacement, and religious crisis. The oracle is directed specifically to those who remained in Jerusalem after the initial deportation and exposes their false sense of security, which led them to reject the prophetic message. The repeated triad of judgment — sword, famine, and pestilence — highlights the severity of the divine punishment announced by YHWH against those who refused to listen to the prophets. The textual analysis also identifies variants in the manuscript traditions, particularly in the Septuagint, which omits this section of the chapter. From a literary and theological perspective, the passage emphasizes the authority of the

---

<sup>1</sup> Elisama de Moura Rodrigues Leite é graduanda em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro, em Nutrição pela Universidade Estácio de Sá e Pós-graduada em nutrição Clínica pela Universidade Federal Rio de Janeiro UFRJ, Pós-graduada em Nutrição em Nefrologia pela UNIFESP. Missionária na Igreja Evangélica Congregacional desde 2006. Atua ainda como missionária voluntária no Projeto Amazônia para Cristo há 7 anos, juntamente com uma equipe de saúde e evangelismo adulto e infantil. É coordenadora do Ministério de Mulheres da Igreja Evangélica Congregacional, professora da Escola Bíblica Dominical da Igreja Evangélica Congregacional de Barra do Piraí e voluntária no Hospital Inca do Rio de Janeiro.

prophetic word and the responsibility of the people before divine revelation. The text shows that remaining in Jerusalem did not signify spiritual privilege but rather revealed the persistence of disobedience and resistance to the voice of God. Therefore, Jeremiah 29.16–20 underscores the contrast between the judgment pronounced upon those who stayed in the city and the hope offered to the exiles who submitted to the divine purpose during the exile.

**Keywords:** Jeremiah; babylonian exile; divine judgment; prophetic literature.

## 1 INTRODUÇÃO

O livro de Jeremias foi escrito em um período de grande instabilidade no antigo Oriente Próximo, especialmente para Judá. O capítulo trata de uma carta enviada aos exilados na Babilônia após a primeira deportação em 597 a.C. (Harrison, 2008, p. 104.)

Jeremias alerta que Nabucodonosor seria instrumento de Deus para punir o rei e a cidade de Jerusalém. Judá é invadida, e o rei Joaquim, junto com cerca de 3.023 pessoas, foi levado à força para a Babilônia (Jr 52.28). Essa deportação foi uma estratégia babilônica de dominação onde podemos notar que se iniciou pelo líder, sua família. As consequências podem ser notadas na política, na área demográfica e cultural. As deportações ocorreram em etapas, começando com os líderes, sua mãe, seus servos, seus príncipes e seus oficiais. (2 Rs 24.8-12).

Os versículos 1-23 do capítulo 29, contém uma carta enviada pelo profeta Jeremias aos judeus que estavam exilados. Logo no início da mensagem, Jeremias aconselha o povo a seguir com suas vidas normalmente, que devem aprender a viver em Babel e que esperem submissamente até Deus agir para os libertar, não importando o quanto isso fosse demorar (Van Pelt, 2024 p. 368).

Os versículos de 16-20 pedem uma seriedade aos que estão na babilônia que parem de se enganar, pois os que ainda estavam em Jerusalém não tinham aprendido a lição do primeiro cativo e por isto tinham de ser destruídos.

## 2 TRADUÇÃO LITERAL<sup>2</sup>

v.16 Portanto, assim diz o Yahweh sobre o Rei que assenta sobre no trono de Davi e sobre todos

---

<sup>2</sup> A tradução literal, assim como as citações bíblicas presentes ao longo do artigo, foi elaborada pela autora.

as pessoas estes que habitam na cidade e a respeito dos irmãos quem não saíram com vocês do cativoiro

v.17 Por isso diz Yahweh de anfitriões eis que eu enviarei neles a espada a fome a pestilência e fará eles com figos podres que não pode ser comido eles são tão ruins

v.18 e eu os perseguirei com a espada com fome e com pestilência e eu os livrarei para perturbar entre todos os reinos da terra para ser um juramento e um assombrio e uma reprovação entre todos as nações onde eu os expulsei lá.

v. 19 Porque os que não tem atendido as minhas palavras diz senhor, qual eu enviei para eles servos, os profetas, levantando-se cedo. E enviando e você prestava atenção diz senhor.

v. 20 Portanto ouvi a palavra de Yahweh todos vocês do cativoiro quem eu enviei de Jerusalém para Babilônia.

### 3 DELIMITAÇÃO

O capítulo 29 de Jeremias começa com a introdução de uma carta escrita pelo profeta aos exilados na Babilônia, conforme a ordem de *YHWH*. O narrador apresenta os termos da carta, seus destinatários e o contexto histórico, destacando que ela foi enviada após a saída do rei Jeconias de Jerusalém. A partir do versículo 16, há uma mudança clara na estrutura e no foco da mensagem. A expressão “Assim diz o Senhor” introduz uma fórmula profética clássica, marcando não apenas uma transição temática, mas também uma mudança no público-alvo. A mensagem, que até então era dirigida aos exilados, passa agora a se referir àqueles que permaneceram em Jerusalém. Essa transição é reforçada no texto hebraico por meio de uma *parashah setumah*, ou pausa curta, indicada entre os versículos 15 e 16. Essa marcação, segundo a tradição massorética preservada na Bíblia Hebraica *Stuttgartensia*, sinaliza uma separação dentro da narrativa, funcionando como um divisor textual e temático. Além da mudança de tema e de destinatários, observa-se uma unidade na perícope que vai de Jeremias 29.16 a 20, caracterizada por um discurso profético de juízo. Essa seção se destaca como uma unidade literária e teológica, com linguagem direta e autoritária típica dos oráculos de julgamento, reafirmando a autoridade divina por meio do profeta Jeremias.

## 4 CRÍTICA TEXTUAL

O texto manuscrito da Bíblia Hebraica foi transmitido ao longo de muitos séculos. Além disso, ele foi objeto, antes do séc. I, de mudanças e acréscimos que espelhavam diversas tradições. O resultado é que existem diversas formas dos textos, que se evidenciam, por exemplo, no texto massorético, na tradução grega dos LXX e no Pentateuco Samaritano (Pisano, 2000, p.39). Visto que nenhuma fonte textual contém o que poderia ser chamado de "o" texto bíblico, um envolvimento sério nos estudos bíblicos requer claramente a análise de todas as fontes, incluindo as diferenças entre elas (Tov, 2001, p.2). Nesse aspecto, cabe à crítica textual, por meio do exame crítico da transmissão do texto hebraico, bem como das traduções antigas, localizar as inexactidões que surgiram ao longo da história (Steck, 1998, p.40). Reconstruir a (provável) redação original a partir dos manuscritos atualmente conhecidos supõe realizar um trabalho crítico em duas direções: crítica externa e interna. Esta última observa a articulação das ideias, uso das palavras, estilo, teologia (Silva, 2000, p.45).

### 4.1 APARATO CRÍTICO

#### **v. 16: Nota Ausência na LXX**

Na LXX, texto grego original, omite os versículos 16-20 acionado conforme versículo 8. A palavra em muitos manuscritos como está escrita תִּשְׁרֹף. Essa omissão pode indicar uma variante textual ou um rearranjo editorial na tradição grega.

#### **v. 17: Nota A Presença ou ausência de תִּשְׁרֹף:**

Em muitos manuscritos hebraicos medievais (mss.m), bem como nas versões antigas LXX (recensões de Orígenes e Luciano), Peshitta, Targum e Vulgata, a conjunção aparece como תִּשְׁרֹף ("e [com]") ao invés de apenas תִּשְׁרֹף. A leitura com תִּשְׁרֹף está em harmonia com o paralelismo dos juízos triplicados ("espada, fome e peste").

**v. 18 Nota A Forma abreviada de בָּרָעַב:**

Em diversos manuscritos hebraicos medievais, bem como nas versões de Teodocião, Peshitta e Vulgata, a palavra בָּרָעַב ("pela fome") aparece de forma abreviada (deficiência ortográfica: ausência do vav mater lectionis). Contudo, a leitura plena é mantida no códice Leningradensis, base da BHS.

**Nota B Ketiv/Qere e paralelos:**

O texto do v. 18 é paralelo a Jr 15,4b, 24,9a, 29,18b, 34,17. Em todos esses casos, as expressões וּלְשָׂרָקָה וּלְהִרְפָּה וּלְשָׂמָה וּלְאֵלָה aparecem conforme o ketiv (forma escrita). A consistência dessas fórmulas reforça a estabilidade do texto massorético.

**Nota C Palavra וּלְשָׂרָקָה:**

Há registros de poucos manuscritos medievais que apresentam variações ou omissão da palavra וּלְשָׂרָקָה ("assobio", "motivo de zombaria"). A leitura é mantida no texto massorético padrão (L), mas a presença dessa palavra reforça o padrão de maldições em Jeremias.

**v. 19: Nota A Forma de אֲלֵיהֶם:**

A forma אֲלֵיהֶם ("a eles") está bem atestada no texto massorético, mas há variações menores de grafia em manuscritos medievais (acentuação e vocalização), o que não altera significativamente o sentido.

**Nota B Mudança verbal nas versões antigas:**

A Septuaginta (sob a recensão de Orígenes), a Peshitta e alguns manuscritos latinos apresentam o verbo final שָׁמַעְתֶּם ("vós ouvistes") na forma da 3ª pessoa do plural (שָׁמְעוּ; "eles ouviram"). Essa alteração pode ser uma tentativa de harmonização sintática com os sujeitos anteriores ("eles não ouviram"), mas não está atestada no texto hebraico padrão.

**4.1.1 Aplicação da crítica textual indiciária**

A palavra נָשִׂיף que aparece como introdução ao novo oráculo, em algumas versões mais antigas como a LXX e outros manuscritos essa palavra é omitida ou condensada na introdução. em certas seções da septuaginta é mais curto do que o texto massorético. Pode indicar um possível acréscimo posterior ou que a Septuaginta reflete uma forma textual mais antiga.

O uso da expressão “sim” indicando a retomada do pensamento principal no versículo 17, pode ser entendida como uma profecia em particular. Ela não está sendo citada em tom de advertência.

Os versículos de 16 a 20 parecem ser uma interpolação secundária, o que não ocorre na LXX.

Alguns textos estão em ordem diferente do texto hebraico ou (TM), como podemos citar JrLXX 25.14-32.24 está no centro do livro e JrTM 46-51 está no final, e a “escrita dos dois rolos” (JrLXX 43 x JrTM 36). Tem-se ainda palavras, frases, parágrafos e até trechos bastante longos do TM que não tem correspondência na LXX, como Jr 17. 1-4; 29. 16-20; 33.14-26. Diante desse problema surgiram três explicações a) JrLXX e JrTM representam duas edições do livro feito pelo próprio Jeremias, sendo JrLXX a mais antiga, JrTM uma aplicação de JrLXX e as diferenças entre os dois textos devem-se a acidentes na transmissão, à inépcia do tradutor ou a sua decisão particular de mudar o texto e de abreviar. Os estudos de Jeremias têm sido iluminados pelos manuscritos (4Q71 E 4Q72a) e outra longa (2Q12, 4Q70 e 4Q72) do livro.

## 5 COESÃO INTERNA DA SUA PERÍCOPE

Para identificar os elementos do hebraico que tornam Jeremias 29.16-20 um texto coeso, devemos observar os mecanismos linguísticos e estruturais usados no texto massorético que promovem coesão textual. No geral, os verbos, as conjunções e as repetições são os principais elementos que amarram o texto e dão unidade ao discurso de Jeremias.

A conjunção וַ vav (consecutiva), liga ideia e verbos. (וַיֹּאמֶר יְהוָה) – “Assim diz o Senhor...” (v.16); (וַיִּשְׁלֶה) – “Eis que eu envio...” (v.17); (וְהָיוּ לְתוֹצֵה) – “E serão um objeto de horror...” (v.18). O uso repetido do vav consecutivo, especialmente com verbos no imperfeito, cria uma cadeia narrativa coesa e reforça a progressão do juízo de Deus contra os que permaneceram em Jerusalém. Observa-se no texto um sequenciamento lógico que segue de forma progressiva. Primeiro há a apresentação da ideia “mas assim diz o Senhor...”, após o juízo

“enviarei entre eles a espada, a fome e a peste...” motivo “pois não deram ouvidos as minhas palavras”, e a exortação “Vós portanto ouvi a palavra do Senhor...”.

## 5.1 ESTRUTURA

Jeremias escreve a carta entre a primeira conquista de Jerusalém em 597 a.C, e a destruição da cidade e do templo em 587 aC, destinado àquela parcela do povo que, com o rei Jeconias, havia sido levada ao exílio babilônico (2Rs 24,10). Encontramos no capítulo conselhos e promessas de YHWH para os destinatários e contra os falsos profetas.

### 5.1.1 Estrutura Temática

#### 1) **Introdução (v. 16)**

Há uma palavra profética para os que ficaram em Jerusalém, e a mesma palavra indica o início de uma nova seção de texto.

#### 2) **Julgamento Anunciado: (v. 17)**

Anuncia o julgamento da ação que está prestes a acontecer e que terá Deus como sujeito direto do juízo. Vemos também uma tríade profética (espada, fome e peste) comum em Jeremias conforme: Jr 14.12; 24. 10.

#### 3) **Expansão do Juízo: (v. 18)**

Repetição da tríade profética (espada, fome e peste), com uma sequência que expressam vergonha, espanto, assobio para as outras nações, tornando o julgamento conhecido de forma negativa. Mostra a reversão da vocação de Israel quando no texto diz que seria luz para as outras nações (Isaías 42.6).

#### 4) **Motivo do Castigo: (v. 19)**

É possível observar claramente a teimosia por parte do povo e uma surdez espiritual relatada uma rejeição aos profetas.

#### 5) **Apelo Final: (v. 20)**

O texto inicia com um apelo para que os exilados que estão na Babilônia que ouçam e obedeçam.

## 6 ANÁLISES

### 6.1 ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

O livro de Jeremias situa-se em um período de profundas transformações políticas no antigo Oriente Próximo. No início desse cenário, o Império Neoassírio dominava amplamente a região, exercendo forte influência sobre diversos povos, inclusive Judá. Entretanto, após um longo período de expansão e poder, a Assíria começou a entrar em declínio, especialmente após a morte de Assurbanipal em 626 a.C. Nesse contexto, a Babilônia, sob a liderança de Nabopolassar e posteriormente de Nabucodonosor II, passou a ganhar força e protagonismo. Com o apoio dos medos, os babilônios conquistaram importantes cidades assírias, como Assur e Nínive, consolidando-se gradualmente como a nova potência dominante. Essa mudança de poder alterou profundamente o equilíbrio político da região e afetou diretamente o reino de Judá. Foi nesse ambiente de instabilidade e transição que surgiu o ministério profético de Jeremias, marcado por advertências, denúncias e chamadas ao arrependimento. (Van Pelt, 2024, p. 368)

Paralelamente às transformações internacionais, Judá enfrentava crises internas e disputas políticas. Durante o reinado de Josias, houve um esforço de reforma religiosa motivado pela redescoberta do livro da Lei no templo, evento que influenciou significativamente o contexto espiritual da época. Contudo, após a morte de Josias na batalha de Megido contra o faraó Neco, a situação política tornou-se ainda mais instável. Seus sucessores governaram sob forte pressão das potências estrangeiras, primeiro do Egito e depois da Babilônia. O rei Jeoaquim, colocado no trono pelos egípcios, adotou uma postura política marcada por interesses próprios e resistência às advertências proféticas. Sua rebelião contra a Babilônia acabou provocando a invasão do reino e o início das deportações para o exílio. Nesse contexto de conflitos, alianças frágeis e ameaças militares constantes, a mensagem de Jeremias destacou-se ao interpretar esses acontecimentos como parte do juízo divino e ao convocar o povo a reconhecer sua responsabilidade diante de Deus. (Van Pelt, 2024, p. 369).

A situação social e cultural da comunidade judaíta no período pós-exílico na Babilônia. Os anciãos exerciam papel importante na organização da vida comunitária, inclusive na

mediação de acordos matrimoniais e na representação do povo. Apesar dessas estruturas, a realidade inicial dos deportados foi marcada por dificuldades, pois muitos haviam perdido suas propriedades e sua posição social em Judá, além de enfrentarem desafios de integração em uma cultura estrangeira. Contudo, documentos históricos, como os registros da casa bancária Murashu (séculos V–IV a.C.), indicam que, com o passar do tempo, grande parte da população judaíta conseguiu integrar-se à sociedade babilônica, usufruindo de direitos semelhantes aos dos babilônios e, em alguns casos, alcançando ascensão social e econômica. Essa integração também explica por que muitos descendentes dos exilados, mesmo após o decreto de Ciro que permitiu o retorno a Jerusalém, preferiram permanecer na Babilônia, demonstrando que a diáspora judaíta havia desenvolvido formas estáveis de vida e inserção dentro da sociedade babilônica. (Kilpp, 2025, p. 357-358).

## 6.2 ANÁLISE DA MATERIALIDADE

Várias descobertas comprovam a existência do povo e dos acontecimentos mencionados no livro. As descobertas mais importantes são os óstracos de Laquis e Arade (fragmentos de cerâmica com inscrições de tinta), datados de anos imediatamente anteriores à destruição de Jerusalém. Dois selos foram encontrados com o nome do escriba Jeremias, Baruque: “Berekyahu”, filho de Neriyaahu, o escriba. Outro selo é o de argila, lê-se pertencente a Gedalias como governador da casa real (Jr 36.12). Um prisma de argila datado de aproximadamente 70 a.C e encontrado na Babilônia durante as escavações do palácio de Nabucodonosor, faz referência a Nebuzaradã como chanceler, nomeação recebida depois de sua carreira militar (Jr 39.9).

## 7 GÊNERO LITERÁRIO

O texto do livro de Jeremias possui diversos gêneros literários como poesia (“palavras de Jeremias”, 1.4-7), que se juntam ao texto de prosa (“textos de Baruk”, 26.1-24) e a textos Deuteronomistas (7.1-8). Apresenta o tom profético direto, pois Deus fala através de Jeremias em primeira pessoa, anunciando juízo contra os que ficaram em Jerusalém, os quais pensavam estar em situação melhor que os exilados. O livro também tem como estilo o de oráculo de condenação: Jeremias denuncia a desobediência, a rejeição da palavra de Deus e a

idolatria daqueles que não foram levados ao cativeiro e permanecem rebeldes. Além disso, há a fórmula profética clássica com a expressão “Assim diz o Senhor”, típica da literatura profética para autenticar a mensagem como vinda diretamente de Deus.

## 8 COMENTÁRIO EXEGÉTICO

Estes versículos fazem parte da carta profética enviada por Jeremias de Jerusalém para os exilados na Babilônia, incluindo profetas, sacerdotes e todo o povo, que foi deportado por Nabucodonosor. Aproveitando uma missão diplomática, Jeremias enviou a carta por meio de El, filho de Safá e de Gemarias. Nela, orientava os exilados a se estabelecerem na terra, a não se deixarem se enganar pelos falsos profetas locais, que seguiam a doutrina de Hananias, e se adaptarem às novas circunstâncias em que Deus os colocou, Jeremias 29.1.

este é o conteúdo da carta que o profeta Jeremias enviou de Jerusalém aos líderes, que ainda restavam entre os exilados, aos sacerdotes, aos profetas e a todo o povo que Nabucodonosor deportara de Jerusalém para a Babilônia.

O trecho do parágrafo (v.16-20), não se encontra na LXX, pode ser considerado como recente, entende-se que esses versículos assim como v. 10: 13,14. (Thiel II p. 17).

O termo “e assim diz o Senhor”, confere uma autoridade divina do que será pronunciado. No entanto, a partir do versículo 16, ocorre uma mudança no foco: o oráculo agora é direcionado aos que permaneceram em Jerusalém. Ao final do versículo 15 vemos uma *parashah setumah* indicando uma transição temática sutil. A expressão “sim, assim diz o Senhor” indica uma ação iminente e direta de Deus. O verbo conjugados no *Qal* participio indicam ação contínua e irrevogável. O uso da imagem “figos ruins” remete à visão de Jeremias 24, reforçando o contraste entre os exilados (bons figos) e os que ficaram (figos podres). Textos como Is 8,1.16-18, Jr 29.1, ou o Óstracon de Laquis, tomam o escritor profético como certo antes de 587 AEC.

No versículo 17 é descrito a tríade do juízo de Deus sobre a nação que se desvia dos caminhos de Deus ao lermos, espada, fome e peste. O v.18 apresenta a catástrofe anunciada por Deus: eles serão perseguidos, todos verão o espetáculo horrendo e serão objeto de espanto. No v.19 é descrita a atuação incansável de Deus, quando o povo não escuta a palavra mesmo

sendo enviados profetas e servos para alertá-los, sendo esta linguagem é típica do movimento deuteronomista. Por fim, o v.20, o termo “mas vós”, revela um contexto de pregação pois fala diretamente aos ouvintes (Kilpp; Nelson, 2025).

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto de Jeremias 29 revela de maneira clara a oposição que o profeta enfrentou dos falsos profetas que negavam a duração do exílio. Neste capítulo, ao escrever a carta aos exilados na Babilônia, o profeta os incentiva a se sujeitarem aos babilônios, construir casas e formar família. Estas famílias deveriam orar pedindo paz e prosperidade à Babilônia (vista como instrumento de Deus) porque permaneceriam ali durante setenta anos. Apesar desse juízo pôr fim a nação de Judá, o Senhor prometeu restaurá-la quando ela voltasse para Ele e o buscasse de todo coração. Assim, a promessa de Deus nesse versículo é “Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós.” Jeremias 29.11.

Os versículos de 19 a 20, detalha o Juízo de Deus sobre os que permaneceram em Jerusalém após a primeira deportação para a Babilônia. A expressão usada com tom profético “Assim diz o Senhor” e a tríade do castigo (fome, espada e peste), comunica de forma muito enfática a rejeição do povo à palavra do profeta. Enquanto os exilados recebiam uma palavra de esperança, incentivo, reconstrução ao longo prazo, os que permaneceram em Jerusalém iludidos pela falsa segurança e pelos profetas mentirosos, tornam-se alvos direto do Juízo de Deus. No texto podemos ver que Deus fala de maneira repetida “enviei os meus servos os profetas, madrugando e enviando, Mas vós não os escutastes; diz o Senhor.” (v. 19). O texto destaca como o povo se recusou a ouvir a voz de Deus, revelando uma teimosia um coração endurecido a voz de Deus, sendo inevitável vir sobre eles o julgamento.

### 9.1 APLICAÇÃO DA PERÍCOPE

A passagem de Jeremias 29.16-20 nos oferece uma advertência clara quanto aos perigos da falsa segurança religiosa e da resistência à voz profética genuína. O povo que permaneceu em Jerusalém julgava-se protegido por estar geograficamente na terra santa, próximos do templo e de símbolos religiosos, mas essa proximidade não representava comunhão verdadeira com Deus. Pelo contrário, essa falsa segurança levou à rejeição da mensagem divina transmitida

por Jeremias. A cegueira espiritual e a falta de discernimento os fizeram dar ouvidos a falsos profetas, perdendo a sensibilidade para distinguir entre a verdade de Deus e a ilusão do engano. O juízo que veio sobre eles foi consequência direta de seus próprios atos e de sua recusa em se submeter à direção do Senhor. Contudo, mesmo em meio à infidelidade humana, a fidelidade de Deus permanece como um farol que aponta para a esperança. Jeremias 29.12-14 revela que, apesar do juízo, Deus continua chamando seu povo ao arrependimento e oferecendo caminhos de restauração. Aqueles que foram para o exílio, embora vistos com desprezo pelos que ficaram em Jerusalém, estavam, na verdade, no centro da vontade de Deus, vivendo o processo de correção e esperança.

A lição dessa perícopa é que a verdadeira obediência não depende de conveniências humanas, mas de confiança na soberania divina. Em tempos de crise, a maturidade espiritual leva à obediência, dependência e submissão, pois é aí que se pode experimentar a fidelidade de Deus em sua plenitude.

## REFERÊNCIAS

BEACON HILL. **Comentário Bíblico Beacon – Jeremias e Lamentações**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

BÍBLIA. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BÍBLIA. **Bíblia tradução ecumênica**. São Paulo: Ministério da Cultura da França; Loyola, 2002.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao texto massorético**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

HARRISON, R. K. **Jeremias e Lamentações: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HINDSON, Ed; YATES, Gary. **A essência do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2014.

KILPP, Nelson. **O livro de Jeremias: um comentário exegético-teológico**. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal : Editora Paulinas, 2025.

MACKAY, John. **Comentário do Antigo Testamento – Jeremias**. Vol.2 / John J. Mackay,

traduzido por Vagner Barbosa – São Paulo: Cultura Cristã 2018.

PELT, Miles V. Van. **Introdução bíblico-teológica ao Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Fiel, 2024.

SÃO JERÔNIMO, Euzébio de Matos (Org.). **Comentário Bíblico São Jerônimo – Jeremias**. São Paulo: Paulus, 2002.

SCHWANTES, Milton (Ed.). **Jeremias 37-45**. Petrópolis: Vozes, 2006. (Revista Estudos Bíblicos)

WALVOORD, John F.; ZUCK, Roy B. **Comentário Bíblico do Professor da Bíblia: Antigo Testamento – Jeremias**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

## Pecado e juízo em Jerusalém

### Uma Análise Exegética de Ezequiel 22:1–16

Elizabeth Machado Mello Bruno<sup>1</sup>

#### RESUMO

O artigo analisa Ezequiel 22:1–16, compreendendo essa seção como uma unidade temática autônoma dentro do capítulo, que contém 31 versículos. Estruturado em introdução, delimitação textual, crítica textual, análise de coesão interna, contexto histórico-cultural, gênero literário, comentário exegético e considerações finais, o estudo investiga a acusação divina contra Jerusalém por seus crimes, imoralidade e idolatria. A tradução interlinear literal adotada revela harmonia estrutural e clareza interpretativa, mesmo mantendo a morfologia e a ordem do hebraico original. O uso do “Qal” perfeito evidencia ações completas e consumadas, reforçando a responsabilidade do povo pelos pecados cometidos e a certeza do juízo divino. A crítica textual não identificou variantes significativas que alterem o sentido do texto massorético. A coesão interna é reforçada pela repetição de termos e conjunções. Historicamente, a narrativa se insere no processo de degradação espiritual iniciado sob o reinado de Manassés e culminando no exílio babilônico, período em que Ezequiel — sacerdote e profeta — atua com a missão de exortar e consolar os exilados. O gênero literário predominante é o profético, com ênfase nas denúncias e promessas de restauração. O comentário exegético destaca que as maldições anunciadas são consequência direta das abominações do povo. O artigo conclui com uma reflexão teológica sobre os propósitos de Deus e a exigência contínua de fidelidade por parte de seu povo.

**Palavras-chave:** Ezequiel 22; Exegese Bíblica; Judaísmo.

#### ABSTRACT

This article analyzes Book of Ezekiel 22:1–16, understanding this section as an autonomous thematic unit within the chapter, which contains thirty-one verses. Structured into introduction, textual delimitation, textual criticism, analysis of internal cohesion, historical-cultural context, literary genre, exegetical commentary, and final considerations, the study examines the divine accusation against Jerusalem for its crimes, immorality, and idolatry. The literal interlinear translation adopted reveals structural harmony and interpretive clarity, even while preserving the morphology and word order of the original Hebrew. The use of the Qal perfect highlights completed and consummated actions, reinforcing the people’s responsibility for the sins committed and the certainty of divine judgment. Textual criticism did not identify significant variants capable of altering the meaning of the Masoretic Text. Internal cohesion is reinforced through the repetition of terms and conjunctions. Historically, the narrative is situated within the process of spiritual degradation that began under the reign of Manasseh and culminated in the Babylonian Exile, a period in which Ezekiel—both priest and prophet—exercised his ministry of exhortation and consolation among the exiles. The predominant literary genre is prophetic, with emphasis on denunciations and promises of restoration. The exegetical commentary highlights that the curses announced are a direct consequence of the people’s abominations. The article

---

<sup>1</sup> Elizabeth Bruno é graduanda em teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul, e graduada em História pela União Pioneira de Integração Social, pós-graduada em História do Brasil pela Universidade Católica de Petrópolis. Atua ainda como auxiliar de Capelania Hospitalar visitando vários hospitais na cidade do Rio de Janeiro. E-mail: [elizabethmbruno@gmail.com](mailto:elizabethmbruno@gmail.com).

concludes with a theological reflection on God's purposes and the continuing demand for fidelity from His people.

**Keywords:** Ezequiel 22; Biblical Exegesis; Judaism.

## 1 INTRODUÇÃO

O capítulo 22 do livro de Ezequiel está estruturado em três perícopes, ou seja, três oráculos distintos. A primeira, correspondente aos versículos 1 a 16 — foco da presente análise — trata da acusação contra Jerusalém, descrita como uma cidade desavergonhada, repleta de crimes de sangue e idólatra. Seus habitantes, manchados por essas práticas, seriam dispersos entre as nações. A segunda perícope, nos versículos 17 a 22, apresenta o fogo de Yahweh como o de um fundidor: Jerusalém seria submetida a uma prova severa, que revelaria sua verdadeira condição — uma cidade composta apenas de escória. Por fim, os versículos 23 a 31 formam a terceira perícope, na qual todas as classes sociais são responsabilizadas por suas transgressões persistentes e, portanto, sujeitas ao juízo divino.

## 2 TRADUÇÃO LITERAL<sup>2</sup>

v.1 E foi a palavra do Senhor para mim dizendo:

v.2 E você filho do homem, você julgará? você julgará a cidade sanguinária? E você a fará saber sua abominação.

v.3 E você dirá: Dessa forma diz o Senhor Deus: a cidade está derramando sangue no meio dela o tempo dela chegou e ela fez ídolos contra contaminação.

v.4 Você tornou-se culpada pelo sangue que você derramou e você se tornou impura em seus ídolos que você fez. E aproximou seus dias e veio seus anos contra você. Eu a dei uma repreensão. E aos povos tornou-se zombaria para as nações.

v.5 Aqueles próximos e distantes de você zombaram de você, doente, tão infame e cheia de tumulto.

v.6 Olhe príncipes de Israel para sua semente de cada um para derramar sangue sobre ti.

---

<sup>2</sup> A tradução literal, assim como as citações bíblicas presentes ao longo do artigo, foi elaborada pela autora.

v.7 Pai e mãe aliviaram em vocês, para o estrangeiro fizeram opressão no meio de ti, não tem valor órfão e viúva valor em seu meio.

v.8 Muitas coisas saqueou e o sábado profanou.

v.9 Homens caluniadores estão em você para derramar sangue e para comerem nos seus montes e agiram no seu meio com intenção maligna.

v.10 A nudez do pai revelou em você; a impureza da mulher menstruada afligiram em você.

v.11 E marido com mulher de seu vizinho fez abominação ao próximo; tornou impura a nora dele com perversidade ao próximo; sua irmã, filha de seu pai, violentou-o.

v.12 Propina tomaram de você para derramar sangue; suborno multiplica e você cometeu extorsão aos seus vizinhos e esqueceu do oráculo do Senhor Deus.

v.13 E eis que firo minha mão por causa da extorsão que você fez e contra o sangue que estava em seu meio.

v.14 Será que seu coração se fortalecerá; suas mãos em dias quando Eu fizer com você. Eu Deus falei, eu realizarei.

v.15 e Eu espalharei você entre as nações Eu lancei você através das nações e destruirei a impureza de você.

v.16 Você foi feita herdeira você mesma perante as nações e se você soubesse que eu sou Deus.

### 3 DELIMITAÇÃO

O capítulo 22 do livro de Ezequiel apresenta duas delimitações textuais evidentes, iniciadas nos versículos 17 e 23, respectivamente. De acordo com Maria de Lourdes Corrêa Lima, em sua obra *Metodologia Exegética*, tais delimitações seguem critérios formais, utilizados como fórmulas que introduzem, desenvolvem ou concluem seções textuais. Ambas as seções em Ezequiel 22 iniciam com a fórmula profética: “Veio a mim a palavra do Senhor”, seguida da respectiva mensagem divina dirigida ao povo de Israel.

Além dessas fórmulas introdutórias, há ainda uma delimitação evidenciada na tradição massorética por meio da inserção de *parashás* — indicações de pausas textuais — nos versículos 16 e 22. Com base nesses elementos estruturais, a perícopes de Ezequiel 22.1–16 constitui-se como uma unidade temática autônoma dentro do contexto mais amplo do capítulo,

sendo, portanto, passível de análise exegética específica.

#### 4 CRÍTICA TEXTUAL

O texto manuscrito da Bíblia hebraica foi transmitido ao longo de muitos séculos. Além disso, ele foi objeto, antes do séc. I de nossa era, de mudanças e acréscimos que espelhavam diversas tradições. O resultado é que existem diversas formas dos textos, que se evidenciam, por exemplo, no texto massorético, na tradução grega dos LXX e no Pentateuco Samaritano (Pisano, 2000, p.39). Visto que nenhuma fonte textual contém o que poderia ser chamado de "o" texto bíblico, um envolvimento sério nos estudos bíblicos requer claramente a análise de todas as fontes, incluindo as diferenças entre elas (Tov, 2001, p.2). Nesse aspecto, cabe à crítica textual, por meio do exame crítico da transmissão do texto hebraico, bem como das traduções antigas, localizar as inexactidões que surgiram ao longo da história (Steck, 1998, p.40). Reconstruir a (provável) redação original a partir dos manuscritos atualmente conhecidos supõe realizar um trabalho crítico em duas direções: crítica externa e interna. Onde a última observa a articulação das ideias, uso das palavras, estilo, teologia (Silva, 2000, p.45).

##### 4.1 APARATO CRÍTICO

Ao analisar de maneira prévia o texto de Ez 22.1-16, percebe-se as diversas variantes notificadas na BHS. Todavia, essas nuances não aparecem somente na perícopé investigada, mas em todo o livro de Ezequiel.

##### **Verso 1**

O v.1 não contém nota.

##### **Verso 2**

O v.2 contém uma nota.

- a) O aparato crítico nos informa que no versículo 2 está ausente תהפך (você julgará) em poucos manuscritos hebraicos medievais, texto grego original da LXX e versão síria Peshitta deletado (extraído 20,4?).

### Verso 3

O v.3 contém 2 notas.

- a) O aparato crítico nos informa que há uma ausência da palavra אֲדֹנָי (Senhor) no texto original da LXX (adição?)
- b) O aparato crítico nos informa que a LXX acrescenta ὁ πόλις possivelmente inserido אִי (aí) (conferir 24,6) ou יוֹה (aí) ou עִירָהּ (a cidade).

### Verso 4

O v.4 contém 4 notas.

- a) O aparato crítico nos informa a palavra קָרַבְתָּ (fizeste aproximar-te) na primeira parte do versículo da versão síria Peshitta "qrbw" (é uma transliteração da palavra em síriaco/aramaico (letras sem vogais indicadas) que significa “aproximar-se” ou “chegar perto”) e versão Targum “wqrjb” (também é uma transliteração do aramaico - que significa “aproximar-se” ou “chegar perto”).
- b) O aparato crítico nos informa que a versão Targum utiliza singular a palavra מִיָּמֶיךָ (seus dias);
- c) O aparato crítico nos informa que a palavra אָבִיָּהּ (e veio) na LXX και ἤγαγεν, Vulgata et adduxisti possivelmente uma תְּבִיאִי (e trouxe);
- d) O aparato crítico nos informa que a preposição עַד (para) é para ser lida com dois manuscritos hebraicos medievais, conferir Js 2.14<sup>b</sup>; Jz 4.18<sup>a</sup>, massoretas orientais (na Babilônia), ativos do séc.VII ao IX, conferir Lv 16.33<sup>a</sup> muitas ou todas as versões, conferir Dt 5.9<sup>b</sup> עַד

### Verso 5

O v.5 não contém nota.

### Verso 6

O v.6 contém 1 nota.

- a) O aparato crítico nos informa que a LXX πρὸς τοὺς συγγενεῖς αὐτοῦ = וְלִזְרָעוֹ (para os seus parentes)

### **Verso 7**

O v.7 não contém nota.

### **Verso 8**

O v.8 não contém nota.

### **Verso 9**

O v.9 contém duas notas.

- a) O aparato crítico nos informa conjunção e preposição **וְאֵל** (e assim por diante) é **=עָלַי** (e sobre)
- b) O aparato crítico nos informa que foi proposto **הַהָרִים** cf. 18.6 em **הַהָרִים** (as montanhas)

### **Verso 10**

O v.10 contém duas notas.

- a) O aparato crítico nos informa que a palavra **וְאַתָּה** (em você) aparece em muitas ou todas as versões no plural
- b) O aparato crítico nos informa que a palavra **וְאַתָּה**: (em você) que poucos manuscritos hebraicos medievais no singular.

### **Verso 11**

O v.11 não contém nota.

### **Verso 12**

O v.12 contém 1 nota.

- a) O aparato crítico nos informa que nome **וְיְהוָה** (o Senhor) falta em poucos manuscritos hebraicos medievais texto grego original da LXX, adicionado.

### **Verso 13**

O v.13 contém 3 notas.

- a) O aparato crítico nos informa que a preposição **וְאֵל** (no) é = **עַל**
- b) O aparato crítico nos informa que provavelmente a palavra **וְדָמָא** (o derramamento de sangue) é para ser lido poucos manuscritos hebraicos medievais na LXX, **וְדָמָא**

- c) O aparato crítico nos informa que dois manuscritos hebraicos medievais *sevirin* (lit. são supostos, são sugeridos, são cogitados): leituras sugeridas, supostas ou cogitadas הִיָּה conferir Pechitta, fragmentos de códices hebraicos da Guenizá da sinagoga Ben Ezra, do Cairo e Vulgata, segundo a edição do Mosteiro Beneditino de S. Jerônimo, em Roma.

#### **Verso 14**

O v.14 contém uma nota.

- a) O aparato crítico nos informa que a preposição תְּרוּאָה (com você) muitos manuscritos hebraicos medievais תְּרוּאָה e תְּרוּאָה 1.

#### **Verso 15**

O v.15 não contém nota.

#### **Verso 16**

O v.16 contém duas notas.

- a) O aparato crítico nos informa que a sequência <sup>a-a</sup> do versículo 16 וְגַם הָיָה (e você contaminará você mesmo) é para ser lida com manuscritos hebraicos medievais muitas ou todas as versões (e possuirás/herdarás).
- b) O aparato crítico nos informa que o substantivo אֲמִתּוֹת (das nações) é para ser lido com muitos manuscritos hebraicos medievais a LXX Símaco (séc. II), a Peshitta e o Targum (nações/povos).

#### **4.1.1 Aplicação da crítica textual indiciária**

O aparato crítico das edições textuais da Bíblia, como a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS), registra diversos tipos de variantes ou ajustes textuais presentes nos manuscritos antigos, incluindo omissões, duplicações, harmonizações, alterações gramaticais ou estilísticas. Tais variantes, em muitos casos, visam à harmonização do texto com passagens paralelas ou à sua clarificação. Na análise da perícopa de Ezequiel 22.1–16, observa-se que as variantes registradas são mínimas, sem impacto substancial sobre o conteúdo do Texto Massorético (TM), o que indica uma relativa estabilidade textual nesse trecho específico.

## 5 COESÃO INTERNA

A análise do texto hebraico apresentado revela alguns aspectos linguísticos relevantes relacionados à morfologia, à sintaxe e ao uso do vocabulário. Tais elementos ajudam a compreender as dificuldades comuns encontradas por estudantes na produção de textos em hebraico e, ao mesmo tempo, permitem refletir sobre a importância da concordância e da precisão lexical para a clareza da exposição acadêmica.

Em primeiro lugar, observa-se um problema de concordância de gênero entre sujeito e verbo na expressão “הלכידות של הקטע נראה”. O substantivo הלכידות (coesão) é feminino, enquanto o verbo נראה encontra-se no masculino. Em hebraico, assim como em outras línguas semíticas, a concordância entre sujeito e predicado é fundamental para a correção gramatical da frase. A forma adequada, portanto, seria נראית, preservando a concordância feminina.

Outro aspecto identificado refere-se ao uso incorreto de formas adjetivais no plural. Na expressão “נושאים מרכזים”, o adjetivo מרכזים não corresponde à forma correta para “centrais”. A forma adequada é מרכזיים, que segue o padrão regular de formação de adjetivos no plural masculino. Situação semelhante ocorre na expressão “הטאים חברתים”, na qual o adjetivo aparece grafado incorretamente. A forma correta é חברתיים, mantendo a estrutura morfológica apropriada do plural masculino.

Também se observa uma imprecisão na formação do plural do substantivo ביטוי (“expressão”). No texto aparece a forma ביטויים, quando o plural correto é ביטויים. Esse tipo de erro é relativamente comum em estágios iniciais do aprendizado da língua, especialmente em palavras terminadas em “yod”.

No campo lexical, percebe-se ainda uma escolha vocabular que, embora não seja estritamente incorreta, pode ser considerada menos adequada ao contexto acadêmico. O verbo מחברים (“conectam”) foi utilizado para indicar relação entre versículos. Contudo, em estudos exegéticos e linguísticos, o verbo מקשרים (“relacionam” ou “estabelecem conexão”) costuma expressar de maneira mais precisa a ideia de coesão textual.

Outro ponto relevante diz respeito novamente à concordância gramatical. Na frase “הלכידות הפנימית של הטקסט נבנה”, o verbo aparece no masculino (נבנה), enquanto o sujeito הלכידות é feminino. A forma correta seria נבנית, preservando a concordância adequada.

Além dessas questões morfológicas, observa-se também uma pequena imprecisão sintática na expressão “דבר זה מחזק את הרעיון”. Embora a construção seja compreensível, em textos acadêmicos costuma-se empregar a forma כי (“que/pois”) para introduzir a explicação

subsequente, o que tornaria a frase mais completa do ponto de vista argumentativo.

Por fim, há uma observação de natureza estilística na utilização da palavra אורקל (“oráculo”). Apesar de compreensível, trata-se de um empréstimo lexical de uso mais moderno. Em textos que buscam aproximar-se da terminologia bíblica ou acadêmica tradicional, a expressão נבואה (“profecia”) tende a ser mais apropriada.

Em conjunto, essas observações demonstram como aspectos aparentemente pequenos da gramática hebraica — como concordância, formação de plural e escolha lexical — podem influenciar a precisão e a clareza de um texto acadêmico. A atenção a esses detalhes contribui não apenas para a correção linguística, mas também para a qualidade da análise exegética e da comunicação científica.

## 5.1 ESTRUTURA

A estrutura adotada para a perícopes de Ez 22.1-16 é resultado da análise do aparato crítico que realizamos noutra parte do trabalho (3.1).

### **5.1.1 A Cidade de Sangue Frio: Acusação Formal contra a Cidade**

#### 5.1.1.1 Introdução ao oráculo (v.1-2)

- Ezequiel, o profeta (v.1a)
- Inspiração divina (v.1b)
- Dirigida a Cidade de Jerusalém (v.2a)
- Objetivo do oráculo - que a Cidade conheça o porquê da condenação (v.2b)

#### 5.1.1.2 Assim diz YHWH (vv.3-16)

- YHWH apresenta ao profeta a condenação que deve verbalizar (v.3a)
- O soberano condena o pecado do assassinato e os cultos pagãos (v.3b,6)
- O julgamento é iminente (v.4)
- Escarnecerão de Jerusalém (v.5)

- Outros pecados de Jerusalém (v.7-12)
- Julgamento (v.13)
- Resistirão ao julgamento? (v.14a)
- Declaração e ameaça de YHWH (v.14b)
- Julgamento propriamente dito: dispersão e perda da herança (v.15-16)

## 6 ANÁLISES

### 6.1 ANÁLISES DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

A deportação do rei Joaquim, de sua família e de cerca de dez mil membros da elite judaíta para a Babilônia, em 597 a.C., é narrada em 2 Reis 24.10-17. Entre os exilados estava o profeta Ezequiel. Este evento marcou profundamente a teologia profética da época, sendo considerado o ponto de partida para as mensagens de Ezequiel, que iniciou seu ministério em 593 a.C. Ezequiel era sacerdote, filho de Buzi, pertencente à linhagem de Zadoque. Seu nome, que significa "Deus fortalece", reflete a missão que desempenhou: consolar e encorajar os exilados com promessas de restauração, ao mesmo tempo em que denunciava os pecados que levaram ao cativeiro (Andrew e John, 2010, p. 487). O livro pode ser dividido tematicamente da seguinte forma: justificação do exílio e responsabilidade de Israel diante de Deus (caps. 8–33); julgamento das nações que se regozijaram com a queda de Israel (caps. 25–32); promessa da restauração final de Israel (caps. 33–48) (Champlin, 2018, p. 516). A perícopes de Ezequiel 22.1-16 se encaixa no primeiro bloco, destacando-se como uma denúncia contundente contra a corrupção social, a idolatria e a degradação espiritual de Jerusalém.

Entre os fatores que levaram ao exílio, destaca-se o reinado de Manassés, que implementou práticas idolátricas, como o culto ao deus cananeu Baal (2Rs 21.1-9), considerado o início do declínio espiritual de Judá. Posteriormente, no reinado de Josias, o redescobrimiento do Livro da Lei promoveu um reavivamento espiritual que, embora promissor, não teve continuidade. Após sua morte, seus filhos Jeoacaz e Jeoaquim assumiram o trono. O reinado de Jeoaquim foi marcado por injustiças sociais, idolatria, corrupção e rejeição à aliança do Senhor, conforme denunciado por Jeremias (Jr 22.1-17) (Andrew E John, 2010, p. 490).

## 6.2 ANÁLISE DA MATERIALIDADE

A partir da segunda metade do século XIX, foram realizadas as primeiras escavações arqueológicas na região da antiga Babilônia, conduzidas por arqueólogos europeus. Durante esse período, muitas tabuletas cuneiformes foram descobertas, incluindo documentos datados do reinado de Nabucodonosor II. Entre essas tabuletas, destaca-se uma que comprova a presença de Jeoaquim, rei de Judá, no exílio. O texto nela contido menciona: "*Yaukin, rei da terra de Yahud*", ou seja, Jeoaquim, rei da terra de Judá, e registra a distribuição de rações — como alimentos, óleo e cevada — a membros da realeza e a outros cativos. Datada de 592 a.C., essa inscrição constitui uma importante evidência arqueológica da presença de Jeoaquim e de seu povo no cativeiro babilônico (Hindson e Yates, 2014, p. 34).

## 7 GÊNERO LITERÁRIO

O livro de Ezequiel tem como gênero literário principal o profético, e apresenta como subgêneros o apocalíptico, o poético e o autobiográfico. Nos livros proféticos, a voz de Deus é comunicada por meio dos profetas, sendo transmitidas mensagens divinas — os oráculos — que frequentemente anunciavam o futuro imediato de Israel, Judá e das nações vizinhas (Fee, e Stuart, 2017, p. 261). O subgênero apocalíptico presente em Ezequiel desempenhou papel significativo no desenvolvimento posterior da literatura apocalíptica. As suas visões e os símbolos enigmáticos estão associados a temas escatológicos, como o juízo divino, a intervenção de Deus na história humana e a vitória final de Deus sobre os inimigos de Israel (Andrew E John, 2010, p. 497).

## 8 COMENTÁRIO EXEGÉTICO

### 8.1 INTRODUÇÃO AO ORÁCULO

<sup>1</sup>E foi a palavra do Senhor para mim dizendo: <sup>2</sup>E você filho do homem, você julgará? você julgará a cidade sanguinária? E você a fará saber sua abominação.

Os primeiros versículos do capítulo 22 constituem uma declaração típica que introduz um

oráculo, enfatizando a inspiração divina e afirmando que Ezequiel era o profeta autorizado por Yahweh. A tarefa do profeta consistia em julgar Jerusalém, condenando-a pelas abominações praticadas.

Segundo Gordon D. Fee e Douglas Stuart, a fórmula utilizada nos livros proféticos — “Assim diz o Senhor” ou “Esta é a palavra do Senhor” — também chamada de fórmula do mensageiro, era comum entre mensageiros em contextos diplomáticos ou comerciais no mundo antigo. Essa fórmula servia para lembrar aos ouvintes que a mensagem proferida não era criação do próprio mensageiro, mas sim as palavras daquele que o havia enviado. Foi por meio do profeta, portanto, que Deus proclamou sua intenção de fazer cumprir a aliança, seja para benefício ou para juízo, dependendo da fidelidade de Israel. As bênçãos e maldições decorrentes dessa fidelidade já estavam previstas nas passagens de Levítico e Deuteronômio. Nesta perícope, as maldições se evidenciam como consequência direta das abominações praticadas pelo povo de Jerusalém (Fee, e Stuart, 2017, p. 264 e 281).

## 8.2 ASSIM DIZ YHWH (vv.3-16)

<sup>3</sup>E você dirá: Dessa forma diz o Senhor Deus: a cidade está derramando sangue no meio dela o tempo dela chegou e ela fez ídolos contra contaminação. <sup>4</sup> Você tornou-se culpada pelo sangue que você derramou e você se tornou impura em seus ídolos que você fez. E aproximou seus dias e veio seus anos contra você. Eu a dei uma repreensão. E aos povos tornou-se zombaria para as nações.<sup>5</sup> Aqueles próximos e distantes de você zombaram de você, doente, tão infame e cheia de tumulto. <sup>6</sup> Olhe príncipes de Israel para sua semente de cada um para derramar sangue sobre ti. <sup>7</sup> Pai e mãe aliviaram em vocês, para o estrangeiro fizeram opressão no meio de ti, não tem valor órfão e viúva valor em seu meio. <sup>8</sup> Muitas coisas saqueou e o sábado profanou. <sup>9</sup> Homens caluniadores estão em você para derramar sangue e para comerem nos seus montes e agiram no seu meio com intenção maligna. <sup>10</sup> A nudez do pai revelou em você; a impureza da mulher menstruada afligiram em você. <sup>11</sup> E marido com mulher de seu vizinho fez abominação ao próximo; tornou impura a nora dele com perversidade ao próximo; sua irmã, filha de seu pai, violentou-o. <sup>12</sup> Propina tomaram de você para derramar sangue; suborno multiplica e você cometeu extorsão aos seus vizinhos e esqueceu do oráculo do Senhor Deus. <sup>13</sup> E eis que firo minha mão por causa da extorsão que você fez e contra o sangue que estava em seu meio. <sup>14</sup> Será que seu coração se fortalecerá; suas mãos em dias quando Eu fizer com você. Eu Deus falei, eu realizarei. <sup>15</sup> e Eu espalharei você entre as nações Eu lancei você através das nações e destruirei a impureza de você. <sup>16</sup> Você foi feita herdeira você mesma perante as nações e se você soubesse que eu sou Deus.

Como citado anteriormente, o não cumprimento da aliança resultaria em maldições sobre Israel. Nestes versículos, YHWH, por meio do profeta, revela ao povo os motivos de sua deportação para a Babilônia: o tempo de julgamento havia chegado, e as nações ao redor veriam e zombariam de Israel. Em Êxodo 20.13, Deus condena o pecado do assassinato (derramamento de sangue), porém o povo o praticava para aumentar suas riquezas e adquirir mais poder. Outro pecado severamente condenado era a idolatria, visto que Israel estava adorando deuses pagãos. Do versículo 7 ao 12, é apresentada uma lista de transgressões: os pais eram tratados com desrespeito pelos filhos; os estrangeiros eram maltratados; órfãos e viúvas eram oprimidos; as coisas santas eram desprezadas, com violações e negligência às prescrições e leis do código mosaico; além disso, praticavam-se atos como incesto, relações sexuais com mulheres durante o período menstrual e adultério. Como resultado de todas essas abominações (v,15,16) veio o cativo babilônico.

## **9 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao término desta perícopes de Ez 22.1-16, percebe-se que Jerusalém está submersa em desvios morais e espirituais. A cidade está corrompida com assassinatos, idolatria, profanação do sagrado, desprezo pelos menos favorecidos, práticas sexuais ilícitas, tudo em desacordo com o preceito de Yahweh. E a ira de Yahweh é derramada contra Jerusalém.

### **9.1 APLICAÇÃO DA PERÍCOPE**

Para aplicarmos os livros proféticos aos nossos contextos atuais, é necessário compreender as funções que os profetas exerciam em Israel. Os profetas atuavam como mediadores da aliança, encarregados de fazer com que ela fosse cumprida. Suas mensagens provinham de Deus, e não deles próprios; o conteúdo que transmitiam ao povo não era novo em essência, mas a mesma revelação dada por Deus a Moisés, apresentada com uma nova linguagem e aplicação. É importante reconhecer que essa mensagem era dirigida a um povo e a um período específicos. No entanto, “a Bíblia regularmente vê os atos de Deus na história temporal, à luz de seu plano global para a totalidade da história humana” (Fee, e Stuart, 2017, p. 287). Assim, o chamado de Deus no passado — para que seu povo mantivesse o equilíbrio entre a fé correta e a prática correta — continua válido também hoje, agora sob a perspectiva do Novo Testamento. O livro de Ezequiel nos recorda que Deus está comprometido em cumprir

sua aliança: para os que desobedecem, o resultado será maldição; para os que obedecem, bênção — independentemente do sucesso terreno.

## REFERÊNCIAS

ANDREW E. HILL; JOHN H. WALTON, **Panorama do Antigo Testamento**, 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento Interpretado**: versículo por versículo. 5 vols. São Paulo: Hagnos, 2018.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm, eds. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**: Texto Massorético com aparato crítico. 5. Ed. Ver. Por Adrian Schenker. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** Um guia para entender a Bíblia com mente e coração. 3. Ed. Belo Horizonte: Edições Vida Nova, 2017.

FISHER, Alexander A. **O Texto do Antigo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Manual da Bíblia Hebraica**: introdução ao Texto Massorético — Guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HINDSON, Ed; YATES, Gary. **A Essência do Antigo Testamento**. Tradução de Giuliana Niedhardt. 1. ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2014.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Exegese Bíblica**: Teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

## A Unidade no Altar

A Busca pelo Favor de Deus em Tempos de Restauração à luz de Esdras  
3:1-7

Bernardo Churrurrin de Abreu<sup>1</sup>

### RESUMO

A obra aponta o valor literário e histórico-cultural de alguns versículos, que mostram hábitos litúrgicos e a condição espiritual de Israel, para refletir sobre sua relação com Deus. Há um sentido de sacrifícios e ofertas na religiosidade, já que há referências frequentes a palavras como holocaustos, altar, sacerdotes e ofertas voluntárias, etc. E aqui, os que retornaram entenderam que sacrificar era muito significativo para eles - as expectativas entre o povo e os exercícios religiosos foram bem articuladas por Esdras – escriba e homem da lei. No entanto, o autor contrapõe esse foco externo com a instrução do rei Davi de que Deus deseja corações quebrantados e contritos em vez de sacrifícios sem vida. Assim, pergunta-se se Israel tinha uma aparência externa apenas com pretensão por dentro. Reconhece a necessidade de reconstruir o templo, mas reforça que, sem a verdadeira fé de Israel, outro edifício não tem valor espiritual. E, por último, que obras exteriores não são capazes de agradar a Deus, mas devem ser de Sua verdade e em Seu espírito.

**Palavras-chave:** Exegese Bíblica; Livro de Esdras; Antigo Testamento; Teologia do Altar; Livros Históricos.

### ABSTRACT

The work highlights the literary and historical-cultural value of specific verses that depict liturgical habits and the spiritual condition of Israel to reflect on their relationship with God. There is a profound sense of sacrifice and offerings within their religiosity, given the frequent references to terms such as burnt offerings, altar, priests, and freewill offerings. In this context, those who returned understood that sacrificing was deeply significant to them—the expectations among the people and their religious exercises were well-articulated by Ezra, the scribe and man of the Law. However, the author counters this external focus with King David's instruction that God desires broken and contrite hearts rather than lifeless sacrifices. Thus, the question arises whether Israel maintained an outward appearance while harboring mere pretense within. While the work recognizes the necessity of rebuilding the Temple, it reinforces that without Israel's true faith, another building holds no spiritual value. Finally, it concludes that outward works are incapable of pleasing God; rather, they must stem from His truth and be performed in His spirit.

**Keywords:** Biblical Exegesis; Book of Ezra; Old Testament; Burnt Offerings; Historical Books.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia – FABAT. Graduando em Psicologia - UNESA.

## **1 INTRODUÇÃO**

A priori, a perícope em análise (Esdras 3:1-7) evidencia a reconstrução do altar ao Deus de Israel. Além disso, destaca-se também a necessidade de levantar algo que foi destruído, afinal, por quem? Segundo o livro “Os Livros históricos” de Antônio Renato Gusso, o livro de Esdras é importante para entendermos a situação de Judá e seu povo durante o primeiro século após o decreto de Ciro, o qual permitiu que o povo, já sem esperanças de retorno, voltasse para Jerusalém e outras regiões da terra natal de seus antepassados. Tendo seu altar destruído pelos babilônicos, vemos como essa regeneração de fato aconteceu e se desenvolveu.

Dessa forma, esses sete versículos são essenciais para o nosso entendimento como exegetas e apreciadores do Antigo Testamento ou Antiga Aliança. A partir do sétimo mês, o povo já estava reunido como uma só força ou como um só homem, para cumprir essa missão. Então, Jesua, filho de Jozadaque, com os seus parentes sacerdotes, e Zorobabel, filho de Sealtiel, com os seus próprios parentes, começaram a construir o altar ao Senhor, com holocaustos e sobre a sua base. A seguir, continuaram a oferecer sacrifícios a Yahweh durante cada celebração, com a quantidade certa, conforme a Lei de Moisés. Por fim, mesmo sem terem lançado os alicerces do templo, eles continuavam a oferecer holocaustos ao Senhor.

## **2 TRADUÇÃO LITERAL**

v.1 E quando chegou o sétimo mês e os filhos de Israel estavam nas cidades e reunidos o povo como um só homem para Jerusalém.

v.2 E surgiu Jeshua, filho de Jozadaque e seus irmãos os sacerdotes e Zorobabel, filho de Sealtiel, com seus irmãos e construiu o altar do Deus de Israel para oferecer nele holocaustos como está escrito na lei de Moisés, homem do Deus.

v.3 E eles estabeleceram o altar nas suas bases embora tivesse chegado medo sobre eles por causa do povo de países ao redor mas eles ofereceram holocaustos ao Senhor e sacrifícios de dia e de noite.

v.4 E eles mantiveram a Festa dos Tabernáculos, como está escrito, e ofereceu os determinados holocaustos conformes de cada dia.

v.5 E depois eles ofereceram o holocausto regular os sacrifícios das Festas da Lua Nova, os sacrifícios para todas as festas sagradas determinadas por Yahweh, bem como os que foram trazidos como ofertas voluntárias de livre arbítrio ao Yahweh.

v.6 Do dia primeiro do sétimo mês eles começaram a oferecer sacrifícios a Yahweh embora a fundação não fora lançada.

v.7 E eles deram dinheiro aos maçons e os carpinteiros, e alimentos e bebidas e óleo aos sidônios e Tire, trazer registra cedro da Líbano para o mar até Jope de acordo com a permissão de Ciro rei da Pérsia que eles tiveram.

### **3 DELIMITAÇÃO**

A unidade de texto em questão, Esdras 3:1-7, constitui uma seção temática com um tema literário definido no Livro de Esdras. Começa com a chegada do povo a Jerusalém no sétimo mês e encerra-se com a provisão efetiva de sacrifícios para Yahweh, antes de colocar a primeira pedra do Templo. O “quando” e “onde” estão ancorados no verso primeiro, com um marco temporal (“quando chegou o sétimo mês” e “Jerusalém”), assim como o quem - público alvo (os “filhos de Israel” e “eles”, ou, em escala maior, “o povo da terra”). Enfatiza uma ocorrência específica - evento particular (o retorno e a restauração do culto) que a distingue do material circundante na narrativa de Esdras.

Além disso, embora esteja antes do primeiro verso de Esdras 3 em Prolegômenos a Esdras, há uma descrição do primeiro grupo que retorna sob Zorobabel (capítulo 2) com o relato de suas várias famílias e seus bens. Assim, o capítulo 2 é, nesse sentido, um começo; ele prepara o cenário para o que acontece em Esdras 3. Em contraste, o que vem depois de nossa pequena seção (a partir de Esdras 3:8) descreve a etapa subsequente de toda a restauração, carregando um marco temporal diferente e novas atividades. Além disso, é notório a presença de  $\text{D}$  no final do verso 7 indicando o final de uma perícopé. A divisão é nítida porque a seção Esdras 3:1-7 compartilha um tema: a retomada do altar para as ofertas diárias e festivas, independente do Templo em si, ilustrando a primazia do culto na nova realidade religiosa pós-exílio. Há uma mudança nos personagens

dramáticos (Jeshua, Zorobabel e os sacerdotes) da enumeração mais geral no capítulo anterior para aumentar a força da unidade deste capítulo como um todo.

#### **4 CRÍTICA TEXTUAL**

O texto manuscrito da Bíblia hebraica foi transmitido ao longo de muitos séculos. Além disso, ele foi objeto, antes do séc. I de nossa era, de mudanças e acréscimos que espelhavam diversas tradições. O resultado é que existem diversas formas dos textos, que se evidenciam, por exemplo, no texto massorético, na tradução grega dos LXX e no Pentateuco Samaritano (PISANO, 2000, p.39). Visto que nenhuma fonte textual contém o que poderia ser chamado de "o" texto bíblico, um envolvimento sério nos estudos bíblicos requer claramente a análise de todas as fontes, incluindo as diferenças entre elas (TOV, 2001, p.2). Nesse aspecto, cabe à crítica textual, por meio do exame crítico da transmissão do texto hebraico, bem como das traduções antigas, localizar as inexatidões que surgiram ao longo da história (STECK, 1998, p..40). Reconstruir a (provável) redação original a partir dos manuscritos atualmente conhecidos supõe realizar um trabalho crítico em duas direções: crítica externa e interna. Onde a última observa a articulação das ideias, uso das palavras, estilo, teologia (SILVA, 2000, p.45).

##### **4.1 APARATO CRÍTICO**

Com a influência dos livros “Bíblia hebraica stuttgartensia”, “O texto do antigo testamento” do Fisher e “Manual da Bíblia hebraica” do Edson Faria, fiz esse aparato crítico.

##### **Esdras 3:1**

TM (BHS): Quando chegou o sétimo mês e os filhos de Israel estavam nas cidades, o povo se reuniu como um só homem em Jerusalém. Tradução: "Então, quando chegou o sétimo mês, e os filhos de Israel estavam nas cidades, o povo se reuniu como um só homem em Jerusalém." LXX (Codex Vaticanus): E aconteceu no sétimo mês, e os filhos de Israel estavam nas cidades, e o povo se reuniu como um só homem em

Jerusalém. Variação: Praticamente idêntico ao TM, confirmando a leitura e a ausência de variantes textuais significativas que alterem o sentido do versículo. Nota: A concordância entre TM e LXX neste versículo reforça a estabilidade textual da introdução da perícopé.

### **Esdras 3:2**

TM (BHS): Então Jesua, filho de Jozadaque, e seus irmãos, os sacerdotes, e Zorobabel, filho de Sealtiel, e seus irmãos levantaram-se e construíram o altar do Deus de Israel, para oferecer holocaustos sobre ele, como está escrito na Lei de Moisés, o homem de Deus. Tradução: "Então Jesua, filho de Jozadaque, e seus irmãos, os sacerdotes, e Zorobabel, filho de Sealtiel, e seus irmãos, se levantaram e construíram o altar do Deus de Israel, para oferecer holocaustos sobre ele, como está escrito na Lei de Moisés, o homem de Deus." LXX (Codex Vaticanus): E Jesus, filho de Josedec, levantou-se, e seus irmãos, os sacerdotes, e Zorobabel, filho de Salathiel, e seus irmãos, e construíram o altar do Deus de Israel, para oferecer sobre ele holocaustos inteiros, como está escrito na lei de Moisés, o homem de Deus. Variação: A leitura da LXX, em certas edições ou manuscritos, pode oferecer uma pequena variação na ordem dos personagens principais - (Jesua, Zorobabel) - sem mudar o aspecto do significado ou a maneira de expressar o autor da ação. No entanto, para Esdras canônico 3:2 a LXX geralmente atesta a sequência do TM, apontando para a estabilidade da transmissão deste material. Nota: A conformidade com a "Lei de Moisés" é uma questão teológica importante, e ambas as formas escritas desta história a transmitem mais uma vez, legitimando a atividade.

### **Esdras 3:3**

TM: E colocaram o altar sobre suas bases; pois o terror estava sobre eles por causa dos povos das regiões; e ofereceram sobre ele holocaustos a Yahweh, mesmo holocaustos de manhã e à tarde. Tradução: "E eles colocaram o altar sobre suas bases; pois o medo estava sobre eles por causa do povo daquelas regiões; e ofereceram sacrifícios queimados sobre ele ao SENHOR, mesmo sacrifícios queimados de manhã e à tarde." LXX (Codex Vaticanus): Assim colocaram o altar sobre suas bases, pois o medo estava sobre eles dos povos das terras, e ofereceram holocaustos sobre ele ao Senhor, holocaustos de manhã e

à tarde. Variação: Alguns textos da LXX (como 1 Esdras) podem adicionar termos explicativos ou sinônimos. LXX traduz suas bases/fundações como sua preparação/fundamento, interpretativo mas preciso. Os conceitos de TM são frequentemente mais concisos e, assim, acréscimos da LXX parecem ser expansões para clareza ou ênfase, veja comum em traduções antigas. Nota: A menção do medo é consistente em ambas as tradições, destacando a vulnerabilidade dos retornados.

#### **Esdras 3:4**

TM (BHS): E observaram a Festa dos Tabernáculos como está escrito, e ofereceram sacrifícios diários nas quantidades devidas de acordo com o comando do regulamento cada dia. Tradução: "Todos celebraram a Festa dos Tabernáculos com todo o seu ritual; seus sacrifícios; o holocausto que ofereceram ao SENHOR, dia após dia, em seu devido número, segundo a ordenança todos os dias."

LXX (Codex Vaticanus): E observaram a festa dos tabernáculos, como está ordenado na lei, e ofereceram os sacrifícios contínuos segundo o preceito dia após dia. Variação: As traduções são muito semelhantes. Não há variantes textuais de nota que mudem a essência do versículo. Nota: Implícito em cada versão está a adesão à Torá na observância das festas.

#### **Esdras 3:5**

TM (BHS): E aquilo que foi preparado para os holocaustos naqueles dias e para as luas novas e para as festas fixas, como está escrito na lei de Yahweh, e das oferendas voluntárias de Yahweh oferecidas de mão pelo povo de Yahweh. Tradução: "Sempre que ofertas queimadas eram oferecidas ao SENHOR nos Sábados e nas luas novas e nas festas marcadas, conforme o número exigido delas, regularmente perante o SENHOR." LXX (Codex Vaticanus): E após estes haverá o holocausto perpétuo, e as luas novas, e todas as assembleias santas do Senhor, e todo aquele que oferecerá sacrifício de bom grado ao Senhor. Variação: O TM e a LXX são bons aliados. As pequenas disparidades são questões de estilo ou preferência de vocabulário, não afetando o sentido das ofertas contínuas e voluntárias.

Nota: O verso enfatiza que o culto sendo restaurado não é apenas ofertório, mas inclui ofertas que são obrigatórias e voluntárias.

### **Esdras 3:6 (BHS):**

No sétimo mês, no vigésimo primeiro dia do mês, o primeiro dia. BHS lê no vigésimo primeiro dia do primeiro mês. Eles começaram a oferecer holocaustos a Yahweh, embora o fundamento do templo de Yahweh não tenha sido lançado. Tradução: "Desde o primeiro dia do sétimo mês começaram a oferecer holocaustos a Yahweh, embora o templo de Yahweh não tenha sido construído." LXX (*Codex Vaticanus Thu*): O primeiro do sétimo mês começaram a oferecer holocaustos ao Senhor e o templo do Senhor não foi fundado. Variação: O TM tem "וְהַיְהוָה לֹא יִסָּד" (e o palácio/templo de Yahweh não foi fundado). Então a LXX, *ναὸς κυρίου οὐκ ἐθεμελιώθη* (o templo do Senhor não foi lançado). Nota: A priorização do culto sacrificial sobre a construção física do Templo é uma ideia central e é consistentemente apresentada em ambas as tradições.

### **Esdras 3:7 TM (BHS):**

E forneceram dinheiro aos pedreiros e aos carpinteiros, e alimentação, bebida e óleo aos sidônios e aos tírios, para que trouxessem troncos de cedro do Líbano para o mar, para Jope, de acordo com a permissão que tinham de Ciro, rei da Pérsia. Tradução: "E deram prata aos pedreiros e carpinteiros; e alimentação, bebida e óleo aos sidônios, e aos tírios, para trazerem árvores de cedro do Líbano para o mar, para Jope, conforme a escritura feita para eles por Ciro, rei da Pérsia." LXX (*Codex Vaticanus*): E deram aos cortadores de pedra e aos carpinteiros prata, carne, bebida e óleo, aos sidônios, e aos tírios, para trazer cedros do Líbano para o mar de Jope, de acordo com a permissão que tinham de Ciro, rei dos Persas sobre eles. Variação: O *Codex Vaticanus* da LXX exclui a frase "τοῖς λατόμοις καὶ τοῖς τέκτοσιν" (aos pedreiros e aos tendistas), isto é, as categorias de pessoas que receberão o dinheiro. Em vez disso, a LXX pode ser mais curta, referindo-se simplesmente a provisão geral, sem especificação para os artesãos ou uma lista dos suprimentos, o que eles têm está focando mais na provisão dos sidônios e dos tírios. Nota: O consentimento de Ciro é uma parte integral de cada tradição, dando a este trabalho um

selo imperial de aprovação. A ausência na LXX (Vaticanus) é indicativa de uma provável redução do texto pelo escriba.

#### 4.1.1 Aplicação da crítica textual indiciária

De fato, o estudo e análise das variantes no texto pode apontar, de maneira (levemente griesbachiana), para a LXX ter ocasionalmente glosado ou em alguns pontos para expandir o texto em comparação com o TM. Por exemplo, a inclusão potencial de "e todo o povo da terra" em LXX Esdras 3:3 sugere que os gregos queriam suavizar/explicar o medo que os recém-chegados judeus sentiam e fornecer mais contexto sobre do que tinham medo. Esta forma de textualidade indica um interesse em alcançar maior clareza ou pathos para o leitor grego.

## 5 COESÃO INTERNA

Esta cadeia de elementos linguísticos e temáticos (coesão interna) em hebraico é do que é composta pela perícopa de Esdras 3:1-7. O waw conjuntivo (ו) é a posição mais comum ocupada por volta de 10 ocorrências desta construção na passagem. Seu principal propósito é indicar a conexão no tempo e na sequência entre os atos e incidentes registrados:

- a chegada do povo ("וַיָּבִיעַ," v. 1);
- suas congregações em Jerusalém ("וַאֲזַיְכֶם," v. 1);
- a edificação do altar ("וַיִּכְנֹסוּ," v. 3);
- a oferta de holocaustos ("וַיַּעֲלֶה," v. 3);
- os arranjos subsequentes para a reconstrução do Templo ("וַיִּתְּנוּ," v. 7).

Este vínculo sintático produz uma narrativa contínua e sem pontuação que conduz através da série de atos iniciais da restauração pós-exílica. Além disso, o uso repetido de verbos que se referem ao poder de fazer o estabelecimento e a ação, por exemplo, "construir" (v. 2) e "estabelecer" (v. 3), enfatiza o propósito e a cooperação que caracterizaram a realização da agenda divina.

A unidade da perícopa também é fortemente apoiada pela repetição de substantivos temáticos que se concentram em um tema similar: a restauração do culto e da vida religiosa de Israel. Eixos de palavras como "עַם" (povo), "יְרוּשָׁלַיִם" (Jerusalém), "מִזְבֵּחַ" (altar), "עֹלָה" (holocausto), "מִנְעָדִים" (festivais fixos) e "בֵּית ה'" (Casa de Javé/Casa) são usados como eixos semânticos que estabelecem as relações entre as sentenças e os versículos.

O uso do nome de Javé e a referência repetida a sacrifício e festival servem para estabelecer o culto divino como a função central da assembleia e dos líderes e do povo. Esta repetição a nível lexical e temático ilustra o propósito unificado do autor em enfatizar o renascimento do culto na reconstrução formativa da identidade e comunidade judaica, mesmo antes da existência material do Templo.

## 5.1 ESTRUTURA

### 1) O Retorno e a Reunião em Jerusalém (v.1)

- Marco temporal e espacial da chegada.
- Unidade do povo.

### 2) O Restabelecimento do Altar (v.2-3)

- Ação de Jeshua, Zorobabel e os chefes.
- Construção do altar conforme a Lei de Moisés.
- Medo dos povos vizinhos.

### 3) A Celebração e os Sacrifícios Contínuos (v.4-6)

- Festa dos Tabernáculos.
- Sacrifícios diários, de luas novas e festas fixas.
- Ofertas voluntárias antes do lançamento dos fundamentos do Templo.

### 4) Recursos para a Reconstrução do Templo (v.7)

- Recursos para pedreiros e carpinteiros.
- Alimentos e bebidas fornecidos aos sidônios e tírios.

Autorização de Ciro, rei da Pérsia

## 6 ANÁLISES

### 6.1 ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

Minha perícopes está situada no período persa, no tempo logo após o Decreto de Ciro, em 538 a.C., que permitiu aos judeus no exílio voltar para sua terra natal. Este é um ponto de inflexão na história judaica que seguiu o Cativo Babilônico. Culturalmente, os repatriados encontraram um país que, embora sob controle persa, ainda estava tingido pelas estruturas de poder babilônicas mais recentes e, além disso, agora confrontavam uma terra repaganizada e ocupada por colonos que haviam se mudado para lá durante sua longa ausência. O exílio teve um efeito profundo na identidade judaica, chamando a atenção para o Templo, a Lei e as práticas personalizadas de observância.

Nesse aspecto também, Esdras 3:1-7 fala sobre os primeiros repatriados, liderados por Zorobabel e Jesua, que retornam à terra da Judéia após a destruição do Templo e o início do exílio, cerca de setenta anos antes. O primeiro objetivo não é a reconstrução do Templo, embora seja isso que ocorrerá - mas a restauração do sistema sacrificial. Isso ilustra a crença teológica arraigada de que a adoração a Yahweh, conforme prescrito pela Torá, era a base da existência da comunidade muito antes de terem uma casa fixa de Deus. O reparo do altar e a celebração das festas foram atos religiosos e também políticos de compromisso com a identidade nacional e religiosa no contexto de povos vizinhos, que são percebidos como hostis e amedrontadores no versículo 3.

Na década de 1920, os Arquivos Murashu e os Documentos Al-Yahudu, que continham os nomes de judeus, foram encontrados por uma equipe de arqueólogos alemães trabalhando no Irã. Embora esses resumos não estejam relacionados a Esdras 3 em si, sendo materiais do período persa na forma de tábuas de argila que preservam registros administrativos e legais, eles confirmam a presença de uma considerável comunidade judaica na Babilônia e a sobrevivência de sua vida econômica e social sob a

soberania persa.

As listas genealógicas bíblicas em Esdras 2 não podem, então, ser vistas como míticas, embora possam incluir reivindicações que foram exageradas: elas demonstram o retorno de uma multidão de judeus do exílio, mas provavelmente não na extensão descrita nos textos. Sendo esse o caso, parece que os judeus realmente retornaram, mas não tantos quanto o declarado em Esdras 2 (que pode ser uma lista dialética ou incluir aqueles que retornaram em ondas posteriores ou pessoas que apenas registraram seu retorno também). A descoberta arqueológica, ao verificar a presença de assentamentos judaicos prósperos na Babilônia após o Exílio, também pode indicar que alguns dos exilados decidiram contra o retorno antecipado. Isso não desacredita a história contada em Esdras, mas oferece uma visão mais rica da natureza complexa do retorno e da variedade de experiências judaicas na diáspora.

## **7 GÊNERO LITERÁRIO**

Gênero literário de narrativa, com caráter histórico. O texto descreve eventos reais no tempo e no espaço, focando na restauração da vida religiosa dos judeus que retornaram do exílio babilônico. Ele contém elementos de prosa factual, com menção de datas, lugares e nomes de líderes, e visa registrar a sequência de acontecimentos que levaram à reconstrução do culto e, posteriormente, do Templo em Jerusalém. Comentários bíblicos frequentemente classificam Esdras-Neemias como uma obra histórica que narra a restauração da comunidade judaica após o exílio.

## **8 COMENTÁRIO EXEGÉTICO**

### **O Segundo Retorno e Reunião em Jerusalém (v.1)**

1 E quando chegou o sétimo mês, e os filhos de Israel estavam nas cidades, o povo se reuniu como um só homem a Jerusalém.

O Versículo 1 introduz os assuntos importantes que acontecerão posteriormente. A frase "no mês em que o sétimo [mês] chegou" é um claro indicador temporal. No

calendário judaico, nada poderia ser mais festivo do que o sétimo mês do ano (Tishrei), que é um mês de celebração significativa, pois inclui o Ano Novo (Rosh Hashaná), o Dia da Expição (Yom Kipur) e a Festa dos Tabernáculos (Sucot). O retorno e a reunião em Jerusalém, no mês de Etanim, não é coincidência, pois aponta para uma época de restauração da comunhão com Deus, o tempo de restaurar e reafirmar a comunhão com Deus para a nação. As palavras “os filhos de Israel estavam nas cidades” (7) sugerem que o retorno foi disseminado e que o povo se estabeleceu por toda Judá. A expressão “o povo se reuniu como um só homem em Jerusalém” retrata uma unidade excepcional de propósito e uma vontade comum de restabelecer o centro religioso e nacional. Este consenso de opinião e prática foi a condição para gerir os problemas de reconstrução e de vida num país ainda sob ocupação estrangeira. O retorno não foi apenas físico, mas também um recentramento de Jerusalém como o centro espiritual de Israel.

### **A Restauração do Altar e das Oferendas (v. 2-3)**

2 Então Jesua, filho de Jozadaque, e seus irmãos, os sacerdotes, e Zorobabel, filho de Sealtiel, e seus irmãos começaram a construir o altar do Deus de Israel para oferecer sobre ele holocaustos, conforme o que está escrito na Lei de Moisés, homem de Deus. 3 E colocaram o altar sobre suas bases; pois o temor estava sobre eles por causa dos povos dos países: e ofereceram holocaustos a Yahweh, até mesmo holocaustos de manhã e de noite.

Nestes versículos, os líderes do retorno, Jesua (o sumo sacerdote) e Zorobabel (o governador), juntamente com seus irmãos, os sacerdotes e outros, começam o processo de restabelecimento da adoração. A primeira prioridade deve ser: o altar dos holocaustos. Mesmo observando que o altar foi construído “conforme o que está escrito na Lei de Moisés, o homem de Deus” sublinha a lealdade à Torá e a sanção da autoridade de Deus. Isso reflete um espírito piedoso de obediência às ordens divinas, mesmo em fraqueza e recuperação. É vital, também, que vejamos a frase “pois estavam com medo dos povos das terras”. Isso é um lembrete de que os exilados, apesar de dispostos a trabalhar em conjunto e definitivamente ter um senso de missão, tiveram de enfrentar adversários persistentes e hostis entre os povos ao seu redor, o que acrescentaria urgência e coragem

à tarefa de erguer o altar. Sob pressão e oprimidos pelo medo, ainda deram preferência à adoração: ofereceram "holocaustos a Yahweh, holocaustos de manhã e de noite" (2:5), restabelecendo assim o sacrifício diário, que era a base da purificação e comunhão com Deus.

### **Que As Festas e o Sacrifício Devem Ser Celebrados (v. 4-6)**

4 Celebraram a Festa dos Tabernáculos, como está escrito, e ofereceram o número fixo de holocaustos diariamente, segundo o mandamento, como exigido para cada dia; 5 e após isso, o holocausto regular, as ofertas dos Novilúnios e em todas as festas determinadas do Senhor, e aquelas oferecidas como ofertas voluntárias ao Senhor. 6 Desde o primeiro dia do sétimo mês começaram a oferecer holocaustos a Yahweh, embora o fundamento do templo de Yahweh ainda não tivesse sido lançado.

Os Versículos 4-6 representam a perpetuidade e universalidade da adoração restaurada. Regozijar-se na "Festa dos Tabernáculos, conforme está escrito", é um marco. Esta festa que relembra o deserto é especialmente significativa para os retornados do exílio, pois é também um novo começo e uma profunda dependência de Deus. O texto enfatiza a estrita adesão aos sacrifícios: "os holocaustos segundo a ordenança na taxa diária, como exigido para cada dia;" e também os regulares, de novilúnio e todas as festas determinadas. A referência a "ofertas voluntárias de Yahweh" indica o quão devotado e generoso o povo era em sua adoração. Contudo, o detalhe "desde o primeiro dia do sétimo mês" começaram a oferecer holocaustos ao Senhor, embora o fundamento do templo do Senhor ainda não tivesse sido lançado" é importante. Isso enfatiza ainda mais que o sacrifício é mais importante do que o próprio edifício no qual os sacrifícios são oferecidos. O edifício era menos significativo que a adoração que abrigava, refletindo a crença de que a relação com a presença de Deus e com Sua Lei eram integrais mesmo na circunstância de insegurança material.

### **A Provisão para a Reconstrução do Templo (v.7)**

7 Deram também dinheiro aos pedreiros e aos carpinteiros; e carne, bebida e óleo aos de Sidom, e aos de Tiro, para trazer madeira de cedro do Líbano ao mar de Jope, segundo a concessão que tiveram de Ciro, rei da Pérsia.

No versículo 7, a atenção muda para a preparação necessária para a reconstrução do templo, pois é evidente que após a adoração ser restaurada, o foco passou para a própria construção. O "dinheiro para os pedreiros e carpinteiros" e "comida, bebida e óleo para os sidônios e os tírios" refletem o pragmatismo dos líderes para obterem a mão-de-obra e os materiais que precisavam. O uso de cedro do Líbano trazido pelo mar até Jope, é uma reminiscência da construção do primeiro Templo de Salomão, que foi construído com material semelhante, e transmite que as dimensões dos dois edifícios eram de uma ordem que excedia o ordinário. A linguagem "pela concessão de Ciro, rei da Pérsia" é um lembrete crucial sobre as condições políticas e a autoridade persa exercida sobre Judá. A reconstrução do templo foi muito mais que um ato de fé; foi um projeto sancionado e, em certo sentido, patrocinado pelo império ocupante. Isso expõe a mão da providência divina em reis pagãos e seu serviço no aperfeiçoamento do povo de Deus no exílio.

## **9 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A priori, um relato essencial da repatriação e reinstaurada adoração a Javé pelos judeus retornados do exílio babilônico é narrado em Esdras 3:1-7. Esta passagem bíblica, caracterizada por uma unidade estrutural incomum envolvendo o waw conjuntivo e a repetição de termos como 'altar' e 'holocausto', ilustra a ordem entre os aspectos espirituais e materiais dos repatriados.

E "o povo se reuniu como um só" em Jerusalém (v. 1) em renovação, enfatizando um sentido compartilhado de urgência e propósito para restaurar a comunhão com Deus, mesmo quando o medo e a vulnerabilidade são reais diante de seus vizinhos. O papel de Jesua e Zorobabel é primordial, como líderes que permanecem fiéis à Lei de Moisés e garantem que a adoração prossiga de forma regular e ininterrupta.

O detalhe em que os festivais e os sacrifícios a Deus são observados, desde Tabernáculos até os holocaustos diários, sublinha a dedicação do povo e a prioridade da adoração como um pilar de sua identidade restabelecida. É importante notar que a

adoração sacrificial foi reinstaurada antes mesmo de o Templo ser construído. Isso comunica uma forte mensagem teológica: é a presença de Deus e a prática de Sua Palavra que são mais importantes do que a existência tangível de um santuário. Esta ordem de adoração antes da construção nos lembra que a restauração é, antes de tudo, espiritual; o relacionamento com Deus vem antes e sustenta todas as outras estruturas.

Por fim, a pericope termina com os preparativos para a construção do Templo (ou seja, o fornecimento de mão de obra e materiais antigos pelos persas). Este detalhe demonstra a providência de Deus através da agência de um poder secular e também liga a restauração presente à antiga grandeza do Templo de Salomão. No fim, no entanto, Esdras 3:1-7 é uma história de fé, obediência e perseverança em que a comunidade pós-exílica, ardente para reviver sua comunhão com Deus, faz da adoração sacrificial o núcleo de sua vida nacional e religiosa renascida.

### 9.1 APLICAÇÃO DA PERÍCOPE

O estudo de Esdras 3:1-7 fornece alimento sério para reflexão ao ouvinte moderno, em termos do que é realmente importante em nossa vida de fé. Focar no altar e nos sacrifícios antes da construção do Templo real também nos convida a examinar nossas prioridades. Com que frequência damos mais ênfase às formas externas ou aparências, nossas "coisas", do que à substância de nosso relacionamento com Deus?

A história da comunidade de Esdras nos lembra que a verdadeira adoração, a obediência aos mandamentos e a busca pela proximidade com o Criador do universo devem sempre ser nossa prioridade, independentemente das circunstâncias ou do tamanho físico ou social do edifício que construímos. Além disso, enfatiza o valor da união e do trabalho conjunto em tempos de sofrimento. O povo se uniu "como um só homem" a Jerusalém, e pela liderança de Jesua e Zorobabel, o trabalho foi feito. Nestes nossos dias, tão cheios de divisão e individualismo, impressiona-me o fato de que a pericope ilustra para nós a própria essência do que dá força a uma comunidade – sua capacidade de se unir em torno de uma visão comum.

Apesar do medo que os assaltava por parte das outras nações, eles seguiram com o trabalho de restaurar a adoração a Deus e exibiram traços de firmeza e resolução. E que

mensagem forte é esta: quando confrontados por provas, resistência ou até mesmo o desconhecido, a fé e a obediência a Deus devem ser inquestionáveis e, em pé de igualdade com outros seguidores de Deus, conseguem superar barreiras que parecem inamovíveis. Que isso nos encoraje a adorar, buscar a paz e confiar na soberania de Deus quando o mundo ao nosso redor parece aterrorizante.

## **REFERÊNCIAS**

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Editada pela Deutsche Bibelgesellschaft. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

FARIA, Edson de. **Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao texto massorético**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

FISHER, G. **O texto do Antigo Testamento: uma introdução**. São Paulo: Paulus, 2013.

**A mão do Senhor sobre Esdras - liderança e providência  
divina em Esdras 7.1–10**  
uma análise exegetica

Vinícius Gonçalves Pires<sup>1</sup>

**RESUMO**

A perícope de Esdras 7.1–10 constitui a introdução literária da atuação de Esdras na narrativa pós-exílica, apresentando sua genealogia sacerdotal, sua autoridade como escriba da Lei e a legitimação divina de sua missão. A análise exegetica do texto evidencia uma construção narrativa que busca estabelecer a autoridade religiosa de Esdras diante da comunidade judaica restaurada. Inicialmente, o estudo delimita a unidade textual da perícope, destacando sua função como ponte literária entre a reconstrução do templo (Esdras 1–6) e a reforma espiritual centrada na Lei (Esdras 7 em diante). Em seguida, examina-se a transmissão textual e as variantes presentes nas principais tradições manuscritas, evidenciando possíveis condensações genealógicas e ajustes editoriais com finalidade teológica. Por fim, a análise literária e teológica demonstra que o versículo 10 sintetiza o ideal do líder religioso pós-exílico: buscar a Lei do Senhor, praticá-la e ensiná-la ao povo. Assim, a perícope apresenta Esdras como modelo de autoridade espiritual legitimada tanto por sua linhagem sacerdotal quanto pela ação soberana de Deus na condução de sua missão.

**Palavras-chaves:** Livro de Esdras; Exegese do Antigo Testamento; Período Pós-exílico; Genealogia sacerdotal; Lei de Deus.

**ABSTRACT**

The pericope of Ezra 7:1–10 functions as the literary introduction to Ezra's activity in the post-exilic narrative, presenting his priestly genealogy, his authority as a scribe of the Law, and the divine legitimization of his mission. An exegetical analysis of the passage reveals a narrative construction designed to establish Ezra's religious authority within the restored Jewish community. The study first defines the textual boundaries of the pericope, highlighting its role as a literary bridge between the reconstruction of the temple (Ezra 1–6) and the spiritual reform centered on the Law (Ezra 7 onward). It then examines the textual transmission and variants present in the main manuscript traditions, revealing possible genealogical condensations and editorial adjustments with theological purposes. Finally, the literary and theological analysis shows that verse 10 summarizes the ideal model of a post-exilic religious leader: to study the Law of the Lord, to practice it, and to teach it to Israel. Thus, the pericope portrays Ezra as a model of spiritual authority legitimized both by his priestly lineage and by the sovereign action of God guiding his mission.

**Keywords:** Book of Ezra; Old Testament Exegesis; Post-exilic Period; Priestly Genealogy; Law of God.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia pela FABAT. E-mail: vg\_pires@yahoo.com.br.

## 1 INTRODUÇÃO

O capítulo 7 do livro de Esdras se inicia apresentando Esdras e sua genealogia, destacando que ele veio de uma longa linhagem de sacerdotes, que remontava até o próprio Arão, o primeiro sumo sacerdote. É narrado que, durante reinado de Artaxerxes, Esdras saiu da Babilônia e foi para Jerusalém porque recebeu autorização do rei para viajar e liderar um grupo de judeus exilados de volta à terra de Israel. Sua chegada ocorreu no quinto mês do sétimo ano do reinado de Artaxerxes.

O versículo 10 afirma que Esdras "dispôs o seu coração para buscar a Lei do Senhor, e para cumpri-la, e para ensinar em Israel os seus estatutos e juízos" e por isso que a boa mão do Senhor estava sobre ele. Em suma, a perícopes de Esdras 7.1–10 trata da apresentação formal de Esdras como líder religioso e escriba autorizado, destacando sua genealogia sacerdotal, sua missão e o favor divino que o acompanha em sua jornada de retorno da Babilônia a Jerusalém.

Este artigo objetiva analisar exegeticamente a perícopes de Esdras 7.1–10, evidenciando a construção literária, histórica e teológica da liderança de Esdras como expressão da providência divina no contexto pós-exílico.

## 2 TRADUÇÃO LITERAL<sup>2</sup>

v.1 Depois destas coisas no reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, Esdras filho de Seraías, filho de Azarias, filho de Hilquias,

v.2 filho de Salum, filho de Zadoque, filho de Aitube,

v.3 filho de Amarias, filho de Azarias, filho de Meraiote,

v.4 filho de Zeraías, filho de Uzi, filho de Buqui,

v.5 filho de Abisua, filho de Finéias, filho de Eleazar, filho de Arão o principal sacerdote

v.6 Este mesmo Esdras subiu da Babilônia e ele era um escriba versado na Lei de Moisés,

---

<sup>2</sup> A tradução literal, assim como as citações bíblicas presentes ao longo do artigo, foi elaborada pelo autor.

dada pelo Senhor, Deus de Israel; de acordo com a mão do Senhor, seu Deus, que estava sobre ele, o rei concedeu tudo o que ele pediu.

v.7 Também subiram a Jerusalém alguns dos filhos de Israel, e dos sacerdotes, e dos levitas, e dos cantores, e dos porteiros, e dos servos do templo, no sétimo ano do rei Artaxerxes.

v.8 E chegou a Jerusalém no quinto mês, no sétimo ano do rei.

v.9 Então, no primeiro dia do primeiro mês ele começou a subida da Babilônia, e no primeiro dia do quinto mês ele chegou a Jerusalém, conforme a boa mão de Deus sobre ele.

v.10 Porque Esdras preparou o coração para buscar a lei do Senhor, e para cumprir e para ensinar em Israel estatutos e juízos.

### 3 DELIMITAÇÃO

Esdras 7.1-10 é delimitado como uma perícopé, pelos versículos de Esdras 6.22 e 7.11, funcionando como um bloco narrativo de transição e introdução, com características próprias que o diferenciam dos textos supracitados.

O versículo 22 do capítulo 6 faz parte da narrativa sobre a dedicação do templo e a celebração da Páscoa pelos judeus que retornaram do exílio, evidenciando um momento de renovação espiritual, e termina com a observação de que Deus "mudou o coração do rei da Assíria" a favor do povo. Encontra-se, ao final deste versículo, a letra פ apontando para uma *parashá* aberta que segundo Fischer (2013, p. 31) “designa uma unidade de significado maior ou mais extensa e que se inicia com uma nova linha”.

Desta maneira, afirma-se que o capítulo 6 assim é encerrado, indicando o início de uma nova perícopé a partir de Esdras 7.1 que começa com a frase *אַחֲרַיִם הַדְּבָרִים הַאֵלֶּה* ("Depois destas coisas"), uma fórmula típica de transição narrativa no hebraico bíblico, frequentemente utilizada para introduzir novos episódios, indicar progressão temporal e estabelecer continuidade discursiva com o contexto precedente (Waltke; O'Connor, 1990, p. 650–651; Alter, 1981, p. 62–63; Berlin, 1994, p. 111–113), conectando o novo episódio

ao contexto anterior, narrado em Esdras 6, e marcando o início de uma nova unidade temática. Esta fórmula também evidencia uma lacuna temporal entre os capítulos 6 e 7 confirmada por Gusso (2011, p. 107) ao afirmar que “é muito importante lembrar que entre o capítulo 6 e o capítulo 7 de Esdras há um espaço de aproximadamente 60 anos”, enquanto Moody (1994, p.17) assinala que “entre os capítulos 6 e 7, há um intervalo de cinquenta e oito anos [...]”. A perícopes termina no versículo 10 e isto se justifica tanto pela presença de uma seção fechada chamada de setumá, representada pela letra  $\sigma$  e que separa o texto seguinte (7.11) do anterior (7.10), quanto pelo fato do versículo 11 de Esdras 7 introduzir uma nova seção marcada por um documento oficial: a carta do rei Artaxerxes a Esdras (7.11-26 que é a próxima perícopes).

Portanto, Esdras 7.1-10 é um bloco coeso e intencionalmente delimitado, funcionando como ponte literária entre a primeira missão de retorno (capítulos 1–6) e a nova fase (capítulo 7 em diante), centrada na Lei e na reforma espiritual.

O texto analisado é uma unidade temática porque apresenta, de forma coesa, a introdução de Esdras como líder central, destacando sua genealogia sacerdotal, sua função como escriba da Lei de Deus, a autorização real para sua missão e a ação divina orientando sua jornada. O texto é construído com estrutura narrativa clara e a repetição da expressão (v. 6,9) “mão do Senhor, seu Deus, que estava sobre ele) reforça a coesão teológica do trecho.

#### 4 CRÍTICA TEXTUAL

O texto manuscrito da Bíblia hebraica foi transmitido ao longo de muitos séculos. Além disso, ele foi objeto, antes do séc. I de nossa era, de mudanças e acréscimos que espelhavam diversas tradições. O resultado é que existem diversas formas dos textos, que se evidenciam, por exemplo, no texto massorético, na tradução grega dos LXX e no Pentateuco Samaritano (Pisano, 2000, p. 39). Visto que nenhuma fonte textual contém o que poderia ser chamado de "o" texto bíblico, um envolvimento sério nos estudos bíblicos requer claramente a análise de todas as fontes, incluindo as diferenças entre elas (Tov, 2001, p. 2). Nesse aspecto, cabe à crítica textual, por meio do exame crítico da transmissão

do texto hebraico, bem como das traduções antigas, localizar as inexatidões que surgiram ao longo da história (Steck, 1998, p. 40). Reconstruir a (provável) redação original a partir dos manuscritos atualmente conhecidos supõe realizar um trabalho crítico em duas direções: crítica externa e interna. Onde a última observa a articulação das ideias, uso das palavras, estilo, teologia (Silva, 2000, p. 45).

#### 4.1 APARATO CRÍTICO

##### Verso 1.

O v.1. contém duas notas:

- a) O aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) observa que a Septuaginta (LXX) adiciona o verbo *ἀνέβη* (“subiu”) na introdução de Esdras 8.1 (parte “a”). Além disso, tanto a própria Septuaginta quanto o texto grego de 3 Esdras 8.1 (1 Esdras na LXX) acrescentam o verbo *προσέβη* (“aproximou-se” ou “chegou”).
- b) A BHS propõe a exclusão do nome *שֵׁרַיָּאִשׁ* (Seraías).

##### Verso 2.

O v.2 não contém nota.

##### Verso 3.

O v.3. contém uma nota:

- a) O aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) sugere a exclusão dos seguintes nomes que aparecem na genealogia preservada no texto massorético: Joãã, Azarias, Aimaáás, Zadoque, Aitube e Amarias. Essa proposta se baseia na comparação com a genealogia paralela em 1 Crônicas 5.33–35

##### Verso 4.

O v.4 não contém nota.

##### Verso 5.

O v.5 não contém nota.

**Verso 6.**

O v.6 não contém nota.

**Verso 7.**

O v.7 contém uma nota:

- a) A nota indica que  $\text{וַיִּשְׁבְּעוּ}$  (“e subiram”) deve ser lida como  $\text{וַיִּשְׁבְּעוּ}$  (“e subiu”).

**Verso 8.**

O v.8 contém duas notas:

- a) O aparato crítico indica que alguns poucos manuscritos do texto grego de Esdras (denominado 2 Esdras na Septuaginta), bem como a versão siríaca Peshitta segundo o Códice Ambrosiano (séc. VI/VII), editado por A. M. Ceriani; a edição da Peshitta presente na Poliglota de Londres, vols. I–III, organizada por B. Walton (Londres, 1654–1657), e também a Vulgata Latina (séc. IV–V), conforme a edição do Mosteiro Beneditino de São Jerônimo, abreviam a forma inicial da palavra hebraica  $\text{אָנָּה}$  (“então/ora”), sugerindo uma variação textual no início do versículo.
- b) A nota indica que, em 3 Esdras 8.5 segundo o texto grego do Códice Vaticano, aparece a expressão  $\text{ὁ δεύτερος}$  (“o segundo”), e não “dentro” como em 8.5<sup>a</sup>.

**Verso 9.**

O v.9 contém uma nota:

- a) O aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) indica que a palavra  $\text{וְ$  (“porque” ou “quando”) deve ser lida como  $\text{וְ}$ .

**Verso 10.**

O v.10 não contém nota.

#### **4.1.1 Aplicação da crítica textual indiciária**

Comparando as duas listas genealógicas (conforme sugerido pela nota “a” no aparato crítico de Esdras 7.3) de Esdras 7.1–5 e 1 Crônicas 5.33–35 (equivalente a 6.34–38 na BHS), identificam-se os nomes que aparecem em Crônicas 6.34–38 e estão ausentes em Esdras 7.1–5: Abisua, Buqui, Uzi, Zeraías, Meraiote. Esses nomes aparecem entre

Finéias e Azarias na genealogia de 1 Crônicas, mas são omitidos em Esdras. Isso indica que a genealogia de Esdras é condensada, provavelmente com fins teológicos e literários, para destacar apenas os nomes mais relevantes ou conhecidos. Segundo Moody (1994, p. 17) “para encurtar a lista, seis nomes foram excluídos entre os nomes de Azarias e Meraiote (Esdras 7.3; 1 Cr. 6: 7-11).” Portanto, infere-se que a genealogia de Esdras foi cuidadosamente construída (e possivelmente editada) com o objetivo de estabelecer sua legitimidade sacerdotal e autoridade espiritual diante da comunidade pós-exílica. Segundo Lopes (2025, p. 109), o narrador faz questão de dar as credenciais de Esdras porque conferem a ele posição social e poder espiritual, além de legitimar seu ofício.

Pontua-se que o texto de 7.1–10 está em hebraico clássico, enquanto a partir de Esdras 7.11 inicia-se uma carta em aramaico (até 7.26), o que marca uma mudança abrupta de idioma, sinalizando que 7.1–10 é uma seção editorial separada ou talvez um bloco redacional posterior inserido como prólogo da atuação de Esdras. A mudança abrupta de língua e gênero sugere redação composta com possível incorporação de fontes distintas. “Esdras, junto a Daniel, é um dos livros do Antigo Testamento que contém grandes trechos escritos em aramaico em vez de hebraico.” (Hill e Walton, 2007, p. 292)

A frase “*וַיְהִי כִּי יָבֹא עֲלָיו הַטּוֹבָה הַזֹּאת מֵעֵלְיוֹ*” (a mão do Senhor, seu Deus, que estava sobre ele. v. 6 e 9) é repetida, sugerindo uma tendência de reforçar a ideia de que Esdras não apenas recebeu autoridade do rei persa, mas que sua missão era legitimada e conduzida pela vontade divina.

A partir da análise do aparato crítico, pode-se elencar algumas observações conclusivas:

- No verso 1, a adição de *ἀνέβη* ("subiu") e *προσέβη* ("aproximou-se" ou "dirigiu-se") na Septuaginta e em 3 Esdras reforça uma ação deliberada de Esdras, indicando movimento e propósito em sua jornada. Essas palavras não aparecem no texto massorético (hebraico), o que pode indicar que as versões gregas buscaram intensificar a narrativa ao dar mais ênfase à autoridade ou liderança ativa de Esdras.
- O versículo 7 apresenta a comitiva que subiu com Esdras da Babilônia a Jerusalém. A nota indica que *וַיַּעֲלֶה* deve ser lida como *עָלָה*. Ou seja, o verbo

no plural “*e subiram*” é reinterpretado ou sugerido para ser lido como a forma no singular “*e subiu*”, provavelmente para harmonizar com o sujeito singular, Esdras, no contexto imediato. Essa sugestão pode ter implicações significativas para a interpretação do texto, pois indicaria que apenas Esdras realizou a subida, e não um grupo inteiro com ele nesse ponto específico.

## 5 COESÃO INTERNA DA SUA PERÍCOPE

A análise da coesão interna de um texto parte das observações de importantes elementos que buscam interligar as partes da perícopes. Esdras 7.1–10 é considerada uma perícopes coesa porque apresenta uma unidade literária e temática clara, com começo, desenvolvimento e conclusão bem definidos.

A sequência de nomes nos versículos 1–5 segue a fórmula genealógica repetitiva “*ben*” (בן, “filho de”), criando um ritmo cadenciado e uma cadeia ininterrupta de descendência. Essa repetição reforça a continuidade e a legitimidade da linhagem sacerdotal de Esdras.

A expressão “אֵלֵינוּ הַטֹּבָה עָלֵינוּ” (a mão do Senhor, seu Deus, que estava sobre ele) aparece duas vezes (v.6 e v.9), funcionando como um refrão teológico que estrutura a narrativa e reforça a ideia de que a missão de Esdras é divinamente guiada.

O versículo 10 apresenta um paralelismo triplo: “וְלִלְמֹד ... וְלַעֲשׂוֹת ... וְלִבְרֹאשׁוֹ” (para buscar... para executar... e para ensinar)<sup>3</sup>, que organiza a missão de Esdras em três ações progressivas. Esse paralelismo é típico da poesia e da prosa elevada hebraica, e contribui para a força retórica e a clareza do propósito do personagem.

---

<sup>3</sup> Bíblia Sagrada Interlinear Hebraico-Português e Grego-Português. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2024, p.2620.

Os verbos estão bem encadeados mantendo o fluxo da ação porque o uso de conectores ajuda a costurar o fluxo narrativo com coerência lógica, ligando proposições, ideias e ações:

- וַיַּעֲלֵךְ (“e subiu”) – conjunção vav consecutiva, marca a sequência narrativa (v. 6).
- כִּי (“porque”) – causal explicativo (v. 10), ligando a prática de Esdras à sua preparação teológica.
- עַל (“sobre”, “por causa de”) – usada para indicar motivo ou causa, especialmente no v. 6.

### 5.1 ESTRUTURA

David Dorsey (2024, p. 183) estrutura está perícopes da seguinte maneira: “O retorno de Esdras a Jerusalém com os judeus (7.1-10)”. Já Fee e Stuart (2013, p. 131), a incluem como parte de uma seção que intitulam “O retorno de Esdras e outros a Jerusalém (458.a.C)”. Hill e Walton (2007, p. 296), ao esboçarem o livro de Esdras inserem a perícopes em análise na primeira parte das Memórias de Esdras denominada “Chegada de Esdras (7-8)”. Moody (1994, p. 17) considera Esdras 7.1-10 um bloco estrutural único, que intitula de “Apresentação de Esdras”. Nesse trecho, são expostas tanto as ligações familiares quanto as características pessoais de Esdras, além de um breve resumo de sua longa viagem.

Diferentemente dos autores supracitados, que leem essa perícopes como um bloco homogêneo introdutório ao retorno de Esdras, ressalta-se que há uma inflexão interna no texto, onde a narrativa passa do reconhecimento da identidade de Esdras para a afirmação de sua missão espiritual. Portanto, sugere-se neste trabalho exegético a seguinte estrutura:

- 1) A genealogia de Esdras (v.1-5)**
- 2) Caracterização de Esdras (v.6)**
- 3) Viagem de Esdras e outros judeus a Jerusalém (v.7-9)**
- 4) Missão e motivação espiritual de Esdras (v.10)**

Essa divisão realça o versículo 6 como ponte entre as duas seções: ao mesmo tempo em que encerra a genealogia, antecipa a missão de Esdras, funcionando como eixo de transição. A estrutura valoriza os elementos literários do texto hebraico, como a cadência rítmica da genealogia (v. 1–5), a cláusula teológica de transição — “a mão do Senhor estava sobre ele” (v. 6 e 9) — e o paralelismo progressivo do versículo 10 (“buscar... executar... ensinar”), que opera como uma conclusão programática da perícope.

## 6 ANÁLISES

### 6.1 ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

O contexto histórico-cultural de Esdras 7.1–10 está situado no período do pós-exílio babilônico, mais especificamente no tempo do domínio persa sobre o antigo território de Judá.

Peetz (2022, p. 202) afirma que,

[...] os persas não adotam uma política de opressão, mas garantem autonomia do ponto de vista da política interna aos povos submetidos, desde que se mantenham fiéis ao império persa e paguem os impostos exigidos.

Após 70 anos do cativeiro de Israel, houve três retornos de judeus da Pérsia para Jerusalém. O primeiro contingente retornou sob a liderança de Zorobabel em aproximadamente 538 a.C., e um segundo grupo foi dirigido por Esdras 80 anos depois, em 458 a.C. (Hindson e Yates, 2014, p. 184)

O livro de Esdras concentra-se nos dois primeiros retornos. A primeira seção (capítulos 1-6) aborda o retorno sob a liderança de Zorobabel para a reconstrução do templo, entre 538 e 515 a.C. A segunda seção (cap.7-10) trata do retorno sob a liderança de Esdras, cujo propósito foi adornar o templo e corrigir o povo, reedificando-o espiritualmente. Entre essas duas seções há um período de aproximadamente seis décadas durante o qual ocorreram os acontecimentos de Ester (482 a 473 a.C.). (Hindson e Yates,

2014, p. 184).

O ambiente político da época era dominado pelo Império Persa, que governava a região e permitia certa autonomia religiosa aos povos sob seu domínio. Artaxerxes não apenas autorizou a missão de Esdras, mas também forneceu recursos materiais para o templo e garantiu apoio financeiro dos tesoureiros reais para os sacrifícios e despesas do culto. Esse respaldo imperial foi essencial para a revitalização da vida religiosa em Jerusalém.

A política dos reis assírios e babilônios fora expatriar os povos conquistados, isto é, tirá-los de suas pátrias e espalhá-los por outras, mas a política dos reis persas, exatamente ao contrário, foi repatriar esses povos, isto é, mandá-los de volta as suas terras. Os reis persas eram mais humanos do que os reis assírios e babilônios (Halley, 1998, p. 213).

## 6.2 ANÁLISE DA MATERIALIDADE

Não há evidências arqueológicas diretas que confirmem especificamente Esdras 7:1-10, mas há registros históricos que contextualizam esse período. O capítulo menciona Esdras recebendo autorização do rei Artaxerxes da Pérsia para retornar a Jerusalém e ensinar a Lei de Deus. Embora não existam artefatos diretamente ligados a Esdras, há documentos persas e inscrições que confirmam a existência de Artaxerxes e sua política de apoio a grupos religiosos dentro do império (Liverani, 2003, p. 297–302; Kuhrt, 2007, p. 687–692).

A chamada *Inscrição dos Daivā* de Xerxes (486-465 a.C.), indicada pela sigla XPh/OP,<sup>3</sup> é uma das mais intrigantes e debatidas inscrições reais Aquemênidas e menciona a supressão de um culto religioso dentro do Império Aquemênida (Araújo 2022). Esculpida em várias placas de pedra encontradas em Persépolis, na área das guarnições, com dimensão aproximada de 50cm x 50cm x 10cm, ela foi preservada em dois exemplares persas, um exemplar elamita e, finalmente, outro exemplar em acádio babilônico, que eram as línguas usualmente utilizadas para as proclamações oficiais (Araújo 2022). Embora não seja diretamente ligada a Artaxerxes, ela oferece um contexto sobre a política religiosa dos reis persas. Alguns estudiosos interpretam essa inscrição como um reflexo da postura dos aquemênidas em relação a cultos locais, sugerindo que

Artaxerxes pode ter seguido uma abordagem semelhante, promovendo certas práticas religiosas enquanto restringia outras (Araújo 2022). Embora não mencione Esdras diretamente, inscrições reis como as de Persépolis, confirmam que Artaxerxes I, mencionado em Esdras 7.1, existiu e governou conforme relatado.

As inscrições do *Cilindro de Ciro* (536 a.C) também não citam o nome e Esdras, mas mostram que o Império Persa mantinha uma política de permitir que os povos exilados retornassem e reconstruíssem seus templos – o que é consistente com a Missão de Esdras. Conforme trecho do cilindro, Ciro diz: “... eu trouxe de volta para seus lugares os deuses que neles haviam habitado... Mantive unida todas as suas pessoas e trouxe-as de volta às suas habitações.” (Peetz, 2022, p. 208) Esta autora ainda declara que:

Com Ciro II, impõe-se indubitavelmente um novo estilo de governo no Oriente Próximo. Os persas não procuram esmagar os povos subjugados, mas, ao contrário, favorecem sua identidade religiosa e cultural.... deve-se ter em mente que não se trata de uma tolerância por convicção, mas de tolerância estratégica e pragmática. Em relação aos povos, ela dura enquanto a soberania dos persas não é questionada. Contudo, caso isso, aconteça, os persas tomam medidas drásticas de modo tão consistente e rigoroso quanto os assírios e babilônios o fizeram anteriormente.

As informações presentes no *Cilindro de Ciro* reforçam o pano de fundo histórico do qual emerge a missão de Esdras, conforme descrita em Esdras 7.1–10. Embora Esdras não seja citado nominalmente nas inscrições, a política persa de repatriação dos povos exilados e reconstrução de seus centros religiosos é consistente com a narrativa bíblica que legitima a ida de Esdras a Jerusalém com o apoio do rei Artaxerxes

Por último, cita-se como fonte de materialidade a *inscrição autobiográfica de Udjahorresnet*, um egípcio que atuou como colaborador da administração persa, principalmente sob Cambises (525–522 a.C.) e Dario I (522–486 a.C.) (Blenkinsopp, 1987). Ele trabalhou para restaurar o culto no templo de Neith em Sais, promovendo a expulsão de estrangeiros, a purificação do templo e a reorganização do serviço sacerdotal, com apoio direto do império persa. (Blenkinsopp, 1987). A missão de *Udjahorresnet* incluiu também a restauração das “Casas da Vida”, centros ligados à formação de escribas

e médicos-sacerdotes, indicando o investimento persa na organização religiosa e jurídica local. Essas instituições eram responsáveis por produzir leis, registros culturais e educação religiosa, funcionando como centros de poder intelectual e sacerdotal. (Blenkinsopp, 1987)

Blenkinsopp (1987, p. 417-419) afirma que “o seu mandato [de Esdras] era comparável ao de Udjahorresnet no Egito, mais de meio século antes” e que a missão de Esdras apresenta fortes paralelos com a de Udjahorresnet, pois ambos:

- Eram escribas e de linhagem sacerdotal;
- Foram enviados sob mandato oficial persa;
- Tinham como objetivo restaurar o culto e reorganizar a comunidade segundo a lei tradicional;
- Atuavam como representantes do governo imperial junto a seus povos locais.

Conclui-se, portanto, que a ausência de artefatos diretamente ligados a Esdras não compromete a credibilidade histórica de sua atuação. Pelo contrário, as evidências materiais disponíveis, ainda que indiretas, ajudam a situar sua missão dentro de uma política imperial bem documentada.

## **7 GÊNERO LITERÁRIO**

O gênero literário é fundamental para a exegese bíblica, pois influencia diretamente a interpretação correta do texto. De acordo com Osborne (2009), o gênero funciona como uma ponte entre o texto e o leitor, e todo intérprete se dedica a estudar um texto com certas expectativas, em parte baseadas na sua própria compreensão de gênero. Ryken (2023, p. 15) destacou que cada gênero tem suas características distintivas e, como leitores, precisamos abordar passagens da Bíblia com expectativas corretas. O autor ainda ressalta que “nossa consciência de gênero programa nossa interação com o texto bíblico e nos diz o que procurar e como interpretar aquilo que vemos.”

Portanto, o domínio dos gêneros literários é fundamental para uma interpretação bíblica precisa. Como afirmam Klein, Blomberg & Hubbard Jr (2017, p. 518) compreender cada gênero possibilita ao estudante da Bíblia evitar equívocos sérios e

interpretar corretamente os textos bíblicos.

Ryken (2023, p.15) afirma que uma das maneiras mais comuns de definir a literatura é por meio de seus gêneros ou tipos literários e ressalta que os principais gêneros literários da bíblia são a narrativa ou o relato, a poesia (especialmente a poesia lírica), o provérbio e o registro de visões (que abrange textos proféticos e apocalípticos).

O gênero literário de Esdras 7:1-10 pode ser classificado como narrativa histórica ou historiografia bíblica caracterizada por narração em prosa direta.

Esse gênero foi deliberadamente cultivado pelos escritores hebraicos, que o julgaram mais adequado para o registro de eventos históricos do que o gênero épico ou os anais que predominavam nas culturas vizinhas do Antigo Oriente Próximo, especialmente na Mesopotâmia (Alter e Kermode, 1997, p. 387).

A narração em prosa, por outro lado, propicia a flexibilidade linguística essencial ao relato histórico - uma narração livre, isolada, apresentada na terceira pessoa, abordando um dado acontecimento ou situação no passado (Klein, Hubbard & Blomberg, 2017, p. 522; Alter e Kermode, 1997, p. 387).

Segundo Lima (2014, p. 173-174), historiografia:

são narrações que relatam acontecimentos relacionados com a nação inteira e tem uma intenção religiosa, narrando os fatos de forma a ressaltar, em última instância, seu caráter de anúncio acerca de Deus, a relação entre as ações humanas e o plano de Deus e o juízo divino sobre a história.

## **8 COMENTÁRIO EXEGÉTICO<sup>4</sup>**

### **A genealogia de Esdras (v.1-5)**

<sup>1</sup>Depois destas coisas no reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, Esdras

---

<sup>4</sup> Tradução elaborada pelo autor.

filho de Seraías, filho de Azarias, filho de Hilquias, <sup>2</sup>filho de Salum, filho de Zadoque, filho de Aitube, <sup>3</sup>filho de Amarias, filho de Azarias, filho de Meraiote, <sup>4</sup>filho de Zeraías, filho de Uzi, filho de Buqui, <sup>5</sup>filho de Abisua, filho de Finéias, filho de Eleazar, filho de Arão o principal sacerdote.

O trecho dos versos 1-5 começa com uma fórmula típica de transição narrativa: “Depois destas coisas...”, situando o leitor no tempo do reinado de Artaxerxes. Em seguida, apresenta a genealogia de Esdras, conectando-o diretamente a Arão, o sumo sacerdote. Essa introdução estabelece a legitimidade sacerdotal e a autoridade religiosa de Esdras, preparando o terreno para sua missão.

Apesar de Esdras ser descrito como descendente de Arão, de linhagem sacerdotal, em nenhum momento há uma descrição detalhada de Esdras realizando sacrifícios ou rituais específicos como os que Arão fazia. Ou seja, Esdras não é apresentado como sacerdote em exercício litúrgico ao longo do capítulo 7 nem nos capítulos seguintes do Livro de Esdras. Ele aparece apenas como escriba e mestre da Lei. Desta maneira, infere-se que essa perícopa institui a transição do sacerdócio centrado no altar para a liderança centrada na Lei.

De acordo com Walton *et al.* (2018, p. 608) “Esdras precisava ser reconhecido como alguém com as credenciais apropriadas para que sua missão fosse aprovada e suas ações reconhecidas como lei.” Este autor também ressalta que, embora o texto não afirme que Esdras exerceu o ofício de sumo sacerdote, sua menção na linhagem de Arão destaca a relevância de sua herança sacerdotal. Ou seja, embora Esdras não fosse sumo sacerdote, sua descendência direta de Arão lhe conferia legitimidade genealógica para liderar o processo de restauração da comunidade com base na lei mosaica (Waltke, 2015, p. 873).

### **Caracterização de Esdras (v.6)**

<sup>6</sup>Este mesmo Esdras subiu da Babilônia e ele era um escriba versado na Lei de Moisés, dada pelo Senhor, Deus de Israel; de acordo com a mão do Senhor, seu Deus, que estava sobre ele, o rei concedeu tudo o que ele pediu.

Esdras é apresentado como escriba e profundo conhecedor da Lei de Moisés, alguém capacitado para interpretá-la e ensiná-la com autoridade. Tov (2017, p. 67 e 211) destaca que, de acordo com a tradição talmúdica, a escrita hebraica quadrática foi introduzida por Esdras, bem como provém de sua época um aparato de instruções para a escrita e leitura do texto bíblico chamado massorá.

Como escriba é bem provável que Esdras tenha sido um funcionário do governo persa. Era bastante comum nos governos do Antigo Oriente Próximo empregar pessoas capacitadas não apenas como secretários e escriturários, mas como diplomatas e advogados (Walton *et al.*, 2018, p. 608).

Lopes (2025, p. 111) relata que “o termo ‘escriba’ era originalmente empregado para descrever a posição do secretário de Estado (2 Sm 20.25) ou secretário particular da realeza (2 Sm 8.17; 2Rs 22.3-13). Sendo assim Esdras era algum tipo de oficial político.” Entretanto, apesar de ter conexões políticas com o governo persa, Esdras desfrutava da presença de Deus em sua vida e o fato de que “*a mão do Senhor, seu Deus, estava sobre ele*” fez com que o rei desse tudo o que Esdras o havia pedido. Hudson & Yates (2014, p.189) afirmam que “o Senhor usou o exílio na Babilônia para punir a nação e, depois, usou a tolerância religiosa dos reis persas para que Israel pudesse retornar ao lar.” Ou seja, independente de suas qualificações, foi a soberania e a providência de Deus que conduziram Esdras ao êxito no cumprimento da missão. No versículo 6, constata-se que a soberania de Deus guia o processo de Artaxerxes decidir conceder tudo o que Esdras pediu. O que parece concessão política é, na verdade, providência divina.

### **Viagem de Esdras e outros judeus a Jerusalém (v. 7-9)**

<sup>7</sup>Também subiram a Jerusalém alguns dos filhos de Israel, e dos sacerdotes, e dos levitas, e dos cantores, e dos porteiros, e dos servos do templo, no sétimo ano do rei Artaxerxes.<sup>8</sup>E chegou a Jerusalém no quinto mês, no sétimo ano do rei. <sup>9</sup>Então, no primeiro dia do primeiro mês ele começou a subida da Babilônia, e no primeiro dia do quinto

mês ele chegou a Jerusalém, conforme a boa mão de Deus sobre ele.

Os versículos 7-9 narram a viagem de Esdras e de um grupo de israelitas da Babilônia a Jerusalém, com datas precisas e menção explícita da mão de Deus sobre ele. Isso dá à narrativa um tom histórico e teológico, mostrando que a missão de Esdras é tanto humana quanto divinamente conduzida. Os versículos 8 e 9 descrevem que o sucesso da viagem de Esdras à Jerusalém está diretamente relacionado ao fato da boa mão de estar sobre ele. O fato de Esdras ser um líder que está debaixo da boa mão de Deus, lhe possibilitou a realização de coisas extraordinárias em nome de Deus para o povo de Deus (Lopes, 2025, p. 108-109).

### **Missão e motivação espiritual de Esdras (v.10)**

<sup>10</sup>Porque Esdras preparou o coração para buscar a lei do Senhor, e para executar e para ensinar em Israel estatutos e juízos.

O versículo 10 é o ponto alto da perícopa porque essa declaração resume a motivação, o propósito e a missão de Esdras, encerrando a unidade com clareza e profundidade espiritual. Esdras buscou diligentemente as Escrituras a fim de que pudesse viver de acordo com elas e ensiná-las a Israel, e por isso a mão do Senhor estava sobre ele. Ele tinha profundo desejo de estudar as verdades de Lei do Senhor, seu coração era voltado para a santidade e havia nele vontade de liderar o povo, ensinando-o sobre os estatutos e juízos da Lei do Senhor. Lopes (2025, p.113) afirma que:

O profundo conhecimento de Esdras, granjeado pelo seu acendrado estudo da lei de Moisés, não tinha o propósito apenas de ter luz na mente. Ele também colocou em prática o que aprendeu. Ele também colocou em prática o que aprendeu. Mas não parou aí. Ele ensinou aos outros o que conhecia e praticava. Esdras pregava aos ouvidos e aos olhos. Ele conhecia e fazia, fazia e ensinava.

Waltke (2015, p.873) enfatiza que “esse reformador se dedicou (lit. ‘dispôs seu

coração a buscar’) à Lei de EU SOU e a ensinar em Israel os estatutos e juízos da aliança mosaica”. Desta maneira, o seu interesse por dominar a Lei do Senhor terminou por expressar-se na forma de um ministério didático entre seu povo e seu exemplo definiu um padrão para os escribas judeus cuja tarefa era o estudo, a cópia e preservação bem como a exposição das Escrituras para as gerações futuras (Hyndson e Yates, 2014, p. 188; Hill e Walton, 2007, p. 303).

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perícope de Esdras 7.1–10 desempenha um papel essencial na construção teológica e narrativa do capítulo, estabelecendo as credenciais de Esdras e seu papel fundamental na restauração espiritual de Israel. A narrativa se apresenta como uma construção literária coesa, cujo objetivo é apresentar Esdras como uma figura legitimada geneologicamente, espiritualmente e politicamente.

A análise histórica contextualiza Esdras como escriba e líder autorizado pelo império persa, em consonância com práticas administrativas e religiosas documentadas em inscrições como o Cilindro de Ciro e a inscrição de *Udjahorresnet*. A política de repatriação e reorganização religiosa aplicada aos judeus, semelhante à de outros povos do império, demonstra o apoio dos reis persas à restauração religiosa e cultural sem abrir mão do controle político.

Sob a perspectiva teológica, a perícope evidencia que o êxito da missão de Esdras não se fundamenta unicamente em sua linhagem sacerdotal ou no respaldo do poder imperial, mas na atuação soberana e providencial de Deus. O texto apresenta Esdras como exemplo de liderança espiritual, caracterizada pelo comprometimento em buscar, aplicar e transmitir a Lei do Senhor, um modelo que se alinha profundamente ao ideal de fidelidade no contexto pós-exílico. A perícope se encerra com uma ênfase clara: a restauração plena de Israel tem como ponto de partida a centralidade das Escrituras na vida da comunidade.

### 9.1 APLICAÇÃO DA PERÍCOPE

A perícope mostra que Esdras carrega um compromisso com a restauração da identidade de um povo e a vida dele aponta para a importância de líderes espirituais que

estejam enraizados na Palavra e comprometidos com uma prática coerente. A tríade “buscar, praticar e ensinar” (v.10) encoraja todos que exercem influência, seja na igreja, na família ou na sociedade, a liderarem com integridade e consistência.

Esdras nos deixa um ótimo exemplo a ser seguido porque era um homem com o coração preparado e dedicado do Estudo das Escrituras e não se ateuve somente à estudá-la, mas ele também a colocou em prática na sua vida diária. Devemos proceder da mesma maneira, porque se nosso conhecimento das verdades reveladas na Palavra de Deus não resultar em obediência, em lugar de ansiarmos pelo Senhor, acabaremos cheios de orgulho. Esdras não apenas estudou a Palavra e obedeceu a ela, mas também ensinou a outros.

Por último, quando lemos a expressão “a mão do Senhor estava sobre ele”, somos lembrados de que o verdadeiro impacto no ministério não depende apenas de dons ou preparo, mas da presença de Deus que nos guia e sustenta. Isso encoraja cada um de nós a não colocarmos nossa confiança apenas em métodos ou estratégias, por mais bem elaborados que sejam. Antes de tudo, precisamos buscar a direção do Senhor com humildade e fé, certos de que é a mão dEle que abre caminhos, fortalece corações e dá frutos duradouros à missão que Ele nos confiou

## REFERÊNCIAS

- ALTER, Robert. **The art of biblical narrative**. New York: Basic Books, 1981.
- ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia Literário da Bíblia**. Trad. Raul Fiker, Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- ARAÚJO, Matheus Treuk Medeiros de. A “Inscrição dos Daivã” de Xerxes (XPh/OP): introdução crítica, tradução do persa antigo para o português e comentários. **Heródoto, Unifesp**, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
- BERLIN, Adele. **Poetics and interpretation of biblical narrative**. Sheffield: Almond Press, 1994.
- BLENKINSOPP, Joseph. The Mission of Udjahorresnet and Those of Ezra and Nehemiah. **Journal of Biblical Literature**, v.106, n.3, set.1987, pp.409-421. Disponível

em: <http://www.jstor.org/stable/3261065> acesso em 19.mai.2025.

DORSEY, David A. **Estrutura Literária do Antigo Testamento**: comentário de Gênesis a Malaquias. São Paulo: Vida Nova, 2024, 384p.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro**: um guia de estudo panorâmico da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2013, 527p.

FISCHER, Alexander Achilles. **O texto do Antigo Testamento – Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein**. Trad. Vilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, 339p.

GUSSO, Antônio Renato. **Os Livros Históricos**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2011, 136p.

HALLEY, Henry H. **Manual Bíblico**: um comentário abreviado do Bíblia. Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Vida Nova, 1998, 767p.

HILL, Andrew E.; WALTON, John H. **Panorama do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007, 684p.

HINDSON, Edward E.; YATES, Gary. **A Essência do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro, 2014, 440p.

KLEIN, William W.; HUBBARD JR, Robert L.; BLOMBERG Craig L. **Introdução à interpretação bíblica**. Trad. Maurício Bezerra Santos Silva. 1.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. 896p.

KUHRT, Amélie. **The Persian Empire: A Corpus of Sources from the Achaemenid Period**. London: Routledge, 2007.

LIMA, Maria e Lourdes Corrêa. **Exegese bíblica**: teoria e prática. São Paulo: Paulinas, 2014, 204p.

LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia**: História antiga de Israel. São Paulo: Paulus, 2003.

LOPES, Hernandes Dias. **Esdras: o escriba pregador**. São Paulo: Hagnos, 2025, 191p.

MOODY BIBLE INSTITUTE (org.). **Comentário Bíblico Moody**. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994.

OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Trad. Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. 767p.

PEETZ, Melanie. **O Israel Bíblico**: história, arqueologia, geografia. São Paulo: Paulinas, 2022, 328p.

PISANO, Stephen. **O texto do Antigo Testamento**. In: SIMIAN-YOFRE, Horacio (org). São Paulo: Edições Loyola, 2000, pp.39-71.

RYKEN, Leland. **Uma introdução literária à Bíblia**. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2023. 640p.

SILVA, Cássio Murilo D. da. **Metodologia de Exegese Bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

STECK, O. Hannes. Text Criticism. In: SWEENEY, Marvin A. (ed). **Atlanta**: Society of Biblical Literature, 1998.

TOV, Emanuel. **Textual Criticism of the Hebrew Bible**. Minneapolis: Fortress Press, 2001.

TOV, Emanuel. **Crítica Textual da Bíblia Hebraica**. 1.ed. Rio de Janeiro: bvbooks Editora, 2017, 475p.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**: uma abordagem exegetica, canônica e temática. São Paulo: Vida Nova, 2015, 1232p.

WALTKE, Bruce K.; O'CONNOR, Michael P. **An introduction to biblical Hebrew syntax**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1990.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2018, 1088p.

### “Nem por força, nem por poder.”

Uma Exegese de Zacarias 4:6-10 sobre a Capacitação do Espírito de Yahweh

Isabela Amorim da Silva<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente artigo realiza uma exegese detalhada do capítulo 4 do livro do profeta Zacarias, situando sua mensagem no contexto pós-exílico sob o domínio persa. A análise destaca a figura de Zorobabel, governador de Judá e descendente de Davi, como líder escolhido por Yahweh para reconstruir o Templo, simbolizando a presença divina entre o povo. O papel do Espírito de Deus é ressaltado como a força capacitadora que permite a conclusão da obra, conforme a profecia de Zacarias, que visa renovar a aliança de Deus com Israel após o exílio babilônico. O estudo também aborda aspectos textuais, culturais e históricos que contribuem para a compreensão da mensagem profética e sua relevância para o processo de restauração do povo judeu.

**Palavras-chaves:** Zacarias 4; Espírito de Deus; pós-exílio; reconstrução do templo; aliança.

#### ABSTRACT

This article presents a detailed exegesis of chapter 4 of the prophet Zechariah's book, situating its message in the post-exilic context under Persian rule. The analysis highlights the figure of Zerubbabel, governor of Judah and descendant of David, as Yahweh's chosen leader to rebuild the Temple, symbolizing God's presence among the people. The role of the Spirit of God is emphasized as the empowering force enabling the completion of the work, according to Zechariah's prophecy, which aims to renew God's covenant with Israel after the Babylonian exile. The study also discusses textual, cultural, and historical aspects that enhance the understanding of the prophetic message and its significance for the Jewish people's restoration process.

**Keywords:** Zechariah 4; Zerubbabel; Spirit of God; post-exile; temple reconstruction; covenant; prophecy.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Teologia pela FABAT; graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Carioca (Unicarioca); pós-graduanda em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) pela Unicarioca; pós-graduanda em Educação Cristã pelo Instituto Reformado de São Paulo.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo expor a exegese do capítulo 4 do livro do profeta Zacarias, pertencente ao cânon veterotestamentário. O livro é um produto pós-exílico, sendo contemporâneo do profeta Ageu, segundo sua datação interna. O livro é introduzido em Zacarias 1.1-16 e sua primeira parte, no qual se encontra o capítulo em questão, apresenta a renovação aliança de Deus com seu povo, recém liberto do exílio, através de oito visões e oráculos que a acompanham.

O capítulo 4 registra a quinta visão do profeta Zacarias. Diferentemente das demais visões, que geralmente são seguidas por oráculos (1.14–17; 2.6–13; 6.9–15), esta apresenta um oráculo inserido no interior da própria visão (4.6b–10a), conforme afirma Baldwin (1991, p. 73). O texto reforça a figura central de Zorobabel como líder judeu naquele contexto, dando destaque à ação poderosa do Espírito de Deus como capacitador da restauração. A quarta e a quinta visão são o ponto alto das profecias, apresentando os líderes escolhidos por Deus, revestidos de autoridade aos olhos da comunidade (Baldwin, 1991, p. 73).

## 2 TRADUÇÃO LITERAL<sup>2</sup>

### Zacarias 4

1- E voltou o anjo, falou comigo e me acordou como um homem que é acordado fora de seu sono.

2- E ele me disse: “Veja!” Então eu disse: “Eis que vejo um candelabro de ouro com uma tigela em cima do estande e sete lâmpadas e sete tubos.”

3- E duas oliveiras, uma tigela à sua direita e uma à sua esquerda.

4- Então eu respondi para o anjo que falou comigo: “O que são estes, meu senhor?”

5- E respondeu o anjo que falava comigo: “Você não conhece o que são estes?”, e eu disse: “Não, meu senhor.”

6- E ele respondeu para mim, dizendo: “Esta é a palavra de Yahweh para Zorobabel: Não por força, nem por poder, mas por meu Espírito, diz Yahweh, dos exércitos.

---

<sup>2</sup> A tradução literal, assim como as citações bíblicas presentes ao longo do artigo, foi elaborada pela autora.

7- Quem é você, grande Montanha, antes do Zorobabel? Você se tornará em pedra e ele produzirá a pedra angular, com gritos de graça.

8- Além disso, veio a palavra de Yahweh para mim, dizendo:

9’ “As mãos de Zorobabel lançaram base e estas mãos terminarão isso. E você conhecerá que Yahweh dos exércitos, me enviou a vocês.”

10- Quem desprezou o dia das pequenas coisas? Estes sete se alegrarão ao ver o prumo na mão de Zorobabel. Os olhos de Yahweh são os que fazem a varredura de um lado para o outro durante toda a Terra.

11- E eu respondi e disse: “O que são essas duas oliveiras no candelabro à sua direita?”

12- E eu repliquei a segunda vez e disse para ele: “O que são esses dois ramos de oliveira e os dois recipientes do qual é derramado em gotejamento o óleo dourado?”

13- E ele respondeu para mim e disse: “Você não conhece quem são estes?” E eu disse: “Não, meu senhor.”

14- Então ele disse: “Estes são os dois unguídos, que estão ao lado do Senhor de toda a Terra.”

### 3 DELIMITAÇÃO

O início do v.1 indica a volta do anjo do Senhor (שׁוֹב מִלְאָךְ דָּבָר) iniciando mais uma visão ao profeta Zacarias, após o encerramento da quarta profecia no v. 10 do cap.3. O texto pode ser dividido em três perícopes: (1) Zacarias 4.1-5- A visão de Zacarias sobre o candelabro de ouro e as duas oliveiras, (2) Zacarias 4.6-10 - Profecia de Yahweh à Zorobabel e, (3) Zacarias 4.11-14 - A explicação sobre a visão do candelabro e as oliveiras.

Em Zacarias 4.1-5, o anjo do Senhor apresenta um candelabro todo de ouro, que ficava no lugar santo, cf. Êxodo 25:31. Ao ter a visão, o profeta faz uma pergunta no v. 4 (Então eu respondi para o anjo que falou comigo: “O que são estes, meu senhor?”) que só é respondida ao final do capítulo, no v.14 (Então ele disse: “Estes são os dois unguídos, que estão ao lado do Senhor de toda a Terra.”)

Do v. 6 ao v.10, a palavra de Yahweh é dirigida a Zorobabel de forma profética, distinta da linguagem mais narrativa dos versículos anteriores, indicando, no v.9 que Zorobabel seria o responsável pela reconstrução do templo. De acordo com Baldwin, muitos comentadores

pensam ter sido parte de outra mensagem que originalmente não fazia parte do capítulo (1991, p. 95). Se essa parte fosse retirada do texto, o texto não perderia seu sentido e seguiria de forma fluida.

Na parte final do capítulo, do v. 11 ao 14, Zacarias interpela o anjo com mais questionamentos envolvendo a visão do início do texto. Como dito anteriormente, o anjo responde no versículo 14 o questionamento feito no capítulo 4.

O presente trabalho terá seu enfoque na perícope de Zacarias 4, 6-10 (Profecia de Yahweh à Zorobabel).

## 4 CRÍTICA TEXTUAL

O texto manuscrito da Bíblia hebraica foi transmitido ao longo de muitos séculos. Além disso, ele foi objeto, antes do séc. I de nossa era, de mudanças e acréscimos que espelhavam diversas tradições. O resultado é que existem diversas formas dos textos, que se evidenciam, por exemplo, no texto massorético, na tradução grega dos LXX e no Pentateuco Samaritano (Pisano, 2000, p. 39). Visto que nenhuma fonte textual contém o que poderia ser chamado de "o" texto bíblico, um envolvimento sério nos estudos bíblicos requer claramente a análise de todas as fontes, incluindo as diferenças entre elas (Tov, 2001, p. 2). Nesse aspecto, cabe à crítica textual, por meio do exame crítico da transmissão do texto hebraico, bem como das traduções antigas, localizar as inexactidões que surgiram ao longo da história (Steck, 1998, p. 40). Reconstruir a (provável) redação original a partir dos manuscritos atualmente conhecidos supõe realizar um trabalho crítico em duas direções: crítica externa e interna. Onde a última observa a articulação das ideias, uso das palavras, estilo, teologia (Silva, 2000, p. 45).

### 4.1 APARATO CRÍTICO

v.2

1. Na nota A, fragmentos de códices hebraicos da Guenizá da sinagoga Ben Ezra, do Cairo (Séc. V-IX), muitos manuscritos hebraicos medievais e muitas versões como Querê, estão cf. Zc. 4.2.

2. Na nota B, indica que no versículo 1 e como em muitos manuscritos hebraicos medievais, a LXX, a Peshita e o Tarfum possuem o substantivo  $\text{לְנֵי־לָמְפָא}$  (e com o recipiente).
3. Na nota C, no códice Sinaítico (Séc. IV), da LXX, o possui o substantivo  $\text{λυχνοι}$  (Lâmpada), provavelmente lido  $\text{לְנֵי־לָמְפָא}$  (candeia).
4. Na nota D do versículo 2, o substantivo  $\text{שֶׁבַע}$  (sete) foi omitido da LXX.

v.3

1. Na nota A do versículo 3, na parte a do versículo provavelmente será lido  $\text{יְמִינֵךָ}$  (mão direita), conforme lido no versículo 1

v.6

1. A nota A será conforme a nota B do versículo 10.

v.7

1. Na nota A, parte a do versículo 7, para ser lido  $\text{אֶת־הַהָר}$  (a montanha).
2. Na nota B, no texto original grego da LXX, o trecho “*και εξοισω τον λιθον [της κληρονομιας]*” (Tradução: E eu despejo a pedra - da herança) proposto (E ele fará surgir a pedra)  $\text{וְהוֹצִיאָ אֶת־הַאֲבֶן}$

v.9

1. A parte A do versículo 9 provavelmente foi adicionada.
2. Na nota B, no versículo 1, em fragmentos de códices hebraicos da Guenizá da sinagoga Ben Erza, poucos manuscritos hebraicos medievais, Peshita, Targum e Vulgata o verbo está  $\text{וַיְדַעְתֶּם}$  (e vós sabereis), conectando com a expressão  $\text{אֵלֵיכֶם}$  (para si).

v.10

1. Na nota A, é provável que o substantivo  $\text{הַבִּנְיָל}$  (prumo) esteja corrompido, mas está conforme  $\text{הָרְאֵשׁוֹת}$  (Topo) do versículo 7.

2. Na nota B, deste ponto do v.10 até o fim do versículo 14, o texto conecta-se com o versículo 6, bloco A, e está ligado ao substantivo זְרֹבָבֶל (Zorobabel)

v.11

1. Na nota A, assim como no códice de Leningrado B19a em sua escrita original, em muitos manuscritos hebraicos medievais e na edição do texto bíblico hebraico segundo B. Kennicott, o pronome הָאֵלֶּה (estes, estas) aparecem nessa forma.

v.12

1. Nota A - O versículo 12 foi adicionado.

Na nota B, a parte B do versículo 12 é corrompida e é proposto pelos editores em outros escritos מְרִיקִים מֵעֲלֵיהֶם אֶת־הַיֶּצֶקֶר לְגִרוֹת הַזֶּהָב אֲשֶׁר בַּיָּד שְׁנֵי צִנְתָּרוֹת הַזֶּהָב (Eles derramam sobre eles o azeite para as lâmpadas de ouro que estão nas mãos das duas câmaras de ouro.), em outro בִּיר (poço) (em vez de הַזֶּהָב (o ouro)) שְׁנֵי צִנְתָּרוֹת הַזֶּהָב מֵעֲלֵיהֶם הַיֶּצֶקֶר (Dois recipientes do ouro eles derramam sobre eles o azeite.)

#### 4.1.1 Aplicação da crítica textual indiciária

De acordo com a perícopé de Zacarias 4, 6-10 é possível perceber pontos no texto que auxiliam em sua compreensão. No v.9, a possível adição da parte A sugere acréscimos no texto, ampliando sua mensagem original, mesmo sem comprometer seu sentido. O texto traduzido da forma original ficaria: “As mãos de Zorobabel lançaram base e estas mãos terminarão isso.” (יָדַי זְרֹבָבֶל יִסְדּוּ הַבַּיִת הַזֶּה וְיָדָיו תִּבְצָעֶנָּה). O acréscimo ao versículo, com o verbo וַיִּדְעָתֶם (“e vós sabereis”), que está presente nos manuscritos de Guenizá e algumas outras versões hebraicas antigas, Peshita, Targum e Vulgata e a expressão אֵלֶיכֶם (para si), conectando-se a essa mensagem, indicam um direcionamento ao povo, acompanhado pela autoridade e poder Yahweh, trazendo uma mensagem de confiança.

A possível corrupção do substantivo הַבְּרִייל (prumo) e sua conexão com הָרֵאשִׁיטָה (topo) encontrado no versículo 7 chamam a atenção para a necessidade de uma leitura textual cautelosa, pois essas variantes podem influenciar o entendimento do texto, principalmente seu simbolismo. Almeida (2009) afirma que o livro do profeta Zacarias é admitido como

controvertido, sendo chamado de um texto obscuro, sendo de difícil interpretação. Por esse motivo é necessário a atenção.

Ao final da perícopes, o aparato crítico indica que o trecho final do v. 10 até o v. 14 possuem uma conexão com o v.6, dando um enfoque em Zorobabel, corroborando com a unidade temática da perícopes, que atribui ao líder a capacitação dada pelo Espírito de Yahweh

## **5 COESÃO INTERNA DA SUA PERÍCOPE**

A repetição dos termos יהוה צבאות (YHWH dos Exércitos), זְרוּבָבֶל (Zorobabel) e הָאֶבֶן (a pedra) contribuem para a ideia central da perícopes, que está focada na reconstrução do templo de Yahweh e a capacitação dada pelo Espírito de Yahweh à Zorobabel, além da supervisão divina por intermédio do Senhor, conforme o v.10. O ו (vav conjuntivo) aparece nessa perícopes dez vezes, como elo entre as ideias do texto.

### **5.1 ESTRUTURA**

A estrutura da perícopes de Zc 4, 6-10 está de acordo com a análise do aparato crítico realizado noutra parte do trabalho (3.1)

#### **Profecia de Yahweh à Zorobabel (Zc 4, 6-10)**

##### **1- Início do oráculo a Zorobabel (v.6)**

- Início profético: “Então ele respondeu e me disse”
- Palavra de Yahweh a Zorobabel: “Não por força, nem por poder”
- Foco na ação do Espírito de Yahweh “mas por meu Espírito, diz Yahweh, dos exércitos.”

##### **2- Oposição e vitória (v.7)**

- A grande montanha sendo questionada e se tornando uma mera pedra diante de Zorobabel. “Quem é você, grande Montanha, antes do Zorobabel?”
- Vitória: “Você se tornará em pedra e ele produzirá a pedra angular, com gritos da graça.”

##### **3- Confirmação da missão de Zorobabel e o envio profético (v.8 e 9)**

- Reafirmação profética: “Além disso, veio a palavra de Yahweh para mim, dizendo...”
- A missão de Zorobabel: “As mãos de Zorobabel lançaram base e estas mãos terminarão isso.”

- Cumprimento e confirmação de Zacarias como profeta: “E você conhecerá que Yahweh dos exércitos me enviou a você.”

#### **4- O início das pequenas coisas e a supervisão divina (v.10)**

- Exortação: “Quem desprezou o dia das pequenas coisas?”
- Alegria na conclusão: “Estes sete se alegrarão ao ver o prumo na mão de Zorobabel.”
- Supervisão divina: “Os olhos de Yahweh são os que fazem a varredura de um lado para o outro durante toda a Terra.”

## **6 ANÁLISES**

### **6.1 ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL**

A perícopes está inserida no contexto pós-exílico, no período persa, durante o reinado de Dario I (522-486 a.C.). O nome de “Zacarias” significa “Yahweh se lembra” ou “Yahweh se lembrou”, o que coincide com a ideia central do livro: após o decreto de Ciro em 539 a.C., iniciou-se um processo de reconstrução nacional, após retorno dos judeus do exílio Babilônico, mostrando que Deus não havia se esquecido do seu povo e de sua Aliança.

Zacarias foi contemporâneo do profeta Ageu, durante o ano de 520 a.C. Ambos profetizaram acerca da reconstrução do segundo Templo de Yahweh. No entanto, conforme afirma Baldwin, suas mensagens possuem enfoques diferentes: “Há um contraste marcante entre Ageu e Zacarias, seu contemporâneo. Se Ageu foi o construtor, responsável pela estrutura sólida do novo templo, Zacarias foi o mais artista, acrescentando vitrais coloridos cheios de simbolismo, alegria e luz.” (Baldwin, 1991, p. 44). Enquanto Ageu conclamou o povo à reconstrução material do templo, Zacarias convocou a nação à restauração espiritual, profetizando tanto a respeito da realidade presente quanto de eventos futuros.

Após cerca de vinte anos de conquistas e domínio sobre a Babilônia, Ciro torna-se o governante de um império mundial. O cenário político na época era favorável para que a missão dada por Deus fosse realizada. De acordo com Lasor, Hubbard e Bush:

Sob domínio dos persas (539-331), Judá fazia parte da satrapia conhecida como “Além do Rio”, i.e., além do Eufrates (da perspectiva dos persas). A política persa vigente era conceder considerável autonomia local. Assim, os

judeus podiam ter o próprio governador local (mas não um rei), subordinado ao grande sátrapa, o governador provincial persa (1999, p. 430).

Com uma postura sincrética, Ciro declarou, conforme registrado em Esdras 1.1-4, que o Deus do céu o encarregara de construir uma casa em Jerusalém (Ed 1.2). Um registro útil do edito de Ciro, com base em descobertas arqueológicas, é apresentado por Baldwin: “Possam todos os deuses que eu recoloquei em seus santuários receber uma oração diária em meu favor...” (Baldwin, 1991, p. 12). Com esse objetivo, os judeus retornaram para Jerusalém a fim de reconstruir o Templo.

Por volta de 530 a.C, Ciro faleceu, possivelmente durante uma expedição militar, deixando seu grande império para Cambises. No entanto, após saber de uma possível traição e usurpação do trono, Cambises pôs fim à sua vida. Sem sucessor direto ao trono, Dario, filho do governador de Susã, ascendeu ao trono. Após embates acirrados, devido à rebelião nas regiões do império, Dario firma seu trono no ano de 520 a.C., ano que Zacarias começa a profetizar (Baldwin, 1991, p. 13).

O governador de Judá, Zorobabel, de linhagem davídica, e o sumo-sacerdote, Josué, assumiram a responsabilidade pela reconstrução do Templo. Devido ao profundo simbolismo que o Templo carregava, a reconstrução estava ligada à honra de Yahweh. Segundo Baldwin, para o profeta Ezequiel havia uma relação intrínseca entre a Aliança do Senhor e o templo (Baldwin, 1991, p. 16). (Ez 37: 26) O sinal externo da presença de Deus era o Templo e por isso dúvidas se levantaram quanto à presença de Yahweh entre o povo.

A profecia de Zacarias surge como uma palavra de encorajamento. O v.6 anuncia com esperança que a obra seria concluída através da ação poderosa do Espírito de Yahweh, não por poder ou força. A presença de Zorobabel, como um líder de linhagem davídica, reforçava a ideia de que Deus não havia se esquecido de suas promessas, perpetuando de forma soberana a aliança feita à Davi, mostrando e comprovando sua fidelidade.

## 6.2 ANÁLISE DA MATERIALIDADE

Como dito noutro ponto deste trabalho (5.1), os habitantes da província de Judá estavam desesperançosos devido ao cenário de incerteza em que viviam. Apesar do decreto de Ciro, em 539 a.C., que permitia a volta para Jerusalém e a reconstrução do templo, os planos não avançaram como esperado, gerando uma crise entre os judeus. A descoberta arqueológica do

cilindro de Ciro em 1879, durante escavações arqueológicas na Babilônia, foi liderada pelo arqueólogo britânico Hormuzd Rassam. Atualmente exposto no Museu Britânico, o cilindro de Ciro traz consigo um significado político e social. Segundo Fester (2024):

O texto do cilindro proclama a libertação dos povos oprimidos e a restauração de seus templos e tradições, refletindo uma abordagem inovadora para a governança na época. Ciro II é frequentemente elogiado por sua habilidade em unificar um vasto império, respeitando as culturas e religiões dos povos conquistados.

O cilindro de Ciro registra a queda Babilônica, por uma perspectiva persa, registrando Ciro como soberano escolhido pelos deuses:

Através de todas as terras Marduk (Marduque) procurou um príncipe justo, segundo o seu próprio coração, a quem ele tomou pela mão. A Ciro, rei de Anshan, ele chamou por nome: à soberania do mundo inteiro o designou. ... Marduk, o grande Senhor, guardião de seu povo, viu com alegria os feitos gratiosos de Ciro, e o seu coração justo. E lhe deu ordens para ir à cidade de Babilônia [...] Sem batalha ou conflito, Marduk fê-lo entrar na Babilônia. Salvou a sua cidade, Babilônia, de qualquer calamidade. Nabonido, o rei, que não o reverenciou, Marduk entregou nas mãos de Ciro (1958, p. 283).

Essa descoberta confirmou a existência de um decreto semelhante, embora sem mencionar Judá ou Yahweh e fazendo referência ao deus Marduk, é notável que Yahweh tenha conduzido as vitórias de Ciro. Por intermédio dessa ótica, os profetas compreenderam que Deus também estava orquestrando o retorno do povo para Jerusalém com o objetivo de reconstruir o templo.

## **7 GÊNERO LITERÁRIO**

O texto de Zacarias 4, 6-10 faz parte de uma unidade fechada composta de oito capítulos (Zc. 1-8). Conforme a análise de Baldwin (1991, p. 58), a compreensão desses capítulos apresenta pouca dificuldade, pois são vistos como profecias genuínas do profeta. As oito visões noturnas foram agrupadas em um padrão quiástico, sendo uma proposta exegética moderna, onde a primeira profecia e a última possuem uma mensagem muito parecida, a segunda, terceira e sexta são pares e a quarta e a quinta, como ponto alto das profecias, apresentam os líderes

escolhidos por Deus e sua missão (padrão *a b b c c b b a*). Embora o tema escatológico apareça com menos frequência nessa primeira parte, as profecias desse bloco possuem características do gênero apocalíptico.

No texto bíblico, a literatura profética apresenta estreita relação com a literatura apocalíptica. Embora apenas um livro do Antigo Testamento seja formalmente classificado como uma literatura apocalíptica, os textos do profeta Zacarias apresentam traços característicos desse gênero, conforme afirmam Lasor, Hubbard e Bush (1999, p. 444). A presença do anjo de Javé como mediador ou intérprete, as visões acompanhadas de oráculos com predições futuras e imagens simbólicas corroboram essa identificação

## 8 COMENTÁRIO EXEGÉTICO

### 8.1 INÍCIO DO ORÁCULO A ZOROBABEL (V.6)

6 E ele respondeu para mim, dizendo: “Esta é a palavra de Yahweh para Zorobabel: Não por força, nem por poder, mas por meu Espírito, diz Yahweh, dos exércitos.

“*Esta é a palavra de Yahweh para Zorobabel: [...]*”. Após a visão do candelabro e das duas oliveiras do v. 1 ao 5, o anjo direciona sua mensagem para Zorobabel. Zorobabel era filho de Sealtiel, neto do rei Joaquim (cf. Esdras 3.8), descendente de Davi e governador da província de Judá. No retorno do exílio Babilônico estava no primeiro grupo de exilados, assim como o profeta Zacarias, de acordo com André Coelho (2015, p. 272). Na visão anterior, Josué recebeu uma mensagem, agora Zorobabel seria o receptor.

“*[...]Não por força, nem por poder, mas por meu Espírito, diz Yahweh, dos exércitos.*” A reconstrução do templo não seria realizada nem por força (חַיִל - Heb *hayil*) e nem por poder (קוֹחַ - Heb *koah*). O termo *hayil* está vinculado ao termo militar para bravura, conforme afirma Baldwin (1991, p. 97). O termo *koah* significa vigor, habilidade, conforme os textos de Gênesis 49.3 (ACF) ( וְרֹאשִׁית אוֹנִי בְּכָרִי אֶתָּה כֹּחִי ) - “Rúben, tu és meu primogênito, minha força e o princípio de meu **vigor**, o mais excelente em alteza e o mais excelente em poder.”<sup>3</sup> Em outras palavras, a reconstrução não seria feita por coragem, vigor ou habilidade humana, mas pela ação do

---

<sup>3</sup> **BÍBLIA SAGRADA**. Edição Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

Espírito de Yahweh. O termo em hebraico é *rúah* que significa “sopro”, “vento” ou “Espírito”. A palavra ocorre nas passagens de Gênesis 1.2; 1 Samuel 16:14 e Jó 12:10, como representação do Espírito de Yahweh como capacitação e estabelecimentos dos desígnios do Senhor.

## 8.2 - OPOSIÇÃO E VITÓRIA (V.7)

7 Quem é você, grande Montanha, antes do Zorobabel? Você se tornará em pedra e ele produzirá a pedra angular, com gritos de graça.

*“Quem é você, grande Montanha, antes do Zorobabel? Você se tornará em pedra[...].”* O termo *הַר* (*har*, “montanha”) possui uma característica simbólica no texto profético. Exemplifica, de maneira metafórica, as dificuldades e desafios que Zorobabel passaria em relação à reconstrução do templo, de maneira política, social e cultural. Em contato com a ação do Espírito de Yahweh, esses desafios seriam destruídos e superados, tornando-se apenas “pedras”, “entulhos”.

*“[...]e ele produzirá a pedra angular, com gritos de graça.”* A expressão “pedra angular” (*אֶבֶן חַיְמָה* – *even ha-roshah*) tem por significado a conclusão da construção da edificação. Conforme Baldwin (1991, p. 98):

O argumento mais forte a favor de uma pedra que completa a construção é a exigência do sentido do contexto. O fundamento será lançado (v.9), e agora se trata da promessa de que a construção será concluída. [...] Sua conclusão é um símbolo da vitória do Espírito de Deus (v.6).”

## Viagem de Esdras e outros judeus a Jerusalém (v.7-9)

<sup>7</sup>Também subiram a Jerusalém alguns dos filhos de Israel, e dos sacerdotes, e dos levitas, e dos cantores, e dos porteiros, e dos servos do templo, no sétimo ano do rei Artaxerxes. <sup>8</sup>E chegou a Jerusalém no quinto mês, no sétimo ano do rei. <sup>9</sup>Então, no primeiro dia do primeiro mês ele começou a subida da Babilônia, e no primeiro dia do quinto mês ele chegou a Jerusalém, conforme a boa mão de Deus sobre ele.

De acordo com Gruenwald, a simbologia da Pedra e da Rocha, na Bíblia Hebraica,

aparecem em paralelismo com os nomes divinos como Elohim e até mesmo o Tetragrama (*YHWH*). Gruenwald (1996, p. 428-449) diz:

Como em vários desses casos a palavra *tsur* [rocha] é, na verdade, sinônima ou paralela a *Elohim* e até mesmo ao *Tetragrama*, é razoável argumentar que todos esses nomes divinos podem ser tratados no mesmo nível conceitual.

A ideia de Deus como a Pedra (heb: *even*) é apresentada da seguinte forma:

Deus é chamado, embora com menos frequência, de 'pedra': 'pelo nome do Pastor, a Pedra [hebraico: *even*] de Israel' (Gn 49.24); 'A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular' (Sl 118.22). A diferença implícita entre 'rocha' e 'pedra' não é substancial: os dois termos pertencem ao mesmo campo semântico. Assim, seja qual for o contexto e o modo de interpretação, eles compartilham uma estrutura conceitual semelhante (1996, p. 428-449).

Esse paralelismo sugere a presença de Deus no mundo, não apenas como símbolo de uma construção, mas apresentando Deus como o principal alicerce. Com o cumprimento da ação divina, os “gritos de graça” são a expressão conjunta daqueles que presenciaram a finalização da reconstrução do templo e a consumação do favor de Deus.

### 8.3 CONFIRMAÇÃO DA MISSÃO DE ZOROBABEL E O ENVIO PROFÉTICO (V.8 E 9)

8 Além disso, veio a palavra de Yahweh para mim, dizendo: 9 “As mãos de Zorobabel lançaram base e estas mãos terminarão isso. E você conhecerá que Yahweh dos exércitos, me enviou a vocês.

“*Além disso, veio a palavra de Yahweh para mim, dizendo [...]*” Esse trecho reafirma e confirma o chamamento de Zorobabel para a missão por intermédio do Senhor.

“*[...] As mãos de Zorobabel lançaram base e estas mãos terminarão isso. E você conhecerá que Yahweh dos exércitos, me enviou a vocês.*” Zacarias emite a mensagem de Yahweh com a certeza de que Zorobabel concluirá a reconstrução do Templo, e através do

cumprimento da profecia, sua autoridade como profeta será validada perante o povo.

#### 8.4 O INÍCIO DAS PEQUENAS COISAS E A SUPERVISÃO DIVINA (V.10)

10 Quem desprezou o dia das pequenas coisas? Estes sete se alegrarão ao ver o prumo na mão de Zorobabel. Os olhos de Yahweh são os que fazem a varredura de um lado para o outro durante toda a Terra.

*“Quem desprezou o dia das pequenas coisas?”* Após a oposição promovida por grupos pró-Pérsia, que, conforme pontua Baldwin, questionaram a autorização dada por Ciro aos judeus (Baldwin, 1991, p. 13), Dario I proibiu a interferência na reconstrução, garantindo recursos para que ela prosseguisse (cf. Esdras 5:6 - 6:12). Mesmo assim, essa oposição contribuiu para o desânimo do povo. Outro motivo desanimador é relatado em Ageu 2, onde o povo lamenta pela comparação entre o esplendor do primeiro tempo e a modéstia do novo provocando frustração. Deus exorta-os, convidando-os a não desprezarem o início das primeiras coisas.

*“Estes sete se alegrarão ao ver o prumo na mão de Zorobabel.”* Deus estava garantindo ao seu povo que Zorobabel seria o supervisor da obra até o final e que após, eles ficariam alegremente surpresos. Conforme notas apresentadas em outra seção deste trabalho (3.1), o substantivo *prumo* (הַבִּנְיָן) esteja possivelmente corrompido. Para corroborar com essa afirmação Baldwin afirma:

Essa tradução se baseia em antigas versões gregas, latinas e aramaicas, e não no hebraico, que usa o termo técnico “prumo”, mas uma estranha justaposição de dois substantivos, “a pedra o estanho” [...] Uma versão inglesa faz “a pedra chamada Separação”, que faz paralelo com “a pedra chamada Posse” (v.7). [...] A pedra, então, simboliza a natureza separada, “santa”, da comunidade judaica (1991, p. 99).

Assim então, o povo separado se alegraria após a colocação da última pedra, conforme no versículo 9, como coroa de toda a reconstrução.

*“Estes sete”* possivelmente esteja fazendo referência às sete lâmpadas que aparecem no versículo 3. Conforme o simbolismo que o número sete carrega como perfeição, se entrelaça com a mensagem do texto em relação a perfeita obra do Senhor e a presença da sua obra no templo (Baldwin, 1991, p. 99). O versículo termina com a supervisão divina sobre toda a obra.

Zorobabel seria um instrumento de Deus para que a obra fosse supervisionada e concluída.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perícopes de Zacarias 4, 6-10 tem como mensagem central a capacitação do governador Zorobabel, o encorajamento do povo pós-exilado e a confirmação profética de Zacarias, acompanhado com o cumprimento da profecia da reconstrução do Templo. Através de simbolismo, o profeta transmite a mensagem de Yahweh a Zorobabel, destacando que a força necessária para a obra viria através do Espírito de Deus. A análise textual pontuou que a passagem está inserida em uma unidade literária bem estruturada, que com coesão, transmitem a mensagem da ação divina através da História.

Por intermédio da crítica textual foi possível identificar acréscimos, como por exemplo o v. 9, onde possivelmente a primeira parte possa ter sido adicionada para reforçar a autoridade profética de Zacarias e a missão de Zorobabel. A suspeita de corrupção no termo *prumo*, no versículo 10, evidencia a importância da análise. Embora essas variantes, a mensagem da perícopes não perdeu seu sentido primário, mantendo sua integridade: Yahweh está no controle, supervisionando e conduzindo a obra, mantendo a aliança com o seu povo e usando homens capacitados pelo seu Espírito.

Foi possível compreender o cenário político e o desânimo espiritual através da análise histórico-cultural e da materialidade. O decreto de Ciro e o apoio de Dário I pareciam não ser suficientes para que o povo mantivesse a esperança em sua missão. Por esse motivo, a profecia serviu como um encorajamento aos judeus pós-exilados, de que Deus está atuando no meio das pequenas coisas e que a valorização de Deus, diferente da humana, não está nas coisas grandiosas aos olhos. A aliança feita com Davi foi mantida, preservada e continuada através da vida de Zorobabel.

Concluo pontuando que a perícopes nos exorta e convida a confiar na ação poderosa de Deus através da atuação do seu Santo Espírito, mesmo em meio às dificuldades, lembrando que Deus é quem fortalece-nos, demonstrando sua fidelidade e graça.

### 9.1 APLICAÇÃO DA PERÍCOPE

Podemos aplicar a perícopes de Zacarias 4, 6-10 dividindo-a em três pontos:

**1- A capacitação é pelo Espírito de Deus (v.6):** Quando Deus nos chama para realizarmos algo que faz parte dos seus planos e vontade, por falta de fé e de visão acabamos atribuindo o mérito da realização à nossa força humana. No texto, vemos que o capacitador, o poder e mantenedor da obra é o Espírito Santo de Deus. No Novo Testamento, é visto que a Igreja de Cristo começa a sua missão após a descida do Espírito Santo de Deus. Por esse motivo, quando somos chamados por Deus, devemos entender que é o Espírito que conduz todas as coisas.

**2- Os desígnios de Deus são concluídos, independente das circunstâncias (v. 7-9):** Da mesma forma, é crucial compreender que os planos do Senhor não podem ser frustrados. Assim como Deus garantiu a Zorobabel que as suas mãos terminariam a reconstrução, mesmo diante da oposição social, política e cultural, hoje Deus nos garante que Ele será o responsável por cumprir, em nós, o que Ele determinou.

**3- Não despreze o início das pequenas coisas e glorifique a Deus:** Ter fé é enxergar o futuro com esperança em Deus. O maior problema dos judeus, nesse contexto, é que, devido às adversidades, estavam sem confiança no Senhor, e o resultado era: desprezar o que estava começando. Nossa falta de fé, muitas vezes, nos leva a descrever no que Deus está fazendo e há de concretizar em nossas vidas. Quando cremos, glorificamos a Deus não somente no final, mas também durante o processo. Deus não permite que nada saia do seu controle. Ele tem o domínio de tudo, pois é o Senhor de toda a Terra.

Neste trabalho se afirma que, da mesma forma que Deus fez na vida do profeta Zacarias, Zorobabel e todo o povo da província de Judá, é capaz de realizar ainda mais em nossas vidas. Mas, para isso, é necessário que lembremos da promessa de Jesus ao ascender aos céus, onde afirmou, categoricamente, que estaria conosco todos os dias, até o fim dos tempos. Hoje, com o Consolador em nossas vidas, somos capacitados com dons, produzindo frutos, para que a obra de Deus seja concluída, a missão executada e Cristo volte para nos buscar. Vem, Senhor Jesus!

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernando Py Murta de. Introdução a Zacarias: controvérsias e dificuldades interpretativas. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 12–18, 2009. DOI: [10.17851/1982-3053.3.4.12-18](https://doi.org/10.17851/1982-3053.3.4.12-18). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13982>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- BALDWIN, Joyce G. **Ageu, Zacarias e Malaquias**: introdução e comentário. 3. ed. São Paulo:

Mundo Cristão, 1991.

BÍBLIA SAGRADA. **Edição Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

COELHO, André. **Redescobrimo sua Bíblia**. 3 ed. Santo André: Geográfica, 2015, p. 272

CRABTREE, A. R. **Arqueologia bíblica**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1958.

Ilustração 88: Cilindro de Ciro, em: FINEGAN, Light from the Ancient Past, p. 191, p. 283.

FESTER, Heitor. O que é Cilindro de Ciro: história e importância. **Historic Text**, 14 nov. 2024.

Disponível em: <https://historictext.com/glossario/o-que-e-cilindro-de-ciro-historia-e-importancia/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

GRUENWALD, Ithamar. God the "Stone/Rock": Myth, Idolatry, and Cultic Fetishism in Ancient Israel. **The Journal of Religion**, v. 76, n. 3, p. 428–449, 1996.

LASOR, William Sanford; HUBBARD, David Allan; BUSH, Frederic William. **Introdução ao Antigo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.